

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Paola Figueiredo dos Santos Souza

OS ÚLTIMOS DIAS DA “LIXEIRA”:

ética ambiental e seus reflexos sobre

os catadores de lixo

Niterói

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Paola Figueiredo dos Santos Souza

OS ÚLTIMOS DIAS DA “LIXEIRA”:

ética ambiental e seus reflexos sobre

os catadores de lixo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Linha de Pesquisa: Etnografia Urbana.

Orientador: Marco Antonio da Silva Mello

Niterói

2011

Banca Examinadora

Prof^o Dr. Marco Antonio da Silva Mello (Orientador)

Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a. Neiva Vieira da Cunha

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof^a Dr^a. Monica Dias de Souza

Fundação Oswaldo Cruz

Prof^a Dr^a. Letícia de Luna Freire (CAPES-PNPD)

Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a. Simoni Lahud Guedes (Suplente)

Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a. Rafael Soares Gonçalves (Suplente)

Pontifícia Universidade Católica

Ao João Luiz, ao Francisco e
as crianças da catação de lixo

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Siqueira e Marta, pelo apoio incondicional em todas as escolhas da minha vida. A eles sou grata por nossas casas “cheias”, onde toda hora é válida para um “café fresco” e para muitas “emoções suburbanas”.

A meu marido Rodrigo, agradeço a construção de uma família, colocando o “amor na capa da agenda”.

A meu querido irmão Pablo, cujo amor e união são indissolúveis, uma pessoa única.

A minha avó Adenir, que está sempre na linha de frente dos momentos mais marcantes de minha história, com sua luz e sorrisos.

Ao professor Mello, que admiro desde a graduação, como verdadeiro exemplo de antropólogo e professor. Agradeço imensamente sua afetuosa acolhida se traduzindo em orientador valioso, com inigualável espírito de coletivo e semeador de conhecimentos.

Aos queridos Nane, Gustavo, Lucas, Laís, Vaninha, e os primos Rafael, Thiago, tia Vera e todos os familiares.

Aos igualmente queridos, tio Doardo e tia Cláudia, meus primos Bernardo e Bráulio e minha prima Ludmila.

A minha cunhada Anna Luiza, que se tornou uma grande amiga, parte da família.

A minha divertida Sogra e sua alegria de viver. Ao cunhado Léo, pelos sambas da vida. À Ezinha, Dani, Neto, Mari, Gabi, Totóia e Zequinha, e a toda nova família.

Ao José Luiz, dos acontecimentos mais divertidos, pelo carinho, junto da Iolanda, “Rozinha”. Aliás, tenho a sorte de ter incontáveis segundos pais, em especial, Kátia e Carlinhos e Jorge e Marise, que estão sempre presentes e divido os melhores dias.

Completando a “família extensa”: Lai e Dita, Assueres, e todos os filhos desses tios. Os filhos são meus grandes amigos de infância, a Francyne, verdadeira amiga, Láiza, amiga do peito, Bebê, e tantos outros, Carla, Marcelo, Marceli, Carlinha, Monique, Lígia, Wagner, João, Robson, Marlon, Max, Juliana, Ricardo, Beto, Meri, Isabela, Carol, Tiago, Telminha, Paulinha, Manoel, Fernanda, Vítinho, Renatinha, Fernando, Patrícia, Bebeto, Maria Elisa, Jô Grassini, Gláucia, Dudu, Danielle, Bruna, Evelyn, Fabiana (e família), e demais amigos.

Ainda, Mãe Preta, Ana, Sirval, Wlamir, Mara, Rosângela, Ladislau, Eliezer, Tânia, Deise, Marcos, Humberto, Solange, Donato, Jocélia, Monteiro, Zé Luiz, Eliane, Gilda, Noreli, Marisete, Neuma, Regina, Jorge, Bethânia, Dinamércia, Gilberto, Cida, Vanessa e muitos outros.

À Juliana, amiga desde o colégio, sua prima Rafa, Kátia e Júlio.

Aos colegas da graduação, em especial, ao amigo Leandro e a amiga Aline.

Aos colegas do mestrado, a toda a turma, Pedro Pio, Gleice, Leif, Pedro, Mauro, Camila, Carol, Nestor, Priscila.

Aos amigos de Minas, Aninha, Ramon, Isabela, Léo, Beth e tantos outros do movimento estudantil, em especial do Espaço Saúde.

Aos novos amigos e colegas de trabalho, Flávia, Assaf, Alline, Léo, Bia, Telma e todos outros, em especial à Tata, pela gentileza de revisão na etapa final desta dissertação.

Aos professores que foram espelho em minha vida: Lisete e Marquinhos.

Aos professores que passaram durante toda trajetória acadêmica, Tânia Stolze, Antonio Rafael, Glaucia Silva, Tânia Neiva, Marília Sales, Marcos Otávio, e todos os demais, muitos deles contribuindo com ensinamentos desde meu primeiro dia de graduação, até hoje, estando na mesma instituição.

Aos professores do mestrado, Delma Pessanha, Julio César, Ana Cláudia, Jair Rodrigues e todos que me encaminharam por essa vereda da qual resulta esta dissertação.

Agradeço imensamente aos professores Neiva Vieira, Hélio Silva, Mônica Dias e Letícia Luna, por toda dedicação e atenção à minha dissertação e ao meu tema de pesquisa, e suas participações em minha banca de defesa.

Desse modo, agradeço à Universidade Federal Fluminense, ao Departamento de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Agradeço imensamente ao CAPES, pela bolsa de pesquisa por todo período do mestrado.

Agradeço ao Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro), e dessa forma, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos seus pesquisadores e colaboradores, pelo aprendizado constante.

Agradeço, em especial, a Demi, Ana e Marlene. À tia Dinete, Cremilda, Martinha e tia Ném.

Agradeço a todos que me acompanharam nos caminhos de Itaoca, e à Margarida e Penha.

Aos meus ex-alunos, meu sincero carinho.

A todos que contribuíram de alguma forma em minha vida.

Isso é o que dá viver catando lixo
Que falta de educação, mané
Que tal criar vergonha, quem já viu ser
Transportadora de bicho-de-pé

Na Secretaria há uma enorme preocupação
Com a nova epidemia que ameaça a população
Pois o infeliz parece um mutante
Quando ele anda o que se vê
Segundo a Secretária faz dó
O pobre é uma malha ferroviária ambulante

Sua Excelência, o Prefeito, homem de coração
Se declarou perplexo e horrorizado
Tanto que já mandou tomar providências
Todo Lixão será protegido por vigilantes armados
Que vão entregar cartilhas aos pés-inchados

(Chico Science/Nação Zumbi
“Édipo, o Homem que virou veículo”)

Resumo

Esta pesquisa é uma etnografia sobre o Lixão de Itaoca, em São Gonçalo, pertencente à região metropolitana do Rio de Janeiro. Tem como referência essa área de conflito ambiental, com a expansão do aterro à reserva ecológica. A transformação do lixão em aterro e o conseqüente fim da atividade da catação de lixo são vistos como um processo atual que afeta diretamente a população local. Desta forma, é sobre questões de ética ambiental, além da morfologia social do aterro e das formas de organização política e econômica dos catadores de lixo.

Palavras-Chave: Catadores de lixo, Lixão, Meio Ambiente, Etnografia.

Abstract

This research is an ethnography about Itaoca's "Dump", in São Gonçalo, belonging to Rio de Janeiro's metropolis. It has of reference this environment conflict place, with the expansion of the landing to the environmental protect area. The dump's change into a landing area and the consequence of the scavenger's end are seeing like a present process that directly affects the local population. So, it's about environment ethics questions, beyond the landing social morphology's and of the economic and politic organization's forms of the scavengers.

Key-Words: scavenger, dump, environment, ethnography.

Sumário

Capítulo 1:

Os Primeiros Contatos	15
1.1. As legislações ambientais e as políticas públicas para a gestão do lixo.....	16
1.2. Lixão de Itaoca e a questão ambiental: estudo de caso.....	19
1.3. À primeira vista.....	26
1.4. Sendo afetada.....	28
1.5. Os diversos momentos da pesquisa.....	30
1.5.1. Os anos de 2001 a 2003.....	31
1.5.2. O ano de 2004.....	32
1.5.3. Os anos de 2005 a 2007.....	35
1.5.4. Os anos de 2008 a 2011.....	35
1.6. O caso João Luiz.....	36
1.7. O caso Francisco.....	37
1.8. As crianças e a catação de lixo.....	37
1.9. Minha informante privilegiada.....	46
1.10. A entrada no aterro.....	47
1.10.1. O primeiro dia.....	48
1.11. Acompanhando o Assistente Social – o segundo dia.....	48
1.11.1. Seu Zé dos Cachorros.....	49
1.12. Os próximos dias na interlocução com a Usina.....	50
1.12.1. A influência de Margarida.....	50

Capítulo 2:

“Itaoca é uma ilha”	52
2.1. “Itaoca é uma ilha”	53
2.2. Passando pela história da ilha.....	55
2.3. Sua constituição enquanto bairro.....	56

2.4. Seu ecossistema de mangue.....	59
2.4.1. Os “pescadores artesanais”, as escarnadeiras de siri e os caranguejeiros..	61
2.5. Itaoca e a história do lixo.....	64

Capítulo 3:

As impurezas	66
3.1. A memória do lixo.....	67
3.2. Lixo como objeto.....	68
3.3. A impureza e o catador de lixo.....	70
3.4. O cheiro.....	72
3.4.1. A volta para casa do aterro.....	74
3.5. Contornos Atuais.....	76
3.6. O destino final do lixo do município de São Gonçalo.....	78
3.7. O Lixão de Itaoca nas décadas de 70, 80 e 90.....	83

Capítulo 4:

A Lixeira	96
4.1. A chegada na <i>Lixeira</i>	97
4.1.1. Os seguranças da Porteira.....	97
4.1.2. O Caminho da <i>Lixeira</i>	98
4.1.3. A entrada.....	99
4.2. Na <i>Lixeira</i>	100
4.3. A paisagem.....	103
4.3.1. O espaço do material coletado.....	104
4.3.2. O espaço do lixo.....	106
4.3.2.1. Dos Catadores de lixo.....	107
4.3.2.2. Maria da Penha, 51 anos.....	109
4.3.3. O espaço mais alto, do lixo já separado da Usina.....	112
4.4. A Usina.....	113

4.4.1. Dos funcionários da usina.....	118
4.4.2. A assistente social.....	119
4.4.3. Os Cooperativados da usina.....	122
4.4.4. A supervisora da cooperativa.....	123
4.5. O atravessador.....	126
4.6. A pequena estrada de terra.....	128
4.7. A divisa entre Itaoca e Fazenda dos Mineiros.....	128
4.8. Rua Projetada.....	130
4.9. Maciço de Itaúna – “o vulcão adormecido”	132
Considerações Finais.....	137
Referências Bibliográficas.....	142

Lista de Ilustrações

“Figura” 1: Foto do Lixão de Itaoca – Outubro de 2004.....	20
“Figura” 2: Foto do Lixão de Itaoca – Dezembro de 2004.....	22
“Figura” 3: Foto do Lixão de Itaoca – Março de 2005.....	23
“Figura” 4: Foto do Lixão de Itaoca – Maio de 2005.....	23
“Figura” 5: Foto do Lixão de Itaoca – Abril de 2006.....	24
“Figura” 6: Desenho do aluno Diego – “Lixo”, 2003.....	25
“Figura” 7: Foto do Lixão de Itaoca e Catadores de lixo – Outubro de 2004.....	26
“Figura” 8: Trecho de Reportagem do jornal “O São Gonçalo” – “Crianças voltam ao lixo”, 2001.....	39
“Figura” 9: Redação do aluno Adriano e Desenho do aluno Diego – “carro da galinha da bunda roxa”, 2003.....	44
“Figura” 10: Desenho da aluna Walkila, do Lixão em dia de chuva – “Falando sobre o lixão”, 2003.....	45
“Figura” 11: Imagem de satélite do bairro de Itaoca, 2010.....	59
“Figura” 12: Imagem do Lixão de Itaoca e suas características, 2007.....	83
“Figura” 13: Foto casas na Lixeira, 2007.....	86
“Figura” 14: Foto casa no Lixão de Itaoca, 2007.....	87
“Figura” 15: Foto casa no Lixão de Itaoca, ângulo aproximado, 2007.....	88
“Figura” 16: Foto casa derrubada – Outubro de 2004.....	90
“Figura” 17: Desenho da aluna Rafaela, do Lixão, com “xorume”, “agulha de injeção contaminada”, 2003.....	92
“Figura” 18: Desenho da aluna Ana Cristina, materiais perfurantes, 2003.....	93
“Figura” 19: Imagem de satélite da Lixeira e seus espaços, 2007.....	104

Lista de Siglas

ACSC – Análise do Cadastro Social dos Catadores

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CEBDS – Conselho Empresarial Brasileiro para Desenvolvimento Sustentável

CIEP – Centro Integrado de Educação Pública

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEEMA – Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente

IBG – Instituto Baía de Guanabara

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INAE – Instituto Nacional de Altos Estudos

INEA – Instituto Estadual do Ambiente

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

PDBG – Programa de Despoluição da Baía de Guanabara

PDRH-BG – Plano Diretor de Recursos Hídricos da Região Hidrográfica da Baía de Guanabara

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PJBG – Programa Juventude da Baía de Guanabara

PMSG – Prefeitura Municipal de São Gonçalo

PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos

MDS – Ministério de Desenvolvimento Social

SAS – Superintendência de Ação Social

Sisnama – Sistema Nacional de Meio Ambiente

SNVS – Sistema Nacional de Vigilância Sanitária

Suasa – Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária

Sinmetro – Sistema Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial

UFF – Universidade Federal Fluminense

Capítulo 1

Os Primeiros Contatos

1.1. As legislações ambientais e as políticas públicas para a gestão do lixo

A nova Legislação Ambiental, através da Lei de Crimes Ambientais ou Lei da Natureza (Lei nº 9.605 de 13 de fevereiro de 1998) promove avanços em relação à temática em questão ao classificar os tipos de crimes e infrações para estes, como

Crimes contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural: construção em áreas de preservação ou no seu entorno, sem autorização ou em desacordo com a autorização concedida;

Poluição e outros crimes ambientais: a poluição que provoque ou possa provocar danos a saúde humana, mortandade de animais e destruição significativa da flora;

Infrações administrativas: ações ou omissão que viole regras jurídicas de uso, gozo, promoção, proteção e recuperação do meio ambiente.

(Meio Ambiente. Legislação e órgãos. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/legislacao-e-orgaos>>. Acesso em: março de 2011)

No ano de 2010 surge a Política Nacional de Resíduos Sólidos, pela Lei nº 12.305, de 2 de agosto, como resultado da alteração da Lei nº 9.605, de fevereiro de 2008. Esta lei define as diretrizes e princípios para a gestão e regulação do lixo, incluindo a responsabilização aos geradores de resíduos sólidos e a estipulação de diversas metas para este fim. Esta legislação específica prevê ainda a extinção dos antigos vazadouros de lixo e recuperação de suas áreas, conforme o inciso V de seu artigo 5º, que aponta a necessidade de “*metas para a eliminação e recuperação de lixões*”.

A legislação avança, porém lacunas podem ser observadas em situações que são pouco explicitadas, como as demandas dos catadores de lixo e das metas para estes. Ainda, o distanciamento entre a legislação e sua aplicabilidade é significativo, como o fato de que no Brasil, se carece de mecanismos de fiscalização e apuração de crimes ambientais, dentre outros aspectos.

Além disso,

Em decorrência dos processos de privatização e desestatização desencadeados pelo Programa Nacional de Privatização, transferiram a iniciativa privada praticamente todo serviço público realizado, até então, exclusivamente pelo Estado, ficando a cargo deste apenas a exploração de atividade econômica imperativo da segurança nacional, ou relevante ao interesse coletivo ou cujo o monopólio ainda permaneça outorgado à União, conforme estabelecido nos art. 173 e 177 da Constituição Federal. (MENDES, F. Regulação ou regulamentação? *Rdnews*, Mato Grosso, 2011. Disponível em: <<http://www.rdnews.com.br>>. Acesso em: 15 mai. 2011)

Dessa forma, a gestão de resíduos também sofreu esse processo de desestatização. Enquanto política pública municipal – sabendo-se que o município corresponde ao ente federativo responsável pela prestação dos serviços, como o da gestão de resíduos – os lixões foram, aos poucos, sendo transferidos de responsabilidade para a iniciativa privada, através de empresas concessionárias de serviços públicos. Isto, através de processo de licitação na modalidade de concorrência pública.

Por conseguinte, o modo como vem sendo tratada enquanto política pública na regulação desses espaços de destinação final do lixo, pelo estabelecimento de regras para seu funcionamento e gestão, tornam-se relevantes para esta discussão.

Regulação do âmbito jurídico: conjunto de regras de conduta e de controle da atividade econômica pública e privada e das atividades sociais não exclusivas do Estado, com a finalidade de proteger o interesse público. (Limites da função reguladora das Agências diante do princípio da legalidade, 2003, p.30) [. . .]

A partir destes conceitos, concluímos que o termo Regulação diz respeito a todo tipo de intervenção que o Estado faz na atividade econômica pública e privada, ora para controlar e orientar o mercado, ora para proteger o interesse público (*ibidem*)

A gestão de resíduos envolve também o mercado de créditos de carbono. Este tipo de mercado em ascensão nos moldes do sistema capitalista financeiro funciona como qualquer outro mercado de crédito, logo, onde uma relação contratual é estabelecida entre a parte credora e a devedora, através da cessão de uma mercadoria, serviço ou dinheiro, que nesse caso é representado pelo carbono.

Isso se dá da seguinte forma: na decomposição do lixo o gás metano é expedido, e esse gás é altamente poluente, caso lançado diretamente na atmosfera, aumento o

processo de aquecimento global. No processo de tratamento dos resíduos, o gás metano é capturado e transformado em combustível. Cada tonelada de CO₂ equivale a 1 crédito de carbono, e cada tonelada removida equivale a 1 MDL – Redução Certificada de Emissão (RCE).

Assim, cada crédito de carbono removido dos países em desenvolvimento pode ser negociado no mercado mundial por meio de Certificados de Emissões Reduzidas (CER). Os países desenvolvidos que não conseguirem (ou não desejarem) reduzir suas emissões poderão comprar os CERs dos países em desenvolvimento e usá-los para cumprir suas obrigações junto ao Protocolo de Quioto (1997) e acordos subsequentes baseados nesse tratado internacional¹.

Esse mercado movimentou interesses da iniciativa privada na concessão dos aterros. No Brasil, o grupo S.A. Paulista constitui um exemplo nesse mercado, pois este grupo possui a concessão do aterro da cidade de São Paulo, através da Central de Tratamento de Resíduos (CTR), no ano de realização desta pesquisa². O mesmo grupo controla a CTR de Nova Iguaçu e conquistou a concessão do lixão de Itaoca, criando a CTR Alcântara³.

Os diversos acordos e tratados internacionais e as conferências nacionais possuem como marco histórico a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), também conhecida como ECO-92. Essa Cúpula deu origem às diversas questões relevantes até o presente momento e colocou em pauta conceitos como o de desenvolvimento sustentável, que engloba as esferas da sustentabilidade ambiental, econômica e sociopolítica.

Portanto, a gestão de resíduos é envolvida nestas noções de sustentabilidade, indo além da simples discussão entorno da esfera ambiental somente. As mudanças representadas pela questão ambiental podem ser imbricadas em diversas outras questões, com seus desdobramentos afetando os atores sociais diretamente envolvidos, como neste caso, os catadores de lixo.

¹ O Protocolo de Quioto foi um acordo internacional que estabeleceu as metas de redução da emissão de gases do efeito estufa aos países desenvolvidos entre os anos de 2008 e 2012 e criou o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), que prevê a redução certificada dessas emissões. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/climas/credito-carbono>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

² Disponível em: <<http://www.sapaulista.com.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

³ A data específica não foi confirmada por minhas fontes de pesquisa, mas acredita-se que esse início é datado do ano de 2003.

Os desdobramentos na esfera sociopolítica são determinados pela movimentação de diversos atores sociais envolvidos de forma direta e indireta nesse processo. O caso da concessão do Lixão de Itaoca aponta bem algumas dessas questões.

1.2. Lixão de Itaoca e a questão ambiental: estudo de caso

O Lixão de Itaoca, pertencente à cidade de São Gonçalo, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro, foi criado na década de 1970 em terreno na estrada de terra de Itaúna. Durante todo esse tempo, desde sua criação, diversas tentativas de retirada da destinação final do lixo deste local foram efetuadas. Vários movimentos em reação contrária, como da ação de associações de moradores, manifestações populares de repúdio, aliadas a recursos midiáticos locais puderam ser observadas.



“Figura” 1: Lixão de Itaoca, em São Gonçalo. Ao fundo, uma área urbanizada da cidade, onde a mais próxima representa o bairro de Itaúna e, seguindo à direita, tem-se o acesso à ilha de Itaoca. Disponível em: <<http://www.susemma.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

Após sua concessão para a CTR Alcântara, este vazadouro passou por um processo de transformação em aterro controlado, com ações desenvolvidas no local como a de criação de uma usina de reciclagem. De 2004 a 2008, os equipamentos ficaram sem utilização em sua maior parte do tempo, devido a problemas operacionais, e à época de início de suas atividades, o maquinário havia sofrido desgastes e os consertos necessários, ao tempo de uso, se demonstraram dispendiosos, além da dificuldade de pessoal especializado para as verificações do maquinário.

Estes são apenas alguns dos problemas enfrentados na gestão do aterro de Itaoca. Observou-se o lento processo de desterritorialização da *Lixeira* – espaço onde o lixo é despejado diretamente sobre o terreno – que aos poucos foi sendo colocada em desuso, com a maior parte do lixo sendo transportado para a Usina. Indo além, outra questão ambiental agravava ainda mais a sua situação, o da região circunvizinha de reserva ecológica.

O aterro está situado em área de manguezal e acredita-se que esta área, se não pertenceu no início, em sua criação, ao menos durante seus anos de vida, onde obteve crescimento considerável de sua extensão, triplicando em tamanho, passou a ocupar uma área pertencente à Área de Proteção Ambiental (APA) de Guapimirim. A APA de Guapimirim é uma reserva de ecossistema de manguezal, com cerca de 14.000 hectares de terras, ao longo das cidades de São Gonçalo, Itaboraí, Magé e Guapimirim.

Além da APA, há o Maciço de Itaúna, característico de ecossistema de mata atlântica, que pode ser visto na área de trás do aterro. Este aterro pode ser considerado um intermezzo entre estes dois tipos de ecossistema, localizados na bacia da Baía de Guanabara. Juntos, conformam uma região de grande interesse ecológico, integrando uma imensa reserva da atualidade.



“Figura” 2: Lixão de Itaoca, São Gonçalo. Esta angulação é contrária à imagem anterior. No entorno, a APA de Guapimirim, e ao fundo, o Maciço de Itaúna. Disponível em: <<http://www.susemma.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

Considerando-se os fatores apresentados, é significativo caminhar por tal discussão através da perspectiva da ética ambiental. Ética vem do grego *ethos* e significa “modo de ser” e refere-se ao comportamento do ser humano em sociedade. Ainda, relacionando-o ao meio ambiente, de modo consciente e implicado.

Guattari (1990) apresenta a abordagem *ecosófica* de articulação das três ecologias, a saber, do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade, como resposta às desterritorializações de diversas ordens impostas ao homem na atualidade, pelo avanço das mutações técnico-científicas e do crescimento desenfreado. Isso se procede também no lixão de Itaoca, onde os avanços tecnológicos, representados pela usina e o fechamento do aterro se tornam fatores geradores de desterritorializações dos catadores de lixo.



“Figura” 3: Lixão de Itaoca, durante processo de transformação em aterro controlado. Disponível em: <<http://www.susemma.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2008.



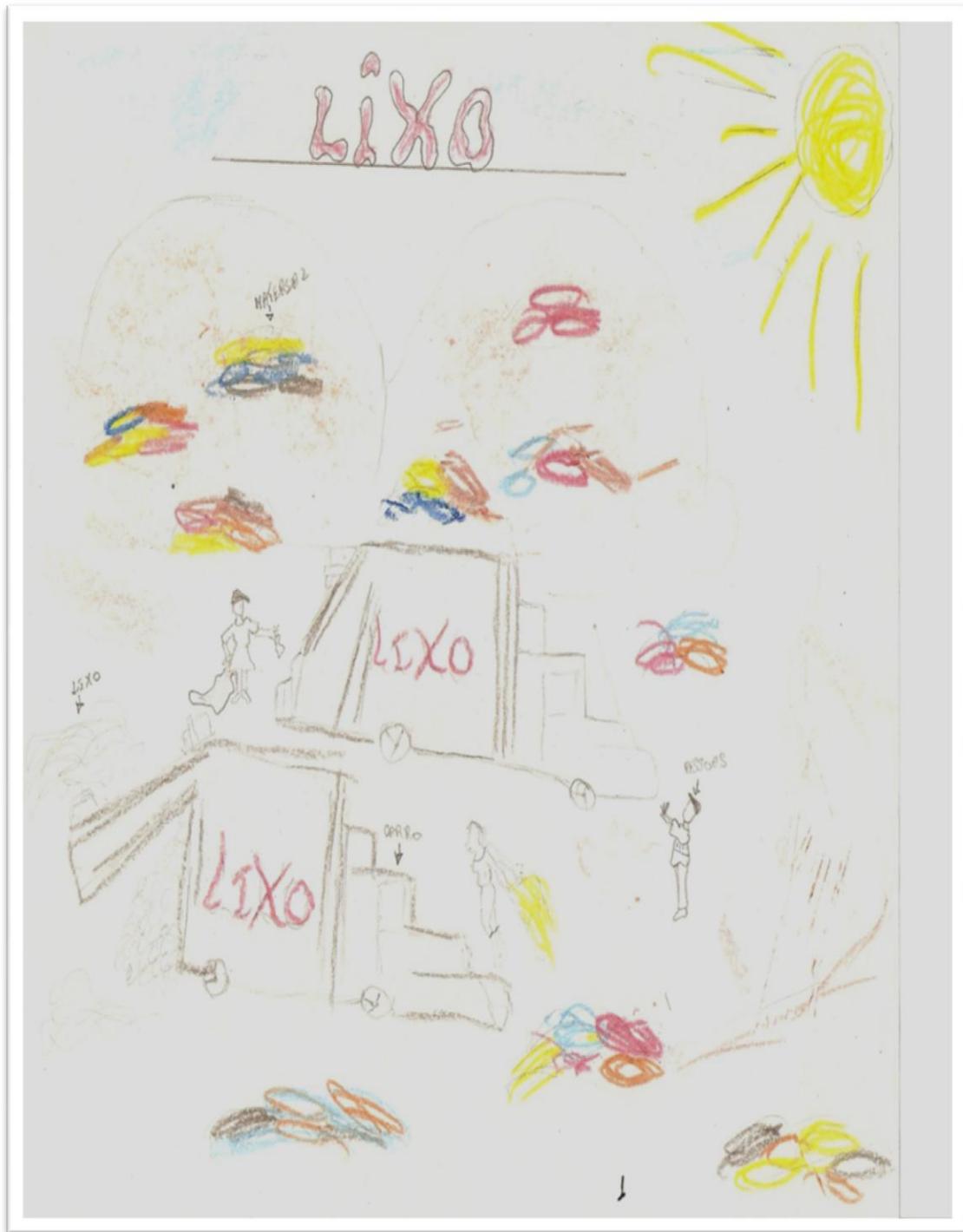
“Figura” 4: Lixão de Itaoca, observando rotas e disposição do lixo. Disponível em: <<http://www.susemma.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2008.



“Figura” 5: Lixão de Itaoca, observando abaixo a criação do lago de xorume – local para deposição do xorume para posterior envio à estação de tratamento. Disponível em: <<http://www.susemma.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

Os conflitos ambientais se procedem no fato deste processo ter implicado em mudanças nas relações de trabalho dos catadores de lixo, que passaram a ser cooperativados e inseridos na lógica de trabalho formal da usina. Antes, na catação de lixo, o trabalho era informal e as relações sociais que permeavam a catação e a configuração de suas subjetividades em meio a isso eram significativas, permitindo a criação de sistemas classificatórios próprios e a configuração da morfologia social – conforme definem Mauss & Beuchat (1974) e Halbwachs (1946) – do aterro e das formas de organização política e econômica dos catadores de lixo.

Categorias classificatórias estão em jogo, como a *Lixeira* – categoria nativa – entre outras como a diferenciação entre *dejeto* e *resíduo*, ou ainda, *lixo* e *material*, após a coleta manual dos objetos retirados da Lixeira. E por tal motivo, torna-se interessante saber de que maneira os catadores de lixo as representa; qual a noção que eles têm das relações que medeiam entre os grupos das coisas assim classificadas. Assim, a etnografia do lixão de Itaoca busca coletar a polifonia e transmiti-la enquanto dado etnográfico e esta, constitui-se como o seu principal desafio.



“Figura” 6: Desenho feito pela aluno Diego, onde demarca os “carros”, as “pessoas”, o “lixo” e o “material”. (PETI Pólo Fazenda dos Mineiros, 2003).



“Figura” 7: Lixão de Itaoca, com os catadores de lixo, alguns descansando, embaixo da lona preta. Esta área é a de material já coletado pelos catadores, pois observamos uma quantidade significativa de mesmos tipos de material, como as garrafas pet, ao fundo, sem estarem em sacolas plásticas de lixo domiciliar. É um material pronto para ser vendido. Do lado esquerdo, acima da lona, observa-se um guarda-sol, que é usado nos dias de chuva, ou para protegerem-se do sol quente. Logo acima do guarda-sol, há um monte de material coletado com diversos tipos de plásticos, devidamente separados. Disponível em: <<http://www.susemma.gov.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

A pesquisa de campo revelou uma multiplicidade de informações que contribuíram para a construção deste trabalho de maneira polifônica, unindo as diferentes “vozes do lixo”. Refiro-me aos catadores e ex-catadores de lixo; funcionários da empresa concessionária; funcionários da empresa de coleta seletiva urbana, representados nesse caso pelos motoristas dos caminhões; educadores sociais; crianças envolvidas nessa trajetória. São diferentes formas de pertencimento ao lixo, diferentes formas de classificação que se encontram constituídas no decorrer da pesquisa.

1.3. À primeira vista

A primeira vez que passei enfrente ao “lixão” de Itaoca foi a caminho do meu primeiro emprego, no ano de 2001, em um programa social do Governo Federal. Acabara de completar 19 anos, e seguia rumo ao CIEP 430 – Carlos Mariguella, em visita de rotina para acompanhar o funcionamento do pólo do PETI onde, ao longo do dia, encontraria cerca das 100 crianças atendidas. O caminho era percorrido através da única linha de ônibus que fazia o trajeto até a ilha de Itaoca⁴.

É impossível entrar na ilha e não passar pelo aterro. Este se encontra na única estrada que dá acesso à ilha – uma estrada de terra batida. Em sua entrada, há um campo de futebol, um trailer que funciona como um bar e a porteira do aterro. Esta porteira é formada por uma cabine para seus vigias e uma balança em forma de esteiras para pesar os caminhões de lixo. Neste instante, eu pude ver algumas pessoas pegando carona no pára-choque traseiro dos caminhões que entravam para despejar o lixo; homens e mulheres descansando e jogando bilhar no trailer da esquina; crianças jogando bola no campinho.

Ao longe, avista-se a montoeira de lixo. Completando a paisagem, muitos urubus voando em círculos. Por trás do aterro, um imenso maciço, com uma parte devastada, com seu barro aparente. Em volta, uma extensa vegetação, com quilômetros de área verde. Ao lado esquerdo, há uma pequena rua, com pouco mais de dez casas. À frente, há um depósito de materiais retirados do lixo, com muito material prensado, no formato de fardéis de recicláveis.

Por toda estrada, avistam-se casas em sua maioria de alvenaria, com muitas plantações de raízes e animais de criadouro. Presos em cercas ou soltos nas ruas, vejo diversos porcos e algumas galinhas. Em alguns lugares, vejo outros animais, como cachorros, revirando sacolas de lixo residenciais – descubro posteriormente que neste local não há coleta regular de lixo.

⁴ Em condições precárias, com intervalos de tempo longos entre as conduções, era necessário um bom planejamento de seu dia para encarar a ida até lá, conforme perceberia ao longo do tempo de trabalho no local.

Passado esse pequeno aglomerado urbano, em um trajeto da estrada, não há mais residências. Ela é cercada apenas por uma vegetação rasteira, saída por cima da lama preta do mangue, e não gosto do seu cheiro. Esse é um longo e cansativo caminho, sem infra-estrutura de calçamento, e com muita poeira sendo levantada pelo ônibus em todo percurso.

Chego a uma espécie de ponte estreita, que quase não percebo, porque está aterrada. Essa ponte cobre um rio assoreado e extremamente poluído. Ao passar por ela, o trocador me diz que finalmente chego à Itaoca. Mais a frente, começa um trecho que concentra um pequeno comércio local, com quitandas e mercearias – é a parte do bairro de Itaoca chamada de Manoel da Ilhota. Um cruzamento, com um caminho que dá para a Praia da Beira, e outro, por onde o ônibus segue, que levará rumo ao CIEP. Há uma pequena cabine policial, que se encontra com barricadas de sacos de areia a sua frente. Ao lado, um posto de saúde e à frente uma creche comunitária.

Finalmente, chego ao imponente CIEP. Na casa externa deste, há uma biblioteca vazia e por trás dela, o local cedido ao PETI – pois este funciona de maneira independente da escola. As vantagens desse local, além da segurança, são de usufruir das regalias dessa espécie de parceira. A maioria das crianças do projeto também estuda nesse CIEP, em turnos alternados entre estes, o que facilita essa cooperação mútua. Dentre as regalias, estão a possibilidade de se servirem no bandejão, por todos do programa, tanto profissionais quanto alunos; além do uso de todo ambiente da escola, como quadra para recreação, biblioteca e sala de vídeo. As festas típicas também costumam ser realizadas em conjunto, como as festas juninas. Os documentos necessários, como registros, históricos escolares, e um papel de confirmação mensal da frequência escolar, que no projeto é exigido, também são facilitados por esse mesmo motivo. Tudo isso é me explicado em minha primeira visita.

Conheço as crianças que são, em sua maioria, retiradas do trabalho de catação de lixo – sendo este um projeto de erradicação do trabalho infantil⁵. São crianças e adolescentes, na época, na faixa etária de 07 a 14 anos (sendo depois estendida para 06 a

⁵ Cada criança ganhava, nesse período citado, uma bolsa-auxílio de 40,00 reais por aluno que participe com uma frequência significativa (mínimo de 75%) tanto na escola quanto na jornada ampliada, o PETI – completando assim a proposta de educação integral, com atividades lúdicas, recreativas e de reforço escolar, em complementação à escola.

15 anos). Sou recebida em coro por um “Bom Dia!”. Minha relação com estas pessoas e este ambiente começa nesse dia.

Essa relação entre as crianças e jovens que começara a lidar e os seus meios de vida – a catação de lixo, somente foi sendo assimilada ao longo do tempo, como um processo em sua maioria árduo, margeado por muito sofrimento e indignação. Confrontada o tempo todo com minhas próprias percepções acerca das impurezas e do tabu inerente a elas, e essa nova lógica, no campo das relações simbólicas dos catadores de lixo, em sua convivência sem grande infortúnio com o que é tido como asqueroso e nojento, em seu dia-a-dia no Lixão de Itaoca.

Além do simbólico, há o aspecto concreto do lixo, enquanto material que pode ser reciclado, reaproveitado e reutilizado, conforme os conceitos dos 3R's atuais, e que são evidenciados na prática, na ponta, por estes trabalhadores, atendendo a suas necessidades de sobrevivência imediatas e ao mesmo tempo, à lógica de mercado capitalista baseada na sustentabilidade e nas novas formas de gestão ambiental do lixo e dos espaços destinados a sua deposição de maneira ambientalmente correta.

Assim, fui construindo e re-construindo periodicamente os conceitos e intencionalidades com o que passou a ser meu objeto de pesquisa. Nesse processo, que se apresenta no período de dez (10) anos de investimento, a passagem de educadora social à etnógrafa se realizou de modo igualmente árduo, onde a empatia e a pulsão por vezes excessivamente paralisadora foi sendo transformada e reavaliada na tentativa de mostrar com maior clareza esse cenário hostil que representa o vazadouro de lixo.

1.4. Sendo afetada

Dois anos após o começo desse trabalho, inicio a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense. É quando me aproximo da Antropologia. Apesar de estar distante de reconhecer que pesquisaria o Lixão de Itaoca em minha monografia, e que, entrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, dessa mesma

instituição, uniria todo esse interesse pelas crianças do projeto com as suas relações com o aterro, ou melhor, com uma área mais específica: a *Lixeira* desse aterro – espaço do catador de lixo, nomeado assim pelos mesmos.

Costumo dizer que o campo de pesquisa apareceu antes mesmo da Antropologia. Desde meus primeiros dias com as crianças e, posteriormente, com os jovens, relacionados direta ou indiretamente com a *Lixeira*, que reúno reportagens de jornais, fotos e artigos sobre os catadores de lixo, assim como tudo que foi produzido por eles sobre a *Lixeira*, como redações, desenhos e pesquisas feitas com os catadores e moradores da ilha. Ainda, sem saber que reuniria aqueles registros ao que se tornaria uma espécie de diário de campo um dia, anotava diversos diálogos e passagens por eles ditas sobre tudo que compreendia seu ambiente e seus modos de vida – poderia dizer que um esboço do caderno de campo surgiu dessa mesma forma, antes mesmo de conhecer as metodologias de pesquisa antropológicas.

Quais são as fontes de um trabalho científico?

Uma tese estuda um *objeto* por meio de determinados *instrumentos*.

Em certos casos, ..., o objeto é um fenômeno real. [...]

Aqui, as fontes não existem ainda sob a forma de textos escritos, mas devem tornar-se os textos que você inserirá na tese à guisa de documentos: dados estatísticos, transcrições de entrevistas, talvez fotografias ou mesmo documentos audiovisuais (ECO, 1986: 47)

Favret-Saada (1990) fala do tratamento paradoxal do afeto pela Antropologia, onde ou “os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana”; ou o reconhecem como “único destino possível o de passar para o registro da representação”. A autora considera possível o “afeto não representado”, proveniente de situações de comunicação involuntária e não-intencional.

Inicialmente, valem algumas reflexões sobre o modo como obtive minhas informações de campo: não pude fazer outra coisa a não ser aceitar me deixar afetar pela feitiçaria, e adotei um dispositivo metodológico tal que me permitisse elaborar um certo saber posteriormente. Vou mostrar como esse dispositivo não era nem observação participante, nem (menos ainda) empatia (FAVRET-SAADA, 1990: 1).

Desse modo, muitas das vezes, me deixei afetar em meu campo, na *Lixeira*, no sentido da entrega de estar sobre o lixo, cercada de lixo, em situações inimagináveis, eu diria, na difícil tentativa de presenciar algo desse campo escolhido. Mais ainda, associando o tempo de trabalho com essas crianças e jovens à minha pesquisa, é como estar realmente “observando o familiar”:

O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações (VELHO, 1977:45).

Durante o trabalho de campo, em alguns momentos – diria que de “*anthropological blues*” (DAMATTA, 1974), me senti como não pertencente a este, como uma intrusa, uma *outsider* (ELIAS, 1990). Eu era como o motorista do caminhão de lixo, que não se sente pertencente aquele lugar. Os *insights*, conforme Malinowski (1976) ensina que o debruçar-se sobre o caderno de campo proporcionaria, considero esse como um dos que obtive: finalmente compreendi a frase de uma amiga antropóloga: “*Você está se sentindo uma outsider, mas você não é!*”

1.5. Os diversos momentos da pesquisa

O período dessa pesquisa está sendo considerado desde os primeiros contatos com esse objeto, em 2001. Desde então, de maneiras diferentes, por diferentes fontes e informantes, assim como de locais onde me encontraria prioritariamente variam, e tomo por referencial os lugares onde trabalhei e, assim, as pessoas com as quais estabeleci relações e contatos de intensidades e modos diferentes.

É por esse motivo que, ao definir o meu papel enquanto pesquisadora nesse estudo de caso, decido não considerar-me mais como *outsider* e seguir deste ponto de partida, onde eu já “participava” do campo, para a compreensão dos materiais da pesquisa e produção dessa dissertação de mestrado.

A especificidade do conhecimento antropológico em relação às outras disciplinas que formam as ciências sociais [...] não pode ser dissociada de um modo de conhecimento particular que foi elaborado ...: a observação rigorosa, por impregnação lenta e contínua, de grupos humanos minúsculos com os quais mantemos uma relação pessoal (LAPLATINE, 2004:13).

1.5.1. Os anos de 2001 a 2003

Nos primeiros anos de trabalho no PETI, estava à frente do Pólo Porto do Rosa, um bairro próximo ao aterro, que também atendia as crianças “ex-catadoras de lixo” – não há como definir se há realmente ex-catadores de lixo, pois a reincidência nessa atividade se demonstra uma constante em todas as épocas de existência desse aterro, que completa cerca de 40 anos atualmente.

Além deste, os pólos Fazenda dos Mineiros e Itaoca também atendem as crianças que “trabalhavam” na *Lixeira*. No total, somam-se 300 crianças atendidas – e, segundo os responsáveis pela execução do programa (da SMDS), haveriam ainda muitas crianças que não estariam sendo atendidas.

Tem filhos no Aterro?	N	%	% Válida
Não	208	40,2	84,6
Sim	38	7,4	15,4
Não tem Filhos	115	22,2	X
Sem informação	156	30,2	X

Total	517	100	100
-------	-----	-----	-----

Tabela. Distribuição de frequência, percentual e percentual válido das famílias com filhos no aterro

Fonte: ACSC (2006)

Esses dados nos permitem uma visão do número de famílias com filhos no aterro, e, apesar de não calcular o número de filhos, dá para se ter uma idéia da extensão do número de crianças que trabalham no aterro.

Assim, no Pólo Porto do Rosa, tive contato direto com centenas de crianças que trabalharam na catação de lixo, o que tornava inevitável a discussão dessa atividade com os alunos e seus familiares, muitas vezes, por demanda deles. No Pólo Fazenda dos Mineiros, estive por um pequeno período, no ano de 2003. Desta época, guardo diversas redações e desenhos que utilizo ao longo dessa pesquisa. Já no Pólo Itaoca, só estive diretamente nesse projeto em minhas visitas (como do primeiro dia).

1.5.2. O ano de 2004

No ano de 2004, fui orientadora educacional no PJBG, com adolescentes de 15 a 17 anos no Pólo de Itaoca, que funcionava no CIEP 430 – Carlos Mariguella, única escola do bairro de Itaoca. Esse projeto era do Governo Estadual do Rio de Janeiro⁶, e oferecia, na época, uma bolsa-auxílio de 65 reais ao jovem que cumprisse a frequência de 75% tanto na escola quanto no programa.

A proposta do projeto era de ensino das disciplinas de “meio ambiente” e “cidadania”, ministradas por uma instrutora graduada em biologia, com meu auxílio, nos primeiros seis meses, e, no semestre seguinte, eu assumia a turma com a intenção de

⁶ Também em parceria com o governo municipal, que é sempre quem executa os programas e projetos.

idas ao “campo”, para os jovens passarem à “comunidade” o que haviam aprendido, principalmente sobre preservação ambiental, com a produção de uma “agenda 21”.

A turma possuía o total de 25 alunos e, em sua maioria, provenientes do tráfico de drogas da região. A profissional que selecionou esses jovens, era uma educadora do local, que residia e possuía uma ação militante na região de Itaoca. Ela foi procurada por esses jovens, a demanda inicial foi deles, segundo C.V., que me conta, com lágrimas nos olhos, após algumas idas ao CIEP para conhecimento do local: “*Me ajuda a sair dessa vida, tia?*”.

Desse grupo, houve o caso dos irmãos Rogério (17 anos) e Ricardo (16 anos)⁷, dois jovens, que utilizaram da bolsa-auxílio para o consumo de drogas. Eles, à época, sofreram medidas restritivas, com a ação da equipe técnica da SMDS junto à família. Anos mais tarde, o irmão mais novo trabalhou no lixão por alguns meses, enquanto o mais velho permaneceu no tráfico de drogas. As notícias atuais que tenho são de que o irmão mais velho está morto e o mais novo, que retornou ao tráfico, encontra-se preso, pois já havia completado 18 anos de idade na época da detenção. Conto este caso específico devido ao trabalho que o mais novo efetuou no aterro.

Gostaria de destacar mais dois jovens desse projeto.

O primeiro é o Raimundo, que na época possuía 17 anos de idade, e exercia uma forte impressão na turma por sua atuação “influyente” (que nunca soube mais detalhadamente, pois meu assunto a respeito disso era limitado com eles). Com cerca de 1,90 metros de altura, Rafael intimidava apenas no franzir da testa. Mas ele não me assustava, com seu jeito de menino e sua estrutura franzina, de quem mal comia. As informações que tive dele pela educadora, após o término do projeto no local, é que “*Ele nunca mais voltou às drogas. Ao sair do projeto, foi trabalhar no lixão, e por lá permaneceu por tempos*”. Após o ano de 2008, o contato dela com ele foi perdido, e nunca mais tive informações do Raimundo.

Por último, o Matheus, de 17 anos. Ele foi o único da turma que assumiu perante os outros que trabalhou no lixão antes de entrar no projeto. Ele se ofereceu para discutir sobre isso, deu seu depoimento sobre como era o trabalho no lixo, enquanto eu observava os olhos de alguns colegas de turma ‘saltarem à vista’ durante seu

⁷ Esses nomes são fictícios, para preservar a identidade dos jovens em questão.

emocionante discurso. Ele não permaneceu até o fim no projeto, pois intercalava entre as aulas da escola, as aulas do PJBG, e como soube posteriormente, entre o “bico” na kombi que fazia a frota Itaoca-Mutuá (bairro no centro da cidade de São Gonçalo).

Dessa época, restam os trabalhos dos alunos de entrevistas aos moradores mais antigos de Itaoca sobre a região, sua história e origens. Dessa pesquisa, retirei todos os dados da grande importância da atividade rural na região, das histórias dos primeiros moradores da ilha, além de outros aspectos que aparecem no decorrer desse trabalho.

Os alunos me ensinaram e aprenderam sobre a história e o meio ambiente da ilha. Fizemos incursões ao mangue e às praias, das quais me apresentavam animais que nunca havia visto, como o “caranguejo azul”, e percorremos as mais importantes regiões da Itaoca. Visitamos o patrimônio cultural da Igreja da Praia da Luz.

Assim, uma panorâmica da ilha pôde ser esboçada. As memórias dos parentes e vizinhos dos alunos serviram de guias para a recuperação de seus dados através da história oral da ilha, para construção de sua *morfologia social*, conforme nos indica o trabalho de Mello, Vogel & Santos (1981: 12):

Nossa pesquisa tenciona mais do que o preenchimento de uma lacuna. Quer inaugurar um território de perspectivas promissoras, tanto epistemológicas, quanto no que se refere a contribuições concretas para o arranjo do espaço. Consideramos que a morfologia social, tal como definem Mauss & Beuchat (1974) e Halhwachs (1946), é uma realidade complexa e ainda bastante desconhecida quando se trata dos bairros cariocas. Sem medo de errar, poderíamos dizer o mesmo para qualquer outro centro urbano importante do Brasil (*op.cit.*: 12).

Esse desconhecimento pode ser estendido para esse estudo, que no caso, se refere aos bairros de Itaoca e Fazenda dos Mineiros, do município de São Gonçalo, pertencente à região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

1.5.3. Os anos de 2005 a 2007

Nos anos que seguiram, retornei ao trabalho no PETI, mas alternando entre pólos e no administrativo, na SMDS. Apesar de ainda trabalhar nesses locais, não sei precisar em quais pólos estive e quais os períodos.

Ainda, trabalhei no SAS, onde estive em contato com a equipe técnica (assistentes sociais e psicólogas) que participou no trabalho de remoção das famílias residentes no aterro – no caminho da *Lixeira* e na própria *Lixeira*. É desta fonte que extraio elementos de diversas entrevistas e conversas informais; obtenho as fotos que coloco sobre a desapropriação dos catadores (anexos); e conquisto informantes que me esclarecem fatos até o presente momento da pesquisa.

Utilizo ainda, deste período, os dados levantados pela empresa CTR Alcântara a cerca dos catadores de lixo, com as análises de técnico da Cooperativa Estruturar, contratada para este serviço, resultado na Análise do Cadastro Social dos Catadores (NETO, 2006).

1.3.4. Os anos de 2008 a 2011

Me formo na Graduação em 2008, com a realização da monografia “*Encontros e Despedidas dos catadores do Lixão de Itaoca*”, através de uma etnografia realizada neste aterro. Em 2009, ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF. Essa dissertação, portanto, é um resultado de todo este trabalho em conjunto com a ampliação da pesquisa durante mais dois anos, até a sua finalização aqui apresentada.

Para fazê-lo, se recorre ao relato etnográfico que tenta registrar costumes, comportamentos e reações regulares ou únicas nas interações e dramas sociais do cotidiano. A etnografia é uma “descrição densa” (Geertz, 1973), um manuscrito que roteiriza o objeto que se deseja conhecer e que permite lê-lo. Ela busca reconstituir o que, em geral, é “esfriado” pelos exercícios analíticos;

reconstrói a unidade significativa para um determinado grupamento humano, levando em conta o sentido das possíveis incoerências, rasuras, emendas, desvios, interpretações e comentários de seus membros sobre eles mesmos e sobre agentes externos (MELLO, SANTOS & VOGEL, 1985:13)

1.6. O caso João Luiz:

João Luiz foi meu aluno no Pólo Porto do Rosa, e possuía 07 anos na minha saída desse pólo, em 2003. Lembro como se fosse hoje: ele chorou compulsivamente na nossa despedida, se batendo e sendo segurado por uma professora, em plena festa junina.

Seu caso é importante porque ele trabalhava no lixão. Muitos alunos continuavam no trabalho da catação de lixo, mesmo após a inserção no projeto. Isso se dava principalmente à noite, quando não há fiscalização no aterro e eles entram por um caminho alternativo, através da divisa com a área residencial do bairro Fazenda dos Mineiros, no final do aterro – logo, sem passar pela porteira principal, onde, à noite, os seguranças se localizam.

O reconhecimento da continuidade no trabalho no lixo se dava através de fatores como assiduidade, participação e atenção durante a jornada ampliada, pois estes alunos apresentam sonolência e déficit de atenção nas atividades. Mas, a principal característica era da presença de feridas na cabeça, causadas por micoses que pegam no trabalho com o lixo. As feridas geralmente são em alto relevo, no couro cabeludo, levando a ausência de cabelo na área atingida.

1.7. O caso Francisco:

Francisco tinha 09 anos de idade ao conhecê-lo, em 2001. Ele foi meu aluno no Pólo Porto do Rosa, juntamente a sua irmã, de 07 anos. Tinham ainda uma irmãzinha, de 06 anos, que freqüentava o projeto (mesmo sem ser permitido), pois não tinha idade suficiente, na época, para o atendimento.

Ele parecia um pequeno adulto. Trabalhava na Lixeira à noite, nunca faltava no Projeto, e cuidava das irmãs mais novas, não permitindo que elas trabalhassem como ele. Após minha saída desse pólo, em 2003, continuei sabendo dele, pois me procurava na SMDS, onde sua família era atendida, em outros programas sociais, como os do SAS. Ele continuou a mandar recados para mim mesmo após meus anos de saída. Nunca mais tive contato direto com ele, e, após completar a maioridade, não tive mais notícias dele. De tudo isso, sei apenas que continua no trabalho da Lixeira, apesar de nunca tê-lo encontrado lá.

1.8. As crianças e a catação de lixo

Crianças trabalhando no lixo em vazadouros sempre existiram e existem até os dias de hoje. Muitas delas trabalham com seus pais, catando lixo e juntando seus materiais coletados aos do resto da família, que, com isso, têm suas rendas somadas ao total recolhido.

O lixão joga porcarinha é joga brinquedo.

É trabicero galadera prato e movi.

É urubu é vaca cavalo gato sapo rato.

(Carlos Augusto, 07 anos, 2003)

Crianças voltam ao lixo



Caminhão do lixo retorna do lixo de Itaoca e cruza com moradores do local. Pobreza da região prejudica saúde de várias crianças

“Figura” 8: Imagem publicada no jornal “O São Gonçalo”, de 21 de setembro de 2001, com título: *Crianças voltam ao lixo*. Esta é a pequena estrada de terra que dá acesso à Lixeira.

Elas trabalham desde cedo.

Conseguindo ficar de pé sozinha e pegar o que quer pra comer, já pode vir pro aterro. E quando já identifica uma coisinha – pega a latinha pra mamãe, filha! – já pode passar a recolher pra ajudar a família. (Renata, 35 anos)

Crianças de todas as idades trabalham no lixo, desde os três anos até a maioridade. Um fator que contribuiu muito para isso foi o fato de muitas famílias de catadores terem construído suas casas em meio ao lixo, fazendo com que a criança convivesse com o lixo o tempo todo no seu dia-a-dia, com exceções das crianças que freqüentavam a escola, nesses períodos do dia em que estudavam.

Outras, filhas de famílias que não chegaram a construir residências no aterro, acabavam sendo levadas por seus pais, para não ficarem sozinhas em casa. “*Eu fui pro lixão mas não foi pra trabalha fui porque meu pai trabalhava lá*”(Cristiane Martins – 4ª série, 2003). Em outros casos, conseguem deixar as crianças com os filhos um pouco mais velhos, que acabam sendo responsáveis por cuidarem dos irmãos menores.

Lixão eu não acho muito bom. Tem hora que tem que ir porque essas crianças ficam a toa e algumas crianças ficam na rua usa drogas. E também não é bom criança ir porque quando o caminhão de lixo chega lá as crianças e os adulto vai tudo em cima e ser tiver caminhão que só vem aquelas coisas de Hospital é muito perigoso e também gente que cata sucata, latinha, papelão, garrafa, ferro e muitas coisas que tem valor, televisão, rádio, etc.

E dar muita pena dessas pessoas sentindo na pele. (Jéssica de Souza Vieira – 2003)

Reencontro Jéssica no ano de 2008, em uma festa de 15 anos para jovens de programas sociais, onde o irmão dela era um dos debutantes – “*Jéssica, como você está grande!*”, ela me responde: “*pois é, cresci. Estou com 18 anos. Olha a minha filha.*” E me mostra, com um belo sorriso a menina, de 01 ano, que carregava nos braços.

Jéssica tinha então 13 anos, quando a conheci, em minhas andanças pelo PETI do Pólo Fazenda dos Mineiros (PFM), em 2003, onde fiz grande parte dos

levantamentos apresentados neste período. Ela vem de uma família numerosa, na qual a maioria são catadores.

Essa redação, reproduzida acima conforme suas palavras, nos mostra um pouco das grandes preocupações das famílias do Lixão, como com o uso de drogas pelos meninos e jovens, nestes bairros, onde o tráfico de drogas está presente. Esse é um dos principais motivos dos pais carregarem seus filhos para o aterro, mesmo que não os coloquem para trabalhar catando lixo.

Ela também mostra a contradição sentida pelas famílias que trabalham no Lixão em seu dia-a-dia: deixando os filhos em casa, estes correm os perigos das relações com o tráfico de drogas, e, levando-os para o Lixão, correm riscos de saúde e acidentes de todos os tipos, principalmente com o descuido diante dos caminhões de lixo e tratores que circulam nesse espaço.

No lixão muito pessoas catam latinha para sobrevive é pratico, por isso eu acho que não poderia existi lixão. Catam muita coisa para come, porque não estão com dinheiro para compra. Eu trabalhei até 6 anos por isso eu catava latinha para sobrevive só que minha mãe mi botou no peti eu não vou mais to lixo. (Lorena, 07 anos, 2003)

A maioria das crianças consegue muito pouco dinheiro, como algumas revelaram conseguir 10,00 reais por semana, outros maiores relatando conseguir cerca de 30,00 reais por semana.⁸ Esse dinheiro adquirido, normalmente é dado aos adultos responsáveis por sua criação, como os pais, avós ou tios.

“Minha vida era”

Minha vida antes de entra no Peti eu ia para o lixão cata papelão para vender é minha vó pegava retalho para fazer roupa depois eu conheci o Peti... mudou muito minha vida ai eu não precisei mais pegar papelão mudou muito minha vida da minha vó. (Raquel, 08 anos, 2003)

As crianças mais novas costumam catar apenas um tipo de material, que pode ser as garrafas pet, o papelão, latinhas, enfim, os produtos mais fáceis de serem

⁸ Esses valores são de acordo com os relatos de 2003. não encontrei dados atualizados de valores do trabalho das crianças, nem consegui inquiri-las sobre isso.

reconhecidos, manejados e retirados do lixo. Já os mais velhos, podem seguir este esquema, ou catar materiais de todos os tipos. Eles passam a contar a quantidade de material recolhido e, aos poucos, gravam preços e vão aprendendo a calcular o valor que será recebido pela venda de seu produto.

O Lixão

Muita pessoa vai pro lixão porque sua casa é no lixão.

As pessoas pega lata para vende para pode ganha dinheiro.

(Jocyane Dima, 07 anos, 2003)

Alguns relatam a experiência de morar em meio ao lixo.

Mora no Lixão

No lixão fede muito tem gente que tenta até se muda do lixão tem muito urubu quem tem bronquite e quase morre.

Ainda bem que eu não moro la minha mãe só trabalha la. Trabalha no lixo deve ser bom mais tem que ter nariz forte.

Tem gente que faz casa lá. (Jefferson Luis, 10 anos, 2003)

Morar no Lixão pode significar o aumento da propensão de adquirir doenças, principalmente das vias respiratórias, como a bronquite. Além disso, quem já possui este problema, acaba agravando ainda mais seu quadro clínico. Tudo isso, por causa da imensa fumaça, uma massa de ar quente que se forma sob a terra, expelida do material orgânico do lixo em decomposição, ao atingir o grau de putrefação, que pode ser de restos de alimentos, ou de restos de vida em geral, como de animais, ou mesmo, de humanos que acabam sendo jogados no aterro (apesar disso ser mais raro). Esta fumaça causa tonturas e problemas nas vias respiratórias em diversos catadores, obrigados a afastarem-se da catação por um tempo até melhorarem sua saúde.

“O Lixo?”

O lixão pela minha opinião eu acho o lixão horrível. Fede muito tem urubu tem carniça fede muito as pessoas não tem como respira direito por causa do fedo as pessoas que passa la que não trabalha la no lixão tampa o nariz por causa do fedo.

Eles tampam o nariz por causa da carniça do urubu

Verme carniça rato tem rato vivo rato fedorento tem muitas pessoas que trabalham lá já é acostumada. (Malaquias, 11 anos, 2003)

Os animais em putrefação – a carniça – causam vermes e servem de alimentos para os urubus, assim como o lixo serve aos ratos, baratas, entre outros animais. Cachorros, gatos, porcos e cavalos também podem ser vistos em busca de alimentos.

Além disso, a fumaça expelida (formada de gás metano, altamente tóxico) que provoca o mau cheiro, de que tanto falam as pessoas que freqüentam o lixo. A reação usual ao mau cheiro, a de tapar o nariz, é considerada pelos catadores como um insulto, pois geralmente são seguidas de reações de nojo, acentuando um ato discriminatório a um fato que os catadores são obrigados a conviver todos os dias.

Eu não gosto do lixão porque lá tem muito vidro e muita agulha com doença e contaminada e lá no lixão tem muita carniça e muita gente passa fome lá e acaba morrendo por causa do sol que fica muito quente e eles ficam de baixo das árvores esperando o sol baixar. (João, 09 anos, 2003)

Antes da criação da Usina, em 2004, os caminhões vindos de mercados despejavam na Lixeira diversos tipos de alimentos, como legumes, verduras e o favorito da criançada, o Danone. O caso do Maicon demonstra esse fato, ao relembrar sua infância na catação de lixo.

A gente pegava muito Danone. Às vezes dava até pra encher um monte de sacola de biscoito. Aí eu podia levar Danone toda noite pro trabalho... (Maicon, 17 anos, em 10 jun. 2003)

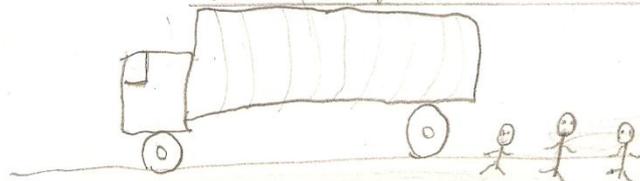
Vale o relato de Raphael

ADRIANO

melhores muito porque a galinha muito. E quando
vêm o carro de galinha todo muito leveira pela
galinha saia a té gente machucado e as pessoas
que lo pegam a galinha alvariam a banda se tivesse
roxa é por que táva cisa e se não tivesse roxa e por
que táva ruim e eles catavam muito la
tinha de alumino e garrafa de refrigerante.

03/06/03 (LIXÃO PETI da Fazenda) data

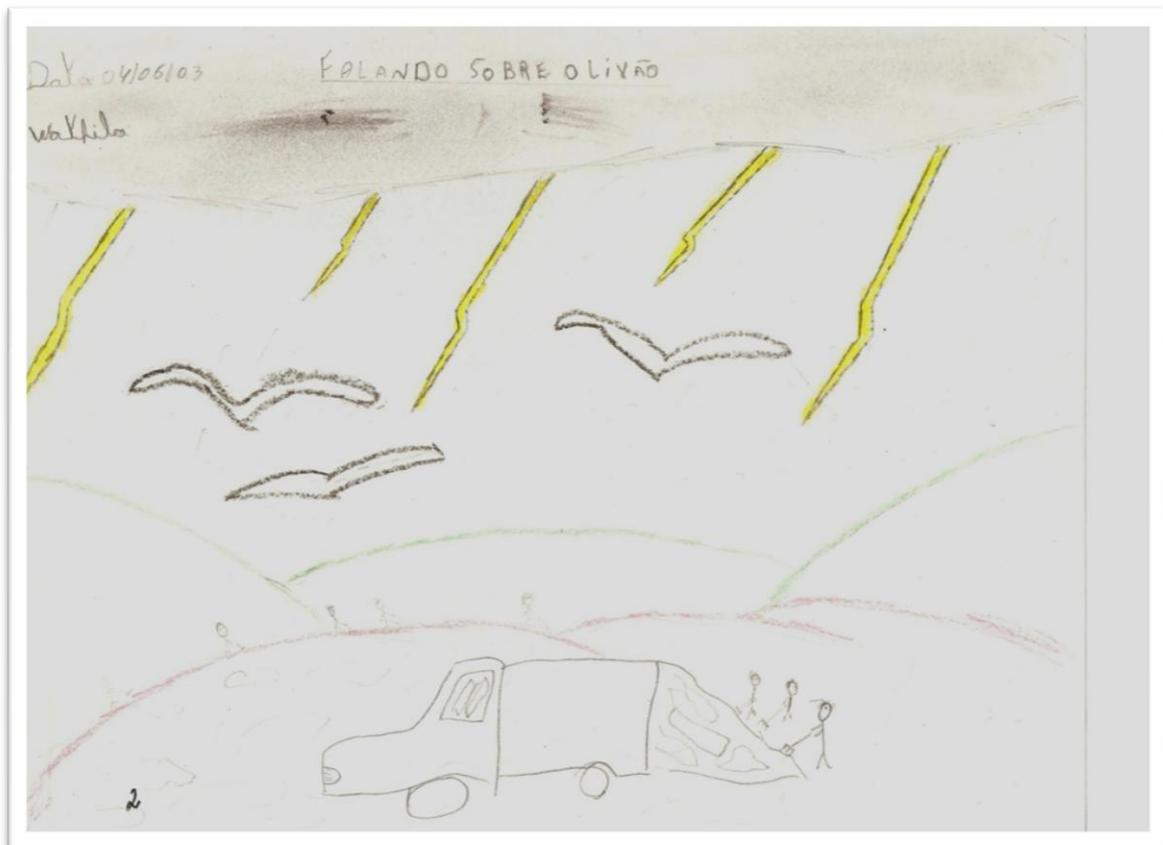
carro da galinha estragada da Bunda Roxa



“Figura”9: Redação do aluno Adriano e desenho do aluno Rafael, sobre o “carro da galinha estragada da bunda roxa”. (PETI Pólo Fazenda dos Mineiros, 2003).

O caminhão do Carrefour traz alimentos com prazos de validade vencidos. Os catadores, assim, separam o que está bom para ser consumido por eles e o que está impróprio para o consumo. Alguns alimentos podem ser aproveitados para os bichos. Além do Danone, de que toda criança com que trabalhei falava que gostava, me explicaram, por exemplo, como se sabia que a galinha podia ser consumida ou não: se estivesse com a “bunda roxa”, devia ser descartada.

Como nessa época em que os caminhões seguiam direto para a Lixeira havia muitos catadores, era comum haver brigas e disputas pelos materiais a serem vendidos, e pelos melhores preços também. Eram comuns as disputas, até mesmo pelos alimentos, como indica o relato das brigas na redação acima.



“Figura” 10: Desenho da aluna Walkhila: “Falando do Lixão”, do Lixão em dia de chuva. (PETI Pólo Fazenda dos Mineiros, 2003).

Em dias de chuva, acrescentavam capas de chuva a suas vestimentas. Isto não os afasta do trabalho no lixo, seguem para a Lixeira do mesmo jeito, expostos a chuva o dia inteiro. Os que não possuem capas as improvisam com plásticos e lonas. Observei

muitas vezes a utilização de guarda-sol, pela maior extensão do que os guarda-chuvas, ajeitados sobre cadeiras para o descanso.

Os materiais contaminados, principalmente os hospitalares, fazem parte dos pontos negativos mais apontados na pesquisa. As doenças provocadas pelos materiais perigosos podem conferir risco de vida para os catadores. Alguns casos de mortes são relatados.

O sol quente pode levar a tonturas, náuseas e desmaios. Esse é um dos motivos de se observar espalhados por todo aterro, lonas e guardas-sol para a proteção do sol, onde os catadores fazem diversos momentos de pausas ao longo do dia de trabalho, para agüentar a fumaça e o calor.

O lixão

Lá é fedorento pode dar doenças e perebas no corpo todo e também jogam animais mortos jogam até coisas de hospital. A maioria dos animais que come coisas podre de lá morrem animais doentes e a maioria com feridas nos corpos morrem também. Lá muitas pessoas catam latinha para sobreviver, com ferro e plásticos para sobreviver. Lá tem muitos lixos tóxicos. Espero que um dia as pessoas de lá saiam de lá e arranjam uma vida melhor. (Juliana, 13 anos, 2003)

Juliana trabalhava no Lixão desde os 03 anos de idade e sua riqueza de descrição nos mostra muito dos problemas que passou durante a vida na Lixeira, como de observar animais mortos e feridos e os lixos contaminados. Ela me falava do horror que tinha de pegar lixos tóxicos ao estourar as sacolas de lixo para achar latinhas.

Eu reconhecia alguns alunos que retornavam ao trabalho na catação de lixo pelas feridas de micoses no corpo. Eram feridas abertas nas mãos e buracos de micoses nas cabeças, vermelhas, espessas e em alto relevo, não existindo qualquer cabelo na região atingida pela doença⁹.

O trabalho no lixo não é a realidade de todos que possuem pais na atividade da catação. Alguns pais proíbem a ida dos filhos ao aterro e muitos nunca entraram no

⁹ Além disso, os animais que freqüentam o aterro, como porcos, cachorros e cavalos também apresentam feridas provocadas por doenças adquiridas do lixo. Estas também podem ser vistas em animais que observamos nas ruas do entorno e que são alimentados pela lavagem retirada do aterro.

Lixão por qualquer razão. Há catadores que falam da escola como alternativa para uma mudança de vida e possuem expectativas de melhora na vida profissional de seus filhos, vislumbrando outras formas de sobrevivência para suas crianças.

Porém, existem ainda famílias que mantêm os meninos e meninas na catação de lixo. Segundo pesquisa da Análise do Cadastro Social (2006)¹⁰, a presença de crianças, filhas de catadores, acompanhadas ou não dos pais no Lixão, não tem como justificativa o aumento do rendimento mensal da família. De acordo com seus dados, as famílias que têm filhos trabalhando no aterro não apresentam renda superior às que não têm.

Associam três fatores para presença dos filhos no aterro: o número de filhos na família (quanto maior a quantidade, maior a chance de ter criança no aterro); a idade dos filhos; e a idade do catador (os dois últimos, quanto mais velhos, aumentam as chances). Os catadores que têm filhos no aterro eram, em média, 06 anos mais velhos que os que não têm; e seus filhos eram, em média, mais velhos do que aqueles que não freqüentam o aterro.

Atualmente, apesar de observarmos a menor presença de crianças na Lixeira, elas ainda a freqüentam e catam lixo.

1.9. Minha informante privilegiada:

Contando todo esse tempo de dedicação e contato com o campo, embora, é verdade, com períodos de distanciamento, são 10 anos desde a primeira ida ao entorno do aterro. Durante todo esse tempo, conto com a ajuda indispensável de minha informante privilegiada, a Cremilda, uma educadora e militante local. O carinho e o respeito mútuo, sem dúvida, foram essenciais para o estabelecimento dessa relação.

Cremilda foi coordenadora por muito tempo do Pólo do PETI de Itaoca. Conseguiu passar por diferentes gestões de prefeitos e continuar o seu trabalho, devido a dedicação que possuía as crianças e aos problemas locais. Ela possui mais de 10 anos de direção e trabalho na única creche comunitária do bairro de Itaoca.

¹⁰ A análise dos dados foi de responsabilidade da Cooperativa Estruturar, contratada para a apuração dos dados recolhidos em entrevistas formuladas pelos técnicos da usina, com 517 catadores de lixo.

Mesmo após a minha saída do Projeto PETI, ela continuou me acompanhando, se interessando e dando assistência no que fosse necessário. O caso de João Luiz (o qual eu dedico, juntamente ao Francisco, a minha monografia) é um bom exemplo da dedicação de Cremilda.

1.10. A entrada no aterro:

Foi graças à atuação de Cremilda que consegui o tão sonhado ‘passe’ para a entrada no Lixão, já em 2008, ano de pesquisa de minha monografia de graduação. Cremilda que estabeleceu contato com a assistente social atuante na época no aterro.

Ela foi comigo no primeiro dia de visita. Para demonstrar o seu vícios institucional, foi com a camisa do Projeto em que trabalhava. Ela estava apreensiva, pois o contato com a empresa que possui a concessão do aterro não permite entradas de ‘curiosos’ no local. A explicação é devido à presença constante, anteriormente a ação da empresa, de “aproveitadores” de todos os tipos, principalmente por parte de políticos a procura de votos, com promessas nunca cumpridas, ou distribuições de cestas básicas.

Cremilda me apresentou a assistente social como “sua amiga”, que estaria com uma proposta de trabalho de observação do lixão para minha pesquisa – até nesse momento me lembra o “Doc”, quando Foote-Whyte relata que o apresentou como o “*meu amigo Bill*” (1943: 77). A assistente social se mostrou esclarecida com a situação, e também solícita, me proporcionando uma longa conversa nesse primeiro dia. Cremilda, após a apresentação, seguiu o seu caminho de volta ao CIEP, com sua ‘missão’ cumprida.

1.10.1.O primeiro dia

O primeiro dia no aterro se deveu única e exclusivamente ao contato proporcionado por Cremilda, na época, coordenadora do PETI de Itaoca, pois havia muita interação entre ela e a assistente social da empresa, devido ao trabalho de retirada das crianças do trabalho no aterro. Isso se tornou obrigatório com a nova Política de Gestão de Resíduos Sólidos (2010), mas já se tornara um fator obrigatório em meio às ações atribuídas à empresa CTR Alcântara, através dos requisitos impostos para a obtenção da concessão do aterro: *a extinção do trabalho infantil no aterro*.

Esse dia foi de uma longa conversa com a assistente social, com a agente social – uma jovem moradora das redondezas contratada para a ajuda no atendimento ao catador de lixo. Dentre as funções atribuídas, estão as de cadastramento do catador de lixo nas atividades da usina, através do encaminhamento para a cooperativa de trabalhadores da usina, responsáveis pela separação dos resíduos. A assistente social se dispôs a aceitar que freqüentasse sua sala de triagem de onde ela acreditava que poderia fazer o contato com os catadores, com a devida *autorização* da empresa. Para tal, me pediu que levasse um portfólio para entregar a eles, incluindo neste as intenções de minha pesquisa.

1.11. Acompanhando o Assistente Social – o segundo dia

No segundo dia fiz a entrega do portfólio na usina e decidi acompanhar o trabalho do assistente social da Secretaria, o Gilberto, no atendimento de uma família da “*Favelinha do lixo*”. No caminho da residência do Sr. José, descubro que a *Favelinha* é a Rua Projetada, que se localiza ao lado da porteira do aterro – conhecia a Rua Projetada pelos cadastramentos de meu trabalho no PETI, mas não sabia que se tratava daquela rua ao lado do lixão de Itaoca.

1.11.1. Seu Zé dos Cachorros

Sr. José é o “*Seu Zé dos Cachorros*”, conforme é conhecido no bairro, por estar sempre rodeado por seus animais de estimação, os “vira-latas” que o seguem onde quer que vá. Ele é catador de lixo, mas diz que sua profissão mesmo é a de pescador, mas ao ser indagado a respeito disso, responde: “*Que pesca? Não ta dando nada!*”.

Ele me fala do movimento cíclico entre a pesca, a catação de caranguejo e a catação de lixo¹¹. E complementa com outra afirmativa: “*a catação aqui (de lixo) também não ta dando nada.*”. Ele me explica que só depois que esgota a capacidade de recebimento de lixo pela cooperativa (usina) “*é que vai algum caminhão lá pra dentro.*” – isso se refere ao fato de que, desde o início da implantação da Usina, em 2004, que os trabalhadores passaram a ser separados entre os cooperativados, que aceitaram o trabalho na Usina, e os catadores, que não se associaram e continuam apenas no trabalho onde se despejam os resíduos finais do lixo, no alto do aterro.

A sua residência na verdade é uma casa de tapume de compensado, inclusive no chão, separando-a da lama do mangue, sobre a qual foi construída. Sua casa é muito pequena e a mais rudimentar que já observei em todo tempo de pesquisa. Como uma continuação dela, ao lado, no quintal, havia o seu criadouro. As casas dos seus bichos se confundiam com a sua, porém em menor proporção, com mais de trinta porcos em cativeiro. Os animais conviviam em meio a sua família, com seu filho mais velho, de cinco anos, com sérios problemas de saúde, inclusive uma anemia profunda.

Esse foi o motivo da visita domiciliar do assistente social, os problemas de saúde de seu filho. Ele necessitava de uma operação de hérnia umbilical, que estava sendo providenciada junto à Secretaria. Gilberto é considerado uma importante liderança local junto ao poder público e se dedica às questões locais a mais de 20 anos, sendo um dos primeiros fundadores da *Casa do Pai*, uma das principais instituições sociais do bairro.

¹¹ Isso será melhor referido posteriormente.

1.12. Os próximos dias na interlocução com a Usina

Passo dias indo ao aterro, conversando com a assistente social, e saindo sem respostas sobre a autorização para a minha ida ao local de catação de lixo – autorização esta que nunca me foi explicitamente concedida. Os próximos passos foram, então, a procura de outros meios para a sonhada inserção no verdadeiro campo de minha pesquisa. Procuo, assim, o contato de Margarida, e descubro que ela é a supervisora dos trabalhadores da cooperativa.

1.12.1. A influência de Margarida

Margarida é sem dúvida uma das pessoas de maior influência em todo o espaço do aterro – identifico, entre eles, três grupos: o dos funcionários (da empresa), o dos trabalhadores da usina (da cooperativa) e o dos catadores de lixo. Ela possui essa importância devido a sua influência anterior diante das relações de forças predominantes no lixão de Itaoca, e isso se deve ao poder que o tráfico de drogas exercia no local. Das antigas relações de forças, restaram os seus membros proeminentes. E eu conhecia Margarida por ser uma “mãe do PETI”, que me foi apresentada por antigos coordenadores do projeto.

Após passar o mês de janeiro inteiro tentando articular minha entrada, apenas ao conseguir falar com Margarida é que ganho o ‘passe-livre’ para a circulação no aterro.

“O quê? Não te deixaram entrar no Lixão ainda? Pois você está autorizada! Eu te autorizo!” – e me carregou, pedindo licença, e abrindo todas as portas dos escritórios da Casa da Empresa, dizendo: *“Esta aqui é Paola, ela está fazendo um trabalho pra gente, e vai freqüentar aqui por alguns dias”*. Ao sair de lá ela me disse: *“Viu, está tudo certo! Pode ficar o tempo que quiser aqui. Sei que você é de bem e que fará algo pra gente”*.

Lembro ainda, após algumas idas:

“Não se preocupe não. Pelo menos você se dedica. Vem aqui todos os dias, e anda por todo o lado do Lixão, não tem frescura. Deveria ter mais gente fazendo que nem você. Não é só falando da gente, sem ir lá falar com eles, um a um.” – diz Margarida. Penso que lá é um lugar que ainda sobrevive das relações de confiança, apenas de olhar e saber, sem muitas palavras e de ações rápidas. Foram com minha cara, tenho a confiança deles e todo o aval para isso. (*Caderno de Campo*, 2008)

Após isso, ela logo elegeu dois ‘seguranças’ para mim dentro do aterro:

“Não é porque tenha perigo, é só pra assegurar que nada te aconteça. É que tem uns catadores mais abusados mesmo, que podem querer ‘tirar uma’, e implicar com você. Isso vai demonstrar mais respeito. E se alguém mexer com você, imediatamente me avisa, que resolvo.”, me disse Margarida. Não sei se isso é bom ou se é ruim. Tenho um pouco de medo. (*idem*)

Meus dois seguranças são: o motorista do caminhão da usina, que se preocupa comigo e gosta da minha companhia, e um operador do trator que fica lá dentro do local de separação do lixo. Tenho ainda a ajuda do filho mais velho de Margarida.¹²

E, assim, começam os novos caminhos de minha pesquisa. Finalmente, passo os meus dias no espaço da catação de lixo do Lixão de Itaoca. Antes de mais nada, é preciso estabelecer as relações entre o lixão e a ilha, cujo nome o batiza.

¹² Falarei da história de Margarida no próximo capítulo.

Capítulo 2

“Itaoca é uma ilha”

2.1. “Itaoca é uma ilha”

“Bogotá é uma ilha de terra alta, uma ilha desencantada, uma ilha distante do mar... É também uma ilha térmica”. E, desenvolvendo a metáfora, indo da Botânica para a História, passando pela Tauromaquia, pela Gramática, pelo intercâmbio do dólar e pela sexualidade, ele dirá: “Nós vivemos numa sociedade de consumo enquistada numa economia de subdesenvolvimento”. Depois, lembrando-se de uma expressão que eu lhe soprei, ele conclui: “Somos os Robinsos da necessidade” (MEUNIER, 1978: 1).

Meunier (1978) inicia sua etnografia sobre os *gaminos*, meninos de rua de Bogotá, com uma entrevista a E.P., o interlocutor da passagem acima, um poeta que, segundo o autor “*Ser-me-ão precisos cinco meses para reconhecer seu valor*” (*apud*). Meunier percebe através de seu amigo, a história de Bogotá, que por suas características físicas de altiplano, sua morfologia social, e demais associações com a metáfora da ilha – “Ao pé do inventário já demasiadamente extenso, demasiadamente heteróclito, junta-se esta frasezinha à nossa coleção: “Bogotá é uma ilha que hesita entre a pureza e a corrupção”” (*apud*: 10).

Assim, esses “*Robinsos da necessidade*”, esse misto de “*pureza e corrupção*”, juntam-se as seguintes idéias:

O pesquisador disposto a desviar-se um instante da literatura erudita, que tenta apoderar-se de todo esse saber traduzindo-o em esquemas pedantes e dominadores, há de ver como – zombando de si mesmos – os bogotanos cultivam com muita freqüência a ironia e a desobediência civil. “Não há nada mais político do que um colombiano que não vota”, afirma E.P. (*ibidem*: 10)

Esse retrato de Bogotá através da interpretação de Meunier funciona para esse estudo de caso, transportando a metáfora da ilha de Bogotá para a “ilha de Itaoca”, conforme é conhecida essa região do município de São Gonçalo, pertencente à região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Muitos estudiosos, de diferentes disciplinas e pontos de vista, têm se debruçado em pesquisas sobre essa ilha.

Na “A Poética do Abandono”, texto produzido sobre um ensaio fotográfico do autor Marcos Veríssimo, antropólogo com longa trajetória de pesquisa sobre a ilha, observada em “A etnografia do Abandono”¹³, que levanta a discussão da categoria sociológica *abandono*, através da discussão sobre a ilha de Itaoca. Veríssimo deixa, assim, o seu olhar, muito inspirador para esta pesquisa¹⁴:

O abandono da Ilha de Itaoca é social, político, ambiental, além de ser também um abandono em relação ao seu próprio passado – quando o lixo ainda não impregnava a paisagem, o pescado era muito mais abundante, e a vida social era consideravelmente mais intensa. [...] Retratar o abandono é valorizá-lo em sua condição de pano de fundo sobre o qual aparecerá a criação e recriação do próprio mundo por parte dessas pessoas, não apenas abandonadas à própria sorte, mas antes de tudo refinadas em suas explicações e estratégias para articular um domínio da situação adversa brevemente descrita acima. Nem que o domínio almejado venha ser apenas um domínio sobre a própria condição de dominado (VERÍSSIMO, 2006)

Em meu trabalho de monografia, “Encontros e Despedidas do Lixão de Itaoca” (2008)¹⁵, faço a seguinte observação: “*Diria que o que sobrou de ilha em Itaoca tem um caráter metafórico. Uma ilha de exclusão, de esquecimento, do abandono social*”. (SOUZA, 2008:20). Ainda, ao longo das discussões desse trabalho, pode ser observada uma outra visão do abandono da ilha, através das alternativas produzidas por esses “*Robinsons da necessidade*”.

Ao mencionar “*o que sobrou da ilha*”, me refiro ao fato de que, atualmente, Itaoca deixou de ser uma ilha. Ela passou a ser ligada ao continente pelo aterramento de sua “Ponte do Rodízio”, local por onde se tem acesso ao bairro de Itaoca. Essa é a grande semelhança à metáfora de Bogotá como uma ilha. Apesar de não ter a característica de Bogotá de ser “*distante do mar*”, por sua margem com a Baía de Guanabara, Itaoca é uma ilha que, geograficamente, não se vê, apenas de forma

¹³ Este projeto do ensaio fotográfico realizado em parceria com Natália Amorim foi retirado do blog dela, na pesquisa realizada em 12/02/2011.

¹⁴ Pois suas reflexões permeiam esta pesquisa desde sua intenção, ainda na graduação de Ciências Sociais, embora não aprofundadas nesse estudo de caso, pelo enfoque no “Lixão”, e não na “ilha”.

¹⁵ As discussões da monografia são baseadas no registro das três ecologias, a saber, a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana, conforme perspectivas teórico-metodológicas introduzidas por Guatarri (1990). Maiores esclarecimentos dessas questões podem ser vistos na monografia.

panorâmica, onde grandes bolsões verdes em seu interior ainda podem ser vistos, apesar do desgaste da orla da Baía.

Itaoca faz parte da reserva ecológica do ecossistema de manguezal, a APA de Guapimirim. Seu distanciamento do continente, e propriamente, dos grandes centros urbanos, torna latente, assim, o grande abandono dessa ilha. O lixo faz parte de sua história, através de décadas de despejos clandestinos. Seus locais desabitados e longínquos, como a região da “Boioa”, sofrem até hoje com esse destino do lixo. Esse fato se torna fundamental para o entendimento da destinação de todo lixo da cidade em suas redondezas, no chamado “Lixão de Itaoca”.

2.2. Passando pela história da ilha

A história da Ilha de Itaoca perpassa pela história das primeiras ocupações da cidade de São Gonçalo, onde, nessa área específica, viviam os tupinambás, importantes na preservação do local, alvo de inúmeras disputas pelos colonizadores europeus, se concentrando em seus arredores mesmo após a instalação da Fazenda da Luz pelo capitão Francisco Dias da Luz. O capitão chegou ao Rio de Janeiro em 1565, junto a Mem de Sá, instalando-se nessa região da Ilha de Itaoca.

Como retrata a história do governo-geral de Mem de Sá, que foi responsável também pela expulsão dos franceses do litoral fluminense, quando fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, esse governo foi responsável economicamente pela expansão da agricultura exportadora, fundando engenhos e aumentando a importação de escravos negros, além da expansão da pecuária.

Na Ilha de Itaoca, então, não foi diferente. Os contatos da época deveriam ser principalmente pela rota marítima, assim como as demais regiões da Baía de Guanabara. A Fazenda da Luz, que existe até hoje como patrimônio histórico da Ilha de Itaoca, onde se instalou Francisco Dias da Luz, legou à região toda essa influência dos portugueses, inclusive um capela, fundada em 1646, com vistas para a Baía de Guanabara e tombada

como patrimônio cultural. Nessa fazenda existem até hoje os grilhões fincados no chão, onde os escravos eram presos, e onde acredita que exista um túnel criado pelos escravos como rota de fuga.

Relato a história de Itaoca baseando-me principalmente no registro que guardo das entrevistas do ano de 2004, nas quais os moradores mais antigos e também os mais conhecidos do bairro, descendentes de grandes famílias portuguesas (a “família Torres”...), de descendentes de indígenas, dentre outros, onde falam do costume de plantar mandioca, cana, banana, abacaxi, e outras árvores frutíferas, como jaqueiras e mangueiras.

Nas entrevistas, destacam a existência de costumes indígenas entre os moradores da ilha, quando falam das plantações de abacaxi, das criações de ovelhas (adquiridos após a influência dos colonizadores), e dos hábitos que permanecem como a pesca, o uso de ervas medicinais, e a alimentação de raízes. Falam dos costumes da caça, plantio e dos artesanatos e danças.

Outros relembram as histórias da escravidão na Fazenda da Luz e os costumes de se reunirem em torno das fogueiras e das festas juninas, da forte presença da cultura africana no local.

Hoje, conta-se com cerca de 6.000 habitantes, entre os descendentes dos seus antigos moradores e da população vinda do continente atraída por seu ecossistema (pescadores, por exemplo), ou repelida da cidade, por ausência de recursos financeiros, ocupando lotes de áreas de manguezais, ou comprando pequenas faixas de terras por preços irrisórios (muitos constroem suas casas em cima de terrenos irregulares, em cima da lama).

2.3. Sua constituição enquanto bairro

Itaoca é uma ilha que se transformou em um bairro do 1º distrito da cidade de São Gonçalo. Com cerca de 160 km² de extensão, se encontra ligada ao continente pela

Ponte do Rodízio, batizada assim pela sua antiga estrutura de madeira que permitia às embarcações atravessarem o principal canal da cidade, o canal *Imboáçu*, de onde desembocam as águas da maioria dos rios da cidade.

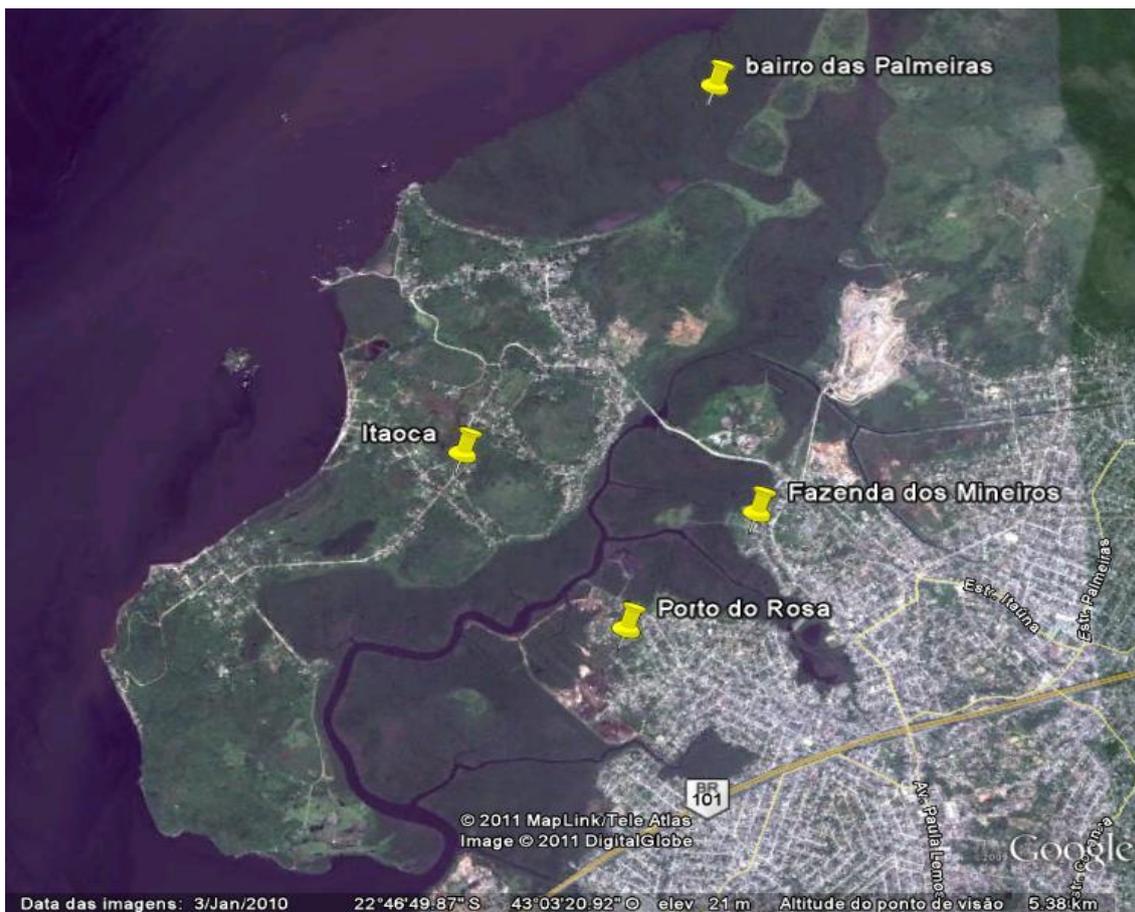
Do ponto de vista do continente, quase não se percebe que Itaoca é uma ilha. A *Ponte do Rodízio*, muito pequena e aterrada atualmente, perdeu sua função histórica, não existindo mais embarcações passando por seu canal – o canal *Imboáçu* encontra-se hoje totalmente assoreado e desgastado pela poluição da Baía de Guanabara.

Embora em pequena vazão, o rio Imboáçu conduz águas muito poluídas de suas áreas de drenagem do município de São Gonçalo. É considerado pela FEEMA como classe 4, o que significa que suas águas deveriam ser destinadas à navegação, à harmonia paisagística e aos usos menos exigentes. Mesmo assim, os levantamentos da FEEMA revelam que os níveis de oxigênio dissolvido, de demanda bioquímica de oxigênio e de coliformes fecais indicam a ausência total de vida e elevados níveis de poluição, tanto doméstica quanto industrial, o que o torna pouco viável até mesmo para estas atividades (PELLENS, 2002:10).

Além disso, o ecossistema de manguezal é característico de toda área que compreende a ilha de Itaoca e sua região vizinha, o bairro de Fazenda dos Mineiros, o que dificulta a percepção da fronteira. É preciso muita atenção para se distinguir a ilha do continente, que hoje continua sendo chamada de ilha, mas não deve ser considerada de fato, devido a esse aterramento de sua passagem.

Assim, suas margens são o bairro Fazenda dos Mineiros, pelo qual se dá o acesso; o bairro das Palmeiras, com densa vegetação, sem construção de vias de acesso; e o bairro Porto do Rosa, com toda sua margem formada pelo canal Imboáçu.

Itaoca está a cerca de 6 km do bairro central da cidade de São Gonçalo, onde se encontra a prefeitura municipal e pode ser tido, ao mesmo tempo, como o bairro mais distante das políticas públicas locais, como pode ser observado nas diversas regiões do país onde o ecossistema de manguezal se encontra predominantemente.



“Figura” 11: Imagem de satélite retirada do Programa Google Earth (software da Google) mostrando o bairro de Itaoca e os bairros vizinhos de Fazenda dos Mineiros, Porto do Rosa e bairro das Palmeiras. Ao fundo, a Baía de Guanabara.

Uma reserva ecológica sobrevive em meio à região metropolitana do Rio de Janeiro – a APA de Guapimirim – abrigo dos maiores manguezais do fundo da Baía de Guanabara, formando uma imensa área de proteção ambiental com cerca de 14000 hectares de terras, ao longo das cidades de São Gonçalo, Itaboraí, Magé e Guapimirim.

A APA de Guapimirim há cerca de duas décadas foi criada e há exatos dez anos faz parte do plano de manejo do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) para sua proteção¹⁶. Esta reserva, apesar de sofrer com devastações e poluição, pode resistir a

¹⁶ Decreto de Criação da APA de Guapimirim: nº 90.225 de 25/09/1984 e Plano de Manejo: Portaria do IBAMA nº 104 de 27 de julho de 1998 e lei nº 9.605 de 12/02/1998 dos crimes ambientais.

séculos de ocupação humana de toda orla da Baía de Guanabara, cuja bacia se encontra com apenas 1/3 do que já foi um dia¹⁷.

2.4. Seu ecossistema de mangue

O ecossistema de mangue característico desta região é caracterizado por sua transição entre o ambiente marinho e o terrestre, sendo por isso sujeito ao regime das marés, que influencia toda lógica de seu entorno. Rico em matéria orgânica, o mangue é um grande abrigo de muitas espécies de peixes e crustáceos, atraindo a população local para a pesca e a catação de caranguejo, ramos de atividades que sobreviveram nessas áreas até os dias de hoje.

De acordo com Nakashima & Pratera (2006), a destruição dos manguezais causa a redução da capacidade de reprodução das diversas espécies de vida aquática e aumenta o processo de assoreamento que ao longo do tempo resulta na redução da profundidade da Baía. A degradação desse ecossistema, assim como nos demais que compõe a Baía de Guanabara, como a Mata Atlântica, é agravada pela poluição da qual é ameaçada ao longo de todo processo de ocupação de sua área.

A ocupação do entorno da Baía foi agravada devido à transformação da região metropolitana do Rio de Janeiro em um dos maiores parques industriais do país e mesmo do continente. Nessas águas encontram-se as maiores empresas de refinaria de petróleo, indústria naval, metalúrgicas, petroquímicas, gás-químicas. Ela reúne os maiores grupos nacionais e internacionais do setor naval e os maiores estaleiros do país. No setor do petróleo abrigam mais de 700 empresas, dentre as quais Shell, Esso, Ipiranga, Chevron Texaco, El Paso, Repson YPF¹⁸.

Para tal, novas áreas tiveram que ser criadas para acomodar todo contingente populacional proveniente principalmente de seu boom industrial. Isso se deu através de

¹⁷ A Baía de Guanabara tinha originalmente 260 km² de manguezais. Hoje possui apenas 82 km² deste ecossistema.

¹⁸ As referências são de estudos com base em dados do IBGE e INAE.

aterros de grandes extensões da Baía, causando uma redução de cerca de 30% de sua superfície inicial. Só na sua região hidrográfica, existe uma população de cerca de 10 milhões de pessoas. Nos dias de hoje, cada lote de terra da região encontra-se intensamente disputado pelo mercado imobiliário, principalmente em relação à região onde se concentram seus pólos industriais.

Apesar do crescimento da industrialização ter sido observado em toda região metropolitana do Rio de Janeiro, pelo processo de conurbação sofrido¹⁹, a tendência ao longo da história foi de concentração dos pólos industriais na cidade do Rio de Janeiro, consolidada enquanto capital. E, por mais que despontassem em momentos diversos e de diferentes formas no setor industrial²⁰, as cidades vizinhas se tornaram atrativos de populações à procura de locais mais baratos de moradia e com proximidades à capital.

Dessa forma, as ameaças ao ecossistema de manguezais da Baía de Guanabara são provenientes de décadas de lançamentos de poluentes industriais, da carga orgânica de esgotos sanitários sem tratamento, aterros clandestinos, pesca predatória, desmatamento de encostas, crescimento urbano desordenado, entre outros fatores que contribuíram para tornar a Baía um dos mares mais poluídos do mundo.

Ainda assim, podem-se observar regiões remanescentes de manguezais sobrevivendo na orla da Baía de Guanabara, resistindo à ocupação urbana ao longo dos séculos. E justamente nestas cidades mais afastadas da região metropolitana, que compõem a APA de Guapimirim, que se encontram resquícios desse ecossistema, e, da mesma forma, apresentam as populações que utilizam dos recursos obtidos do ambiente marinho para sua subsistência, como visto pelos pescadores e caranguejeiros.

¹⁹ Conurbação é o encontro de cidades como fruto da expansão horizontal urbana, não havendo entre elas, principalmente em seus fluxos de ligação, significativos espaços verdes.

²⁰ O caso da cidade de São Gonçalo demonstra tal fato, que apresentou uma época de ascensão industrial nas décadas de 40 e 50, momento em que se tornou a mais importante no setor industrial do Estado, decaindo em seguida por falta de investimentos, perdendo terreno para os novos pólos que surgiram nos municípios vizinhos.

2.4.1. Os “pescadores artesanais”, os caranguejeiros e as escarnadeiras de siri

Estes pescadores, moradores do entorno da Baía de Guanabara, podem ser caracterizados em sua maioria como *pescadores artesanais ou assemelhados*:

Aquele que, individualmente ou em regime de economia familiar, faz da pesca sua profissão habitual ou meio principal de vida, desde que:

- a) não utilize embarcação; b) utilize embarcação de até seis toneladas de arqueação bruta²¹, ainda que com o auxílio de parceiro; c) na condição exclusiva de parceiro outorgado, utilize embarcação de até dez toneladas de arqueação bruta (Instrução Normativa INSS/DC Nº 95, de 7 de Outubro de 2003).

A importância desta definição se dá pela própria forma como se nomeiam os pescadores, principalmente por seus representantes, em entrevistas informais realizadas no período de setembro/outubro de 2010, com alguns dos principais líderes de bairros como Itaoca, Fazenda dos Mineiros, Porto do Rosa e do Salgueiro. Este último, apesar de não margear o bairro de Itaoca, possui relativa influência para esta pesquisa pela sua relação direta com o Lixão, através dos moradores que trabalham na catação de lixo.

Estas entrevistas constam de depoimentos dos líderes formais e informais da Ilha e das praias de Itaoca, como da Praia de São Gabriel, da Praia da Beira, com pescadores que moram e trabalham nestas praias de Itaoca, e de outras regiões como a Caieiras e “Quebradas”; com representantes de Centros Sociais, Projetos e Movimentos de Fazenda dos Mineiros, Salgueiro, Porto do Rosa e também de Itaoca.

Em entrevista com “Seu Alcino”, presidente da Associação de Pescadores e Escarnadeiras da Praia de São Gabriel (APEPSG), diversos elementos que embasam as discussões acerca de sua classe foram apontados. Essa Associação, segundo ele, possui cerca de 800 sócios, onde de 150 a 160 são compostos por caranguejeiros. Ambas as atividades possuem restrições quanto à chamada “época do defeso”, que compreende o período de reprodução das espécies marinhas e das que habitam os manguezais, onde as atividades dos pescadores e catadores são proibidas.

²¹ “entende-se por tonelagem de arqueação bruta a expressão da capacidade total da embarcação constante da respectiva certificação fornecida pelo órgão competente.” (*idem*)

Os principais pescados da região de Itaoca e adjacências, segundo os pescadores, são: a sardinha e o camarão. Este último de importância histórica, mas em escassez na atualidade. Os diversos pescados possuem, de acordo com Seu Alcino, diferentes períodos de reprodução, logo, diferentes épocas de defeso.

A época do defeso de pescado na região é de 01/outubro a 01/dezembro, seguindo a época de todo território nacional:

No Brasil, o período de defeso é o período em que as atividades de caça, coleta e pesca esportivas e comerciais ficam vetadas ou controladas em diversos locais do território nacional. Este período é estabelecido pelo IBAMA de acordo com o tempo em que os crustáceos e os peixes se reproduzem na natureza. Visa a preservação das espécies e fruição sustentável dos recursos naturais. Os pescadores artesanais recebem do governo proventos em dinheiro durante a época em que não podem obter renda da pesca por impedimento legal²².

Já a época de defeso dos caranguejos (crustáceos cuja maioria das espécies vive em área de manguezal) é diferente dos siris (crustáceos marinhos, que não vivem no mangue). Isso faz com que os caranguejeiros, na época do defeso do caranguejo, busquem a pesca do siri como fonte de renda. A diferença entre estas duas atividades é substantiva, pois o defeso do caranguejo se estende desde 01/outubro até 01/abril do ano seguinte, logo, indo quatro meses além dos dois meses dos peixes e crustáceos marinhos.

Durante esse período os pescadores podem receber um “seguro-desemprego do pescador artesanal”, um auxílio com parcela mensal no valor de um salário mínimo, garantido por lei e pago pelo MTE, com alguns pré-requisitos, durante a época em que durar o defeso. Porém, no caso da região de Itaoca, os pescadores não são beneficiados em sua totalidade, além dos casos de perda da possibilidade de recebimento em alguns períodos.

Para alguns, fatores como o desconhecimento, a falta de documentos necessários (há casos de não possuem sequer registros de nascimento), entre outros fatores impedem que essa política atenda aos pescadores, que, além disso, apesar de em alguns

²² Autor desconhecido. Explicação sobre o período do defeso retirada de pesquisa da internet, em 12 mar. 2010

momentos, estarem recebendo o auxílio, optam pela complementação da renda, ou mesmo, pela necessidade de estarem exercendo alguma atividade neste período.

Apesar desse deslocamento da catação do caranguejo para a pesca do siri, relatado em entrevistas, a alternativa de fato não é tão simples quanto possa parecer. Diversos fatores influenciam, mas as principais dificuldades encontradas são, sem dúvida, a dos materiais necessários para a realização da pesca, como os exemplos dos arrastões ou embarcações de pequeno porte, comuns nestas regiões. Além disso, os pescados recolhidos no mar são escassos até mesmo para os pescadores habituais desse meio, dificultando ainda mais essa inserção em períodos como o do defeso.

O relato de um entrevistado deixa claro esse fato no seguinte argumento – “*O material que uso para pegar o caranguejo está aqui: sou eu mesmo, ’tá vendo?*” (J.A., 42 anos) – e aponta para as suas próprias mãos em seguida. Isso se torna relevante, pois o que aproxima a população da catação de caranguejo é a forma imediata de obtenção do material a ser consumido e comercializado, diretamente do meio ambiente ao redor.

Os pescadores questionam a época do defeso, não por relação a sua importância ecológica, justamente o que os levam a respeitá-la, na compreensão de que se pegarem os filhotes, diminuirão drasticamente as chances de reprodução e aumento dos bichos. Porém, este fator afeta as suas fontes diretas de alimentação e geração de renda. Em meio a isso, nos perguntam: “*tudo bem, mas e nós, o que fazemos em meio a isso?*” (J.A.)

Diversos estudos sobre esta classe e sua atividade e importância para as populações sobreviventes do ecossistema de manguezal apontam para este fator. Destaco a importância histórica da ilustre obra do antropólogo, geógrafo e médico Josué de Castro, que sempre se revelou uma inspiradora fonte para esta pesquisa, como pode ser observado no anexo 01 (*O Ciclo do Caranguejo*, 1966)²³:

O “Ciclo do Caranguejo” é um conto literário, em que descreve os fatos sem retocá-los. O estudo desse ciclo levou o autor a uma análise das relações entre as pessoas e o ambiente em que vivem, exploradas, espicaçadas. Esse texto nos possibilita a reflexão de até onde as formas

²³ Considero esse texto base de diversas reflexões acerca da população que sobrevive do meio ambiente e especificamente da catação de caranguejo, além de ser um marco referencial dos estudos nesse sentido, pois suas análises vão além dos “Mocambos”, de Recife, refletindo nas realidades do Brasil, e indo além, do continente, como retratado na referência ao autor, em FERNANDES & GONÇALVES, 2007.

de miséria e as lutas pela sobrevivência humana podem chegar (FERNADES & GONÇALVES, 2007: 17).

Assim, como alternativas, além das citadas de tentativa de pesca, surgem outras opções locais, como o caso da própria catação de lixo. Durante o trabalho de campo no aterro de Itaoca, pude observar e ouvir pessoas que relatam serem “catadores de caranguejo” em meio ao lixo. Ao serem perguntados sobre o que faziam ali, abordavam justamente a questão do defeso e da proibição da catação: “*tem gente que continua lá no mangue, catando, não respeita não, pois vai viver de que, né? Mas eu to aqui, catando lixo. Minha família não pode passar fome, dona.*” (M.S. – 37 anos).

Isso remete à forma cíclica com que a catação de caranguejo é substituída pela catação de lixo. Na visão inicial do trabalho de campo no aterro de Itaoca, separava-os como catadores de lixo que se intitulavam ou possuíam outras profissões e ofícios, o que é muito comum de se observar neste local. Quase ninguém se nomeia como “*catador de lixo*”. Todos possuem profissões, como domésticas, pedreiros, entre outras, e se encontram ali – muitos por décadas seguidas ou intercaladas por “bicos”²⁴.

2.5. Itaoca e a história do Lixo

A proximidade do Lixão ao bairro de Itaoca não se deu por acaso. A catadora mais antiga encontrada no lixão, a Dona Leonora, me confirma sua história:

Antigamente o lixo era jogado na Ponte do Rodízio, na Estrada de Itaoca, na entrada da Igreja. Ficava muito lixo na rua e atrapalhava o ônibus, atrapalhava a passagem do caminho. Então resolveram jogar neste local que é hoje.

Aqui era um local muito arborizado, com muitas mangueiras, muito bonito.

[Hoje tem cerca de 4 andares de lixo].

²⁴ Essa discussão será retomada adiante, ao abordar sobre os “*trabalhadores do lixo*”.

O problema da Ponte do Rodízio melhorou, mas não mudou totalmente, pois até hoje muito carro de fora vem pra lá jogar lixo, trazendo desovas... (Leonora, catadora)

O “Lixão de Itaoca” não se localiza na ilha, encontrando-se anteriormente, a cerca de 5 km de sua entrada – a *Ponte do Rodízio*. Essa ponte separa a *Estrada de Itaoca* da *Estrada de Itaúna* – verdadeiro endereço do aterro. A *Estrada de Itaúna* é muito extensa, ligando a *Br-101* à *Estrada de Itaoca*. Logo, ela se inicia no bairro de Itaúna e segue até o bairro *Fazenda dos Mineiros*, onde se localiza o aterro. Assim, o verdadeiro bairro do aterro, que margeia Itaoca é este último²⁵.

Assim, o local do vazadouro de lixo foi escolhido pela Prefeitura por questões como a ligação com essa origem histórica de despejo de lixo nessa estrada, de modo a facilitar o acesso dos caminhões ao local do aterro. Sabe-se que a Ponte do Rodízio encontra-se muito desgastada, e que o acesso à ilha torna-se inviável em períodos de cheia das marés, onde há o alagamento da via. Assim, na década de 1970, no bairro Fazenda dos Mineiros, criou-se o “Lixão de Itaoca”, conforme é popularmente conhecido.

Este fato histórico, confirmado durante a pesquisa, torna-se relevante na consideração da história do lixo. Discordo assim da seguinte citação de Couto: “A proximidade do lixão à Ilha de Itaoca faz com que a população citadina o identifique como o “Lixão de Itaoca”.” (2006:13). Não apenas a proximidade à Ilha se torna característica da identificação e nomeação do Lixão de Itaoca, há que se considerar o início dos despejos do lixo na Ilha. Além disso, dos depósitos clandestinos que ocorrem hoje no local antigo e em toda a Ilha.

²⁵ A localização do aterro se coloca como uma errata a sua localização como sendo no bairro de Itaúna, por conta do nome da estrada e da difícil visualização através dos mapas locais.

Capítulo 3

As impurezas

3.1. A memória do Lixo

Todo lixo representa uma *memória*:

Os homens produzem lixo em suas diversas atividades. Ao se alimentarem, ao construírem habitações, ao editarem seus livros, os resíduos estão presentes. O tipo e a quantidade variam histórica e geograficamente. [...] Ele leva dos homens seus utensílios, documentos, obras de arte – enfim, sua própria memória (EIGENHEER, 2003: 13).

Falar de sua memória é falar do valor simbólico do lixo, do lixo enquanto valor-de-uso, e do seu reaproveitamento. Eigenheer recorre à Bíblia (1980):

A idéia de se evitar o desperdício e de se reutilizarem as coisas é antiga. No Evangelho de João 6:12 lê-se: “Quando se saciarem, disse Jesus a seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca.” (*ibidem*: 47).

Eigenheer, através de um olhar no tempo, traça as diversas formas em que essa reutilização dos objetos foram sendo tratadas, seja dos materiais orgânicos que servem de adubo para a agricultura, ou outras formas de uso dos resíduos. “Portanto, a possibilidade do reaproveitamento é antiga, o que não reduz os estigmas ligados a essa prática.” (*apud*: 48)

Assim, mesmo no reaproveitamento, não se podem afastar os estigmas e interdições que cercam a relação que se trava com o lixo. Isso pode ser visto como um dos motivos que levam os catadores de lixo a esconderem que estão aproveitando materiais retirados do lixo, como pôde ser visto durante o trabalho de campo, em uma conversa com um grupo de catadores que descansavam da lida.

Um dos amigos que já havia levantado para voltar ao trabalho após o descanso veio de lá todo contente em nossa direção:

“Veja, M., encontrei uma boneca. Olha só, leva pra sua filha!” – e vem S.J. segurando uma linda e enorme boneca, com um vestido rosa.

J. abaixara a cabeça rapidamente e respondera entre os dentes: “Não, você está enganado, não quero isso não!”.

Esse episódio é um dentre tantos no qual não gostariam da minha presença, por não gostarem de admitir que retiram objetos do lixo para usos pessoais (*Caderno de Campo*, 25 de fevereiro de 2008).

É sobre a sua memória, daquilo que já foi um dia, é que se trabalham os novos paradigmas da reutilização, reciclagem e reaproveitamento do lixo. As noções contemporâneas da moda, com suas “releituras”, que retornam ao antigo; os brechós, com utensílios domésticos que passam a ter um custo financeiro significativo; e diversas outras formas de reutilização dos materiais observadas nos dias de hoje, que segundo Eigenheer (2007), podem ser vistos em diferentes “civilizações” e em diferentes tempos²⁶, como demonstra nas passagens bíblicas do Deuteronômio e do Levítico²⁷.

3.2. Lixo como objeto

O significado da palavra lixo, segundo Holanda Ferreira (1975), abrange:

1. Aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua e se joga fora; entulho.
2. Tudo o que não presta e se joga fora.
3. Sujidade, sujeira, imundície.
4. Coisas inúteis, velhas, sem valor.
5. *Ralé*.

A palavra lixo é derivada do termo em latim *lix* que significa “cinzas”, e também *lixare*, definida como “polir, desbastar”. Produzido desde os tempos mais remotos, o lixo existia em menor quantidade e era essencialmente formado por lixo de cozinha, sendo assim nomeado pela produção das cinzas e restos carbonizados dos fornos e fogões à lenha²⁸.

²⁶ Esse autor mostra as formas como o lixo era visto na Antiguidade, pelos sumérios, assírios, hindus, egípcios, israelitas, gregos e romanos; na Idade Média; na Modernidade; e na Atualidade (Eigenheer, 2007).

²⁷ As relações entre a sujeira e a desordem dessas passagens são aprofundadas nas reflexões de Douglas (1991 [1976]; 2006 [1999]).

²⁸ Disponível em: < <http://www.lixo.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

É importante destacar, porém, que até o final do século XIX não é possível separá-los [os lixos domésticos] dos resíduos líquidos e pastosos (águas servidas, fezes) – daí em muitos momentos usar-se também a palavra *dejetos*, no sentido de “o que se lança fora” (NASCENTES, 1932), que guarda também aspectos negativos que marcam os resíduos em geral e os sólidos (lixo) em particular (EIGENHEER, 2003: 14).

O lixo, como *dejeito*, conforme o conceito acima exposto vincula-se à ausência de saneamento básico e a conseqüente separação dos destinos finais do esgoto e da água utilizada para fins domésticos, como a proveniente do banho e demais atividades onde ela passe do estado “*puro*” para a forma “*impura*”, misturada a outros resíduos sólidos e fluidos corporais.

Assim, o lixo doméstico, conforme o autor destaca, separa-se do sentido de *dejeito*, no decorrer das novas formas de ordenamento urbano e tratamento de resíduos, mas persiste o seu valor simbólico negativo, onde “O lixo tende a permanecer numa zona de sombra, gerando um campo de medo e receios,..., conseqüente de suas ambigüidades” (*apud*: 13).

É esta *impureza* e seus “aspectos negativos”, no sentido de “sujidade, sujeira, imundície”²⁹, que trata a obra de Douglas (1991). Esta autora, ao realizar um estudo sobre a poluição ritual, constata que a impureza está diretamente relacionada à desordem, e que estes aspectos negativos devem ser evitados para manutenção da ordem social³⁰:

Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. Se nos esquivamos dela, não é por causa de um medo covarde nem de um receio ou de um terror sagrado que sintamos. [...] A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio (DOUGLAS, 1991: 7).

²⁹ Pode-se ainda destrinchar os termos seguintes: Sujidade: “1. Qualidade ou estado de sujo. 2. Cisco, pó, poeira. 3. Excremento, fezes.”; Sujeira: “1. Imundície, porcaria. 2. Ação incorreta ou indecente; suja. 3. Bandalheira, tratantada.”; Imundície: “[Do lat. *Immunditie*] 1. Imundícia. 2. Caça miúda de pêlo.”

³⁰ A partir desta perspectiva, Mary Douglas atenta para o fato de que nossos sistemas simbólicos relativos à impureza, ligados às noções de patogenicidade e higiene, se encontrariam, simbolicamente, do mesmo modo que os observados nas demais partes do mundo, em diferentes contextos.

A impureza estaria resumida na idéia de “qualquer coisa que não está no seu lugar” (*apud*: 30). Esta, assim definida, surgiria como uma categoria residual, rejeitada por nosso sistema de classificação e, assim, condenável por este, como uma regra que nos obriga a rejeitar a anomalia como algo perigoso, no caso, representado pelo impuro, o poluente.

Nossa... como deve ser o Lixão? Tem gente que vive lá dentro? E tem casas lá dentro... como deve ser nessas casas, essas pessoas tomam banho? E tem banheiro?

Eu achava que esses meninos estariam cheios de machucados e todos sujos, mas não é que eles são limpinhos! Tadinhos! Aqui quase não tem deles, não.

Eu tinha muita curiosidade em ir lá no lixão, você já foi? Cuidado ao entrar lá, é muito perigoso!

(SONINHA, Educadora Social, PETI Porto do Rosa)

3.3. A impureza e o catador de lixo

As vestimentas utilizadas costumam ter características bem definidas. Os catadores de lixo são identificados no caminho para seu serviço pela roupa que utiliza. Normalmente, tanto homens quanto mulheres, vestem calças compridas, camisas de malha largas, e botinas. As mulheres em sua maioria usam um lenço cobrindo todo o cabelo, e bonés por cima.

D. Margarina me explica o motivo dessa proteção feminina: “Nenhuma mulher no lixão pode ter os cabelos compridos como os seus, é um perigo!”, ao me alertar para que prendesse os cabelos, e protegê-los de toda forma possível. Ela é uma mulher muito vaidosa, e me mostrava os cabelos curtos, recém tosados até a nuca, me dizendo que assim o fez por que, no lixão, há que se ter muito cuidado com o cabelo – qualquer coisa poderia causar problemas, como doenças geradas por causa da grande quantidade de moscas que circulam naquele espaço (*Caderno de Campo*, 14 de fevereiro de 2008)

O lixo, o lixão, o catador de lixo são vistos, portanto, através dessa perspectiva. São impuros e se encontram nesse não-lugar, como *anomalias*.

A noção de impureza é relativa. Pode ser rejeitada ou seguida como regra, logo, carregada de ambigüidade – “Mas confrontar o ambíguo nem sempre é desagradável. Em certos casos, É mais tolerável que noutros.” (DOUGLAS, 1991: 31). Douglas defende este argumento através da idéia de *viscosidade*, de Sartre. Sartre compara a experiência primária de uma criança com um objeto viscoso, logo, entre as formas sólida e líquida, que proporciona um novo sentido ao que esta é capaz de reconhecer, no caso, um “fluido aberrante”, como algo que contrapõe às categorias de classificação anteriormente dadas, de formas fixas.

Desse modo, ele apresenta uma maneira de ser vista como uma experiência positiva, ao invés da idéia negativa habitual do contato com a viscosidade que seria tida como algo “repugnante em si como experiência primária” (*apud*). Desta experiência, ela aprende que a vida não é feita somente de categorias bem definidas e, ao mesmo tempo, que pode ser vista como “um sólido que se funde”, ao se juntar ao seu corpo, com certa aderência, como o mel utilizado nesta experiência. Para a criança, este fluído se revela prazeroso, como um modo diferente de lidar com as anomalias.

Eigenheer cita o fascínio das crianças pelos resíduos, como algo que passa a ser desestimulado, pois – “o mundo dito civilizado cultivou a estigmatização de espaços, equipamentos, pessoas e profissões relacionados a eles³¹.” (EIGENHEER, 2003: 14). Este fascínio, esta visão positiva, como algo estimulante nesta fase de vida permeia grande parte das considerações deste trabalho, onde os relatos, os materiais produzidos pelas crianças que freqüentaram o lixão aqui referido, demonstram-se como uma fonte recorrente de reflexões e observações que caminham neste sentido.

Douglas resume na seguinte proposição: “A reflexão sobre a impureza implica uma reflexão sobre a relação entre a ordem e a desordem, o ser e o não-ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte.” (*apud*: 9). E é esta idéia central que este trabalho pretende se debruçar para discutir a cerca da temática do lixo, enquanto impureza, e as

³¹ Esta questão dos estigmas (assim como dos tabus, interdições, entre outros aspectos), conforme coloca o autor, será melhor discutida posteriormente, ao longo da dissertação, interessando neste momento a reflexão proporcionada pelo contato e estímulo dos objetos e os seus simbolismos.

implicações destas relações elencadas anteriormente para as análises das influências e conseqüências do lixo na vida dos catadores.

3.4. O cheiro

Passei dias com ojeriza ao cheiro dali.

O cheiro me perseguiu esses dias inteiros, quando estava ali. A bota que peguei emprestada e apelei pra que minha mãe lavasse, pois me dava ânsia de vômito, me lembrava todos os dias dali. Por entre as grades da varanda, exala um cheiro que quando estou lá no lixão não sinto assim, apenas ao estar ali.

Me espanto de só ter me dado conta após ver o que a bota podia transmitir.

Aquele cheiro me espanta.

Brigo comigo mesma da fragilidade ao ter que sair de casa.

Planejei ficar todos os dias e horas ali, mas o máximo que consegui fíram 4 horas seguidas, apenas e festejadas 4 horas na lixeira.

Não supero meus limites, os respeito. Vou só quando agüento ir e fico até onde me permitir (Caderno de Campo, 28 de fevereiro de 2008).

Ao refletir sobre as sensações provocadas pelo cheiro forte e desagradável, lembro-me que somente passou a me incomodar quando passei a ‘levá-lo’ – o cheiro – para casa. Quero dizer que, quando estava no Lixão, indo em dias consecutivos, não senti o cheiro tão forte assim, a ponto de me dar repulsa. Apenas passei a ter náuseas e a me incomodar com ele ao parar um tempo minhas idas ao campo, devido às chuvas fortes e constantes de verão, que não permitiam que o ônibus entrasse no bairro, por seu chão de mangue, que alaga e fica irregular, dificultando o acesso ao local. Foi nesse momento que a lama que estava agarrada à botina e não saia por completo após mais de uma lavagem, exalava um forte cheiro que sentia de longe.

O ‘horível’, o ‘nojento’, realiza uma transferência de sentimentos: faz reverberar, no nível das sensações físicas, o mau-star do transtorno da ordem do intelectual. A evitação das coisas nojentas, o seu repúdio, é

um mecanismo de ligação da ordem intelectual moral com a ordem física (RODRIGUES, 2006: 134).

Apenas nesse momento passei a compreender melhor o que o cheiro provocava em meus alunos, que, quando alguém tocasse no assunto, todos falavam ao mesmo tempo, frases como: “*Ih, tia, fede muito. É muito ruim o cheiro*”, e se exaltavam em gestos e vozes que aumentassem minha resposta aos seus comentários.

Para nós, Ocidentais, a concepção de estragado é basicamente olfativa. [...] em nossa vida cotidiana damos enorme importância a determinados signos olfativos. As olfato está associada uma série de preocupações sociais: beleza, status, afirmação... (RODRIGUES, 2006: 96).

O cheiro do banho, do estar limpo, passa a ser entendido como um signo olfativo para essas preocupações sociais, que são de natureza puramente subjetiva.

As novas sensibilidades individualistas somente exigirão uma grande atenção para conter e aprisionar os próprios cheiros, toques, temperaturas, etc. Acima de tudo, ela não mais admitirá que o cheiro do outro invada o nosso território individual, estabelecendo, doravante, quanto a isso, os mais sérios tabus (*ibidem*: 50).

Isso contribui, entre outras, para afirmação do catador de lixo enquanto um sujeito como outro qualquer em sua localidade.

Ih, agora melhorou muito. A gente cansou de pegar sabonete (trazer de casa), meter eles debaixo do chuveiro e esfregar, esfregar. Bucha só não dá. Até escovão tem que usar, esfregar bem as unhas. Falamos:

‘olha só que maravilha o xampu que a tia trouxe’. E sai todo mundo limpinho, feliz da vida (SONINHA, Educadora Social, PETI Itioca).

As reações de nojo, segundo Rodrigues (2006), são uma maneira de refutar, de negar, afastar simbolicamente a eficácia dos elementos desafiadores, como uma consciência emocional que tenta rechaçar uma transgressão inconsciente. É como se houvesse alguma forma de contato – físico ou psíquico – que se torna alvo de repúdio.

As reações de nojo e os ritos de higiene protegem uma estrutura frágil que qualquer contato agramatical pode destruir – como todas as emanções do corpo.

Estas emanções não podem representar outra coisa senão perigo simbólico, isto é, são símbolos de perigos sociais (*ibidem*: 126).

As reações de nojo são emocionais, e esta resposta para algo inconsciente é fundamental para as ciências sociais, como o autor considera.

“As pessoas do lixo fedem, não tomam banho e estão sempre todas sujas de lixo. Não dá nem pra chegar perto porque você pode se contaminar”.

“Tenho medo de encostar em um desses meninos, porque posso pegar doença de pele ou coisa assim”.

“Eca! Ir ao Lixão? Quem pode fazer uma coisa dessas?”

“Nunca vi um lugar tão sujo e fedido na minha vida.”³²

3.4.1. A volta para casa do aterro

Conforme observado, após um dia de trabalho, o cheiro, a sujeira e todas as impurezas relacionadas, caso não tenham sido relevantes no decorrer do dia, passam a ser percebidas no fim da lida. Mesmo que todo cuidado tenha sido tomado, é como se uma camada de poeira se formasse sobre a pele, que mesmo que lave o rosto, ainda resta a sensação de sujeira por sobre roupas e todo o resto. A forte exposição ao sol ou à chuva também se torna evidente nesse momento do dia.

O caminho até suas casas é marcado por essa diferenciação quanto ao cheiro e às roupas sujas. O catador, especialmente, sofre discriminação, através dos olhares de repulsa e distanciamentos diversos, como dos assentos dos ônibus da única linha que passa pelo aterro, do ônibus com o percurso de Itaoca- Barreto.

³² Estas frases foram tiradas de minhas anotações do meu dia-a-dia do trabalho de pesquisa, em 2008. São frases de diversos lugares e contextos – escolhi a de um morador do bairro, a de uma educadora social, e a de um colega, ao saber meu tema de pesquisa.

Esse é um dos motivos porque os catadores preferem andar seu longo trajeto até suas casas do que pegar algum transporte coletivo (no caso, além do ônibus, tem a kombi, que passa com maior frequência no local). Quando há oportunidade, os catadores pegam caronas nos caminhões de lixo que retornam do aterro, na maioria dos casos, pendurados de pé na parte traseira da carroceria.

Às vezes em que pude observar catadores de lixo no ônibus, as reações eram sempre parecidas. Estando sozinho ou em grupo, o silêncio prevalecia na maior parte do trajeto e, em muitos momentos, com as cabeças abaixadas, e sérios. As roupas costumam ser as mesmas na semana de trabalho, então, por mais que os catadores não estejam sujos da manipulação direta do lixo, as roupas indicam esse contato com o lixo, afastando os demais passageiros.

Essas mesmas reações são visíveis mesmo no caminho de ida ao aterro, por ser possível a identificação de sua atividade somente por sua vestimenta. Os olhares se desviam deles, esboçam-se reações de desaprovação. Em conversas com os moradores do bairro de Itaoca, os questionamentos em torno desse descontentamento se tornam evidentes:

Nós somos trabalhadores, e essa linha de ônibus é muito ruim, é a única opção que nós temos. Temos que conviver gente de tudo que é tipo que entra nesse ônibus. É gente mal cheirosa, suja. É gente do lixão, tem de tudo aqui. Esse pessoal que trabalha aí (no aterro) não procura trabalho, não vê uma coisa mais decente pra viver... (Sr. I.S., em 11 de fevereiro de 2008)

Os catadores representariam o contágio das impurezas do lixo, e as punições e regras de evitamento passam a ser necessárias por parte dos demais moradores e transeuntes deste bairro. As relações entre a noção de *impureza* e a *desordem*, e *purificação* e *evitamento*, se tornam, então, evidentes nos relatos de campo.

Segundo Mary Douglas:

Quando tivermos abstraído a patogenia e a higiene das nossas idéias sobre a impureza, ficaremos com a velha definição nas mãos: qualquer coisa que não está no seu lugar. Este ponto de vista é muito fecundo. Implica, por um lado, a existência de um conjunto de relações ordenadas e, por outro, a subversão dessa ordem (DOUGLAS, 1991: 30).

Com isso, a reflexão de que não se trata apenas de questões como o nojo, a repulsa ao sujo e mal cheiroso, no sentido de “*patogenia e higiene*” se faz necessária. O que está sendo discutido neste trabalho é uma relação que pode ser obtida além dessa. À noção de impureza insere-se a idéia de “qualquer coisa que não está em seu lugar” (*apud*). O impuro está, portanto, no local de subversão da ordem estabelecida.

É nesse sentido que se discute a impureza do catador de lixo. Ele se coloca contra o “conjunto de relações ordenadas” ao freqüentar um local onde comumente se evitaria, segundo as regras de afastamento de impurezas. Ele também subverte em sua atividade, no ato de estabelecer um contato direto com o lixo, desprezando as reações habituais de purificação e evitação do impuro.

3.5. Contornos Atuais

É interessante notar a concepção atual de lixo, diretamente relacionada à sociedade de consumo e às mudanças proporcionadas à própria composição do lixo, agora nomeados como *resíduos sólidos*:

Sua classificação pode ser, a grosso modo, indicada como: doméstico (incluindo comercial), industrial, agrícola, perigoso, entulho, de varredura e outros. Não há acordo entre autores nacionais e internacionais quanto a sua classificação. [...] Por exemplo: há autores que colocam o “lixo hospitalar” como uma categoria especial, outros, o incluem no doméstico, tendo em vista sua composição e não-periculosidade [...] (EIGENHEER, 2003:14).

Após a Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, o lixo passa a tomar proporções maiores e a possuir novas formas, com a produção em larga escala e a diversidade de materiais que passaram a ser produzidos. O lixo enquanto objeto, dessa forma, passa a abranger categorias mais amplas de resíduos, que se relacionam com sua origem e destinação, além do tipo de material e características orgânicas ou inorgânicas.

Surgem os materiais descartáveis, onde a troca e renovação constante de aparelhos eletrônicos e diversos outros artigos passa a ser uma prática constante. Outro fator importante para sua classificação é o grau de deterioração em que o objeto se encontra, o que irá influenciar diretamente na sua capacidade ou não de reutilização e reaproveitamento, dependendo do seu estado de conservação.

Ao mesmo tempo em que cresce a produção de lixo, com o surgimento das metrópoles e o grande consumo decorrente disso, um novo problema emerge desse contexto: a escassez de áreas para destinação final desta enorme quantidade de lixo. Tudo isso proporciona o aumento da poluição, o não planejamento e dimensão das proporções e problemas gerados pelos resíduos, além da falta de tratamento, sendo agravada as condições das regiões periféricas, que passam a receber grande parte destes resíduos, em depósitos chamados de vazadouros de lixo – os Lixões.

Devemos estar atentos de que a indicação da existência histórica de práticas e técnicas específicas para o manejo de dejetos, assim como regras e legislação, não indicam necessariamente a sua aplicação generalizada ou mesmo parcial. A repetição de decretos e o endurecimento de penas podem ser indicadores da ineficácia dos sistemas utilizados (*ibidem*: 33).

Finalmente, em 2010, surge a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Surge assim, através da Lei nº 12.305, de 2 de agosto, como resultado da alteração da Lei Nº 9.605, de fevereiro de 2008. Esta lei inclui como responsabilidades os geradores de resíduos sólidos, direta ou indiretamente, através de princípios e diretrizes para gestão e regulação³³.

Os lixões atuais, os catadores e sua situação são pouco explicitadas nessa política. Alguns destaques podem ser feitos como das metas, do artigo 5º dessa lei:

V – metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

VI – programas, projetos e ações para o atendimento das metas previstas (PNRS, art. 5º, V e VI).

³³ Isso, em consonância com as normas estabelecidas pelos sistemas de regulação e vigilância, como o Sisnama, o SNVS, Suasa e o Sinmetro. Ainda, integra a Política Nacional do Meio Ambiente e articula-se com a Política Nacional de Educação Ambiental.

3.6. O destino final do lixo do município de São Gonçalo

O aterro de São Gonçalo foi construído na década de 70³⁴, em terreno na Estrada de Itaúna. Por estar em área de manguezal, e por sua proximidade à área de proteção ambiental, sua implementação gerou uma série de conflitos com ambientalistas e a luta pela designação de outro local para o aterro deste então. Houve inclusive um embargo pela Capitania dos Portos do 1º Distrito Naval, segundo Silveira (2004).

Segundo este autor, a Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana (FUNDREM), com consultoria da Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (COMLURB), tentou a implantação de um aterro controlado no bairro Engenho Pequeno, para destinação do lixo da cidade e de Niterói.

O aterro projetado foi alvo de reação contrária dos moradores vizinhos, inviabilizando o projeto e culminando com o envio do lixo de Niterói para o aterro de Gramacho e a adoção de nova área para receber o lixo de São Gonçalo.

Segundo Moraes Jr, Martins & Costa (2006), desde o início do lixão de Itaoca, os resíduos eram dispostos diretamente sobre o solo, sem nenhum dispositivo de controle ou forma de proteção.

Com o início do PDBG, aliado à prefeitura, ações começaram a ser efetuadas:

no sentido de reverter o quadro de degradação ambiental e social, conferindo ao lixão de itaoca rotinas operacionais de forma a prolongar sua vida útil e gerar renda através de unidades de beneficiamento e processamento de resíduos.

Essas iniciativas, no entanto, não foram suficientes para equacionar o problema. Além disso, não havia controle eficiente quanto ao adequado destino final dos resíduo sólidos não domiciliares, o que acarretava uma situação de riscos potenciais e permanentes à população e ao meio ambiente do Município. (*ibidem*: 2;3).

³⁴ Nesta época, no estado do Rio de Janeiro, foram investidos aproximadamente 50 milhões de dólares na construção de usinas de compostagem/ reciclagem. Sendo que das 29 usinas de beneficiamento de gás implantadas e/ou em implantação no Estado, apenas 13 encontram-se no momento (do artigo) em execução (AZEVEDO, 2000).

O aterro foi concedido para a Central de Tratamento de Resíduos (CTR) Alcântara³⁵, pertencente à empresa S.A. Paulista, mais especificamente, ao mesmo grupo que controla o aterro de Nova Iguaçu – a CTR Nova Iguaçu³⁶.

No ano de 2003, em busca de alternativas, o Poder Público Municipal decidiu-se pela concessão dos serviços de disposição final de resíduos à iniciativa privada, através de um processo licitatório na modalidade de concorrência pública (*ibidem*).

No caso de São Gonçalo, o sistema de beneficiamento contou com a criação de uma usina de reciclagem³⁷, com uma área de segregação/ separação dos materiais, uma incineração e uma compostagem.

Para tal, a PMSG desapropriou uma área de 500.000 metros quadrados para a implantação de unidade de reciclagem e compostagem na cabeceira do vazadouro (SILVEIRA, 2004). Esses dados se alteram nos estudos de Moraes Jr, Martins & Costa (2006), que avalia o terreno como de aproximadamente 210.000 metros quadrados. Ainda segundo estes últimos, o aterro recebe em torno de 870 toneladas, segundo o PDRH-BG (2005) a 915,7 toneladas, segundo a CTR Alcântara, Grupo SA Paulista (2006), de lixo diariamente.

Os principais problemas de implantação de aterros, como ocorrido com o vazadouro de Itaoca, além de políticos, econômicos e administrativos, residem na ausência de informações técnicas compatíveis com as dimensões e características de suas localidades, conforme avalia Azevedo (2000).

Assim, o Lixão passa aos poucos por um processo de transformação em aterro controlado, o que significa:

Lixão (ou vazadouro) é o local onde os resíduos sólidos são depositados diretamente sobre os solos, sem nenhuma técnica para deposição sem contaminação dos solos e lençóis freáticos, sem o cuidado com a proliferação de vetores, a instalação da comunidade de catadores, geração de gases, etc. Já o *aterro controlado*, seriam os lixões alvos de medidas de recuperação, que vão desde o combate ao trabalho infantil e isolamento da área de catadores, controle da

³⁵ O BNDES propôs às prefeituras municipais do Estado do Rio de Janeiro uma linha de crédito específica para compra de equipamentos, visando à triagem e compostagem do lixo urbano (*idem*).

³⁶ Disponível em: <http://www.sapaulista.com.br/>. Acesso em: 13 abr. 2011

³⁷ Os custos dessa usina em dólares foram de 1,5 milhão (fonte de 1997), com capacidade de processamento de 380 ton/dia (fonte de 1999), para uma população a ser atendida de 800.000 habitantes (fonte de 1999). (AZEVEDO, 2000).

quantidade e qualidade dos resíduos recebidos, operações de recobrimento rotineiro das massas de lixo, além de projetos de drenagem de líquidos percolados e gases (SILVEIRA, 2004:8).

Essas áreas são de difícil recuperação e reflorestamento. Segundo Souza (2007), existem formas de reflorestamento dos aterros sanitários através da formação de um cinturão verde sobre o lixo (como é feito no aterro de Petrópolis).

Isso depende de uma complexidade de ações, devido a problemas de falta de solo de superfície, deficiência de nutrientes, a alta declividade dos morros formados após deposição de lixo, e a dificuldade em selecionar espécies para revegetação, que passarão por técnicas diferentes de acordo com as especificidades do local, como as placas de grama, ou plantio em covas, uso de serrapilhadeira, hidrossemeadura e semeadura a lanço (SOUZA, 2007: 31).

Para o caso de Itaoca, a recuperação de sua área não é garantida, por consequência das ações de deposição de lixo de maneira incontrolada desde sua criação, na década de 70. Por esse motivo, há pelo menos quatro anos que já foi decretado o final de sua vida útil, por não haver mais capacidade de deposição de lixo sobre esse terreno. Portanto, o aterro deverá ter suas atividades encerradas e um novo local para o despejo do lixo deverá ser escolhido para implantação do aterro sanitário de São Gonçalo, a fim de receber todo lixo da cidade.

O aterro controlado passou a funcionar, com a usina ganhando formas e uso no início do ano de 2008, em um processo de desterritorialização passível de análises e questionamentos de diversas ordens. Além das questões ambientais, aumenta a necessidade de reavaliação das questões de âmbito social e subjetivo que envolve as pessoas que convivem com o lixo.

A empresa que ganhou a concessão para a implantação e operação de um novo aterro sanitário ficou também responsável pela recuperação ambiental do aterro de Itaoca durante o período de licenciamento da nova área, ficando obrigada a manter em operação o atual, porém, em bases adequadas, implantando sistemas de controle ambiental e geotécnico de forma a minimizar os impactos ao meio ambiente e a população do entorno. (*idem*)

De acordo com Moraes Jr, Martins & Costa (2006: 2) – “O aterro de Itaoca encontra-se neste município, inserido [...] *dentro da Área de Proteção Ambiental de Guapimirim*” (grifo meu).

Um fato de extrema importância surge nesta frase, ao considerarem que o aterro *pertence* à APA de Guapimirim. A criação do aterro seria invalidada caso se concebesse tal área como de proteção ambiental. Por tal motivo, a região que limita o vazadouro, da qual as unidades do aterro foram implantadas, passam por uma discussão de serem pertencentes ou não a esta APA.

Líderes locais já denunciavam, desde o início das observações mais atentas no local, no ano de 2003, que o Lixão foi, pouco à pouco, ganhando terreno para dentro da área de proteção, especulando-se que este possuía cerca de 1/3 do que pode ser visto atualmente. Segundo depoimentos informais, toda área do começo do aterro, que compreende hoje a “porteira” e a área da usina (conforme será descrito posteriormente), foram lixão um dia. Logo, o que se vê como terra batida, seria, na verdade, camadas depositadas por cima do lixo (como se faz para sua deposição, também explicado em seguida)³⁸.

Ao final da área de deposição de lixo encontra-se um Maciço, também considerado uma área de natureza geomorfológica de preservação, o *Maciço de Itaúna*, que apresenta o predomínio do ecossistema de mata atlântica. Ambas reservas encontram-se degradadas pela ação do homem, porém de diferentes formas, com parte da planície de mangue devastada para implantação de um vazadouro de lixo, e o maciço, devastado para pastagem, além de uma parte de serra retirada para mineração³⁹.

³⁸ Esses levantamentos se baseiam na memória dos catadores e antigos líderes locais. A sua comprovação não pode ser confirmada pela ausência de dados oficiais sobre o aterro.

³⁹ Através da imagem de satélite a seguir, aproximada da área do Maciço de Itaúna, percebe-se uma parte de serra retirada pela exploração do homem, como as extrações de minérios, materiais inorgânicos, para mineração – observada pelo Google Earth (software da Google).



“Figura” 12: Imagem de satélite retirada do Programa Google Earth (software da Google) mostrando o Lixão de Itaoca desde a Porteira, ao sul, até o Maciço de Itaúna, ao norte. À leste, a divisa com o bairro Fazenda dos Mineiros. Logo no início, após a Porteira, encontra-se a Casa da CTR Alcântara, e a Usina, com a Casa de Compostagem pertencente a ela. A Lixeira é o local onde o lixo é depositado, com o Lago de Xorume no início. A estrada de Itaúna, onde se avista a Porteira, segue dando continuidade à Estrada de Itaoca, onde se localiza a Ponte do Rodízio, à oeste da imagem. Observa-se ainda toda área arborizada à oeste, componente da APA de Guapimirim.

O Lixão de Itaoca hoje é como um *intermezzo* entre a região preservada de mangue da APA de Guapimirim, e o Maciço de Itaúna, localizados na bacia da Baía de Guanabara. Juntos, conformam uma região de grande interesse para ecologia ambiental, integrando uma imensa reserva ecológica da atualidade.

Conclui-se que o aterro não possui mais terreno para onde se expandir, por realmente estar, desta forma degradando áreas preservadas de reserva de mangue

(“Figura” 12)⁴⁰. Este seria um dos principais motivos para a desativação do aterro de Itaoca. Isso justifica o fim da vida útil do aterro, que significa o fim da capacidade de deposição de lixo sobre as camadas já depositadas anteriormente, aliado a esta incapacidade de expansão referida.

Durante todo este tempo, não se chegou a um consenso sobre a nova área, com algumas tentativas acabando inviabilizadas pela igual mobilização da população de seu entorno e das associações de moradores dos locais sugeridos pelos órgãos gestores. Somente no final do ano de 2010 é que um líder comunitário local em entrevista faz a seguinte afirmativa:

Já temos um novo local para o aterro: vai ser em Anaia (bairro de São Gonçalo). Finalmente a prefeitura assinou um acordo com a Associação de Moradores, que aceitou a sua ida, por entender como é o aterro (sanitário), que não tem gente trabalhando, só máquinas, e em troca de melhorias para o bairro. (Sr. H.S., 05 dez. 2010)

3.7. O Lixão de Itaoca nas décadas de 70, 80 e 90

As décadas de 70, 80 e 90 se caracterizam pela criação do vazadouro, o início da atividade da catação de lixo no local, e assim, o começo da história das centenas de pessoas que viveram décadas em meio ao lixo. Não há registros diretos, ao menos nos meios formais de fontes (jornais, relatórios técnicos, ou outros), ou, que eu tenha conseguido adquirir enquanto fonte de pesquisa. Com isso, baseio-me na reconstituição da sua *morfologia social* através da memória dos catadores e de técnicos que trabalharam no aterro nessa época.

Sabemos que é preciso relativizar as concepções e entendimentos populares sobre o que é o espaço e para que serve. Tais conceitos não existem, porém, de forma clara e não estão prontos para serem colhidos em um universo urbano, oferecido como horta ao cultivador laborioso. Assemelham-se mais a valores ocultos em áreas silvestres, a tesouros encerrados em jazidas que é preciso explorar em busca de inconscientes culturais. (...) Trata-se de uma opção antropológica (MELLO, VOGEL & SANTOS, 2004: 12).

⁴⁰ Observando a imagem de satélite, a degradação da área se torna nítida, assim como toda área preservada da reserva do entorno.

Portanto, a descrição a seguir é delineada pelos agentes sociais desse ambiente, sendo “um território mapeado através de uma geografia fantástica.” (*apud*), onde, segundo os autores em questão:

Descobrimos que os primeiros informantes, em particular os mais velhos, se dedicavam a uma estranha prática arqueológica. Nas andanças que faziam conosco iam plotando no terreno toda uma arquitetura imaginária. Evocavam muros, soleiras e casarões que não existem mais. Exercitavam a memória em exercícios nostálgicos de inventariação dos teres e haveres coletivos de antigamente. Manifestavam um saber que não encontra mais vestígios onde apoiar-se. Os edifícios foram demolidos e as ruas desfeitas. Asfalto e concreto soterraram soleiras e quintais⁴¹ (*ibidem*: 21).

No Lixão de Itaoca, muitos iniciaram na catação para retirar alimentos, roupas, e tudo que pudesse ser aproveitado. Voltaram-se também para a catação de reciclados para vender. E, a partir daí, passaram a sobreviver do local, retirando dali o seu sustento.

As pessoas iam parar no lixo por falta de opções fora dele, principalmente de trabalho e moradia. Consideravam, como acontece até hoje, uma coisa provisória, um bico. Caso conseguissem um emprego fora, mudar-se-iam para fora da Lixeira.

A proximidade da Ilha de Itaoca e os diversos recursos locais de sobrevivência, (como a pesca, a catação de caranguejo e o escarne de siri, o pequeno comércio local, os transportes alternativos, o tráfico de drogas, e os quiosques nas praias da Ilha ou em Paquetá⁴²) favoreceram o movimento cíclico, com a efetuação da catação, por exemplo, na época do defeso (reprodução) do caranguejo ou na escassez da pesca.

O desemprego inesperado é o principal fator da iniciação nessa atividade. Muitos possuem profissão, como por exemplo: pedreiros e domésticas. Podem sair da Lixeira, trabalhando anos fora e depois retornar, quando preciso.

A grande maioria dos catadores (88,9%) afirma não ter profissão paralela à catação de lixo, esse percentual vale tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, as profissões denominadas entre aqueles que afirmam possuí-la variam entre o sexo dos catadores.

As mulheres concentram-se ou em atividades exercidas no “barracão” (42,9%) ou em afazeres tipicamente femininos, como serviços de

⁴¹ Este estudo de caso não evoca formas definidas de casebres, ruas e construções urbanas, mas evoca a sua maneira, o ambiente em que os catadores viviam, no lixão como uma espécie de microcosmos destes.

⁴² A Ilha de Paquetá é muito próxima da Ilha de Itaoca, dando para seguir até a ilha através dos pequenos barcos de pesca.

limpeza, costura, etc. (19,0%) Já os homens vão para a rua fazer biscates (30,6%), pesca (13,9%) ou exercem atividade no “barracão” (19,4%)⁴³ (*Análise do Cadastro Social dos Catadores*, 2006)

Casas foram sendo criadas dentro do próprio vazadouro, para facilitar o trabalho dessas pessoas ou por falta de outro local. A cada dia, mais casas eram levantadas e, com o passar do tempo, criou-se uma comunidade dentro da Lixeira. Estas casas foram sendo construídas com restos do lixo, com madeiras e tapumes como parede, às vezes, com tapume servindo de chão. Podiam ter telhas cobrindo o teto ou apenas lonas e madeira. Os móveis eram todos retirados do lixo. A água carregada em galões das proximidades urbanas até a Lixeira. A luz, de lampião e o que puder ser improvisado. Assim, residências foram surgindo com a infra-estrutura criada e adaptada por seus moradores.



“Figura” 13: Casa dentro da Lixeira, com sua entrada vista deste ângulo. Atrás, outra casa, coberta por uma lona preta. Do lado esquerdo, mais uma casa, por trás do montante de lixo. Há uma quarta casa, observada na parte mais alta do morro, ao lado direito (SMDS, 1997)

Ali viviam diversas famílias com seus filhos e animais de estimação adotados, como cachorros, ou animais de criadouro, como porcos e cavalos. Todo alimento era proveniente do lixo. Muita coisa podia ser aproveitada dos caminhões de mercados.

⁴³ Dados percentuais a partir das variáveis resultantes de questionário aplicado junto a 517 catadores de resíduos.



“Figura” 14: Uma casa do Lixão de Itaoca. A presença de criança pequena na casa pode ser observada, pela banheira localizada do lado de fora; os galões de água carregados de outros bairros vizinhos; a churrasqueira improvisada de tijolos e grelha, no canto esquerdo, onde cozinham seus alimentos. A mata rasteira e as árvores ao fundo, da APA de Guapimirim (SMDS, 1997)

Os filhos, assim como os pais, em sua grande maioria, não possuíam documentos como certidão de nascimento. De maneira que não estudavam, não freqüentavam postos de saúde, hospitais, tampouco outras instituições ou atividades que exigissem documentação.

11% dos catadores não dispõem de nenhum documento de identificação. Deve-se ressaltar que, na avaliação dos itens relevantes para determinação da renda do catador, a posse de documentos de identificação era uma das variáveis consideradas, assim como se mostrou relevante entre empregados/desempregados. Além disso, são os mais jovens (18 a 24 anos) e os menos instruídos (analfabetos e alfabetizados) que, proporcionalmente, menos documentos possuem (Análise do Cadastro Social dos Catadores, 2006).

Viviam seus dias em meio ao lixo. Ali brincavam e dele retiravam seus brinquedos, como bonecas e bolas achadas no lixo, ou inventados por eles, como carrinhos, aviões e casinhas de bonecas, improvisadas do material do lixo.



“Figura” 15: A casa observada em ângulo aproximado. Notam-se os armários da cozinha, na parte de dentro; ao lado, roupas sujas da catação sobre o tanque improvisado; atrás, lonas e tapetes, além das placas de ferro e madeira, como formas de divisão e privacidade da casa posterior (SMDS, 1997).

Essa situação, ao longo do tempo, para algumas famílias foi se tornando permanente, de modo que crianças cresceram em meio ao lixo, sem estudar, sendo inseridas na catação tão logo andassem e conseguissem distinguir os objetos.

Como o passar do tempo surgiram novas gerações em meio ao lixo. Desde o início em 70, seguiram-se três gerações de trabalho na Lixeira. Assim, também essas três gerações puderam conviver no trabalho da catação⁴⁴, passando a atividade da catação de lixo de geração para geração.

⁴⁴ Os adultos do início, com a ajuda dos filhos menores, envelheceram e observaram seus filhos tomando a frente dos negócios, e estes, mais idosos e com menos rigor físico, passaram a ajudá-los. Ainda, em

Pode-se afirmar que os catadores mais antigos já se utilizam dos resíduos do aterro sanitário a mais de 40 anos. Os mais recentes estão no aterro a menos de um ano e a média de permanência é de 10 anos.

Três fatores determinam diretamente o tempo em que os catadores permanecem tendo, no lixão, sua fonte de renda: a idade, os anos de estudo e a arrecadação semanal que têm.

Quanto maior o número de filhos que o catador tenha, quanto mais velho ele for e quanto mais velhos forem os filhos, maior a probabilidade destes últimos também estarem envolvidos com a atividade de catação⁴⁵ (Análise do Cadastro Social dos Catadores, 2006).

Muitas casas de dentro da Lixeira foram derrubadas pela ação da Prefeitura e apesar disso, todos os dias, novas casas surgiam no aterro (“figura” 16). Em entrevistas, as assistentes sociais e psicólogas relatavam

Era incrível, por mais que agíssemos – o que era uma dificuldade, pois todo um trabalho de convencimento e aceitação deveria ser feito, não era simplesmente proibi-los, eles tinham que aceitar ir para outro local – não dávamos conta desse processo. Da noite por dia, uma casa nova surgia, chegávamos no dia seguinte, e ali estava o susto, mais uma família! Era como nadas contra corrente. (Maria Bethânia, Psicóloga).

meio a isso, seus netos crescendo e começando no trabalho de catação. Por isso, se antes eram, em sua maioria, duas gerações (pais e filhos) no trabalho, passaram a coexistir três gerações diferentes (avós filhos e netos).

⁴⁵ Todas estas informações se baseiam na análise dos dados gerados pelos questionários aplicados pelos técnicos da usina, apurados pela Cooperativa Estruturar, contratada para tal serviço.



“Figura” 16: Uma casa derrubada no Lixão de Itaoca, pela ação do trabalho das assistentes sociais da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) de São Gonçalo. Esta imagem permite observar a proximidade da área de restinga da APA de Guapimirim do lixo do aterro (SMDS, 1997)

As casas oferecidas pela Prefeitura aos catadores eram muito distantes do Lixão. Foram oferecidas casas em um condomínio residencial no bairro de Santa Luzia, considerada uma área basicamente rural (apesar da cidade de São Gonçalo ser considerada como totalmente urbana pelo IBGE, 2000).

A maioria dos moradores não aceitou sair nessas condições. Isso caracterizava o distanciamento da catação enquanto meio de vida e sustento de suas famílias, e a necessidade de outras formas de geração de renda para estas pessoas⁴⁶.

Essa situação de casas construídas dentro da Lixeira prolongou-se até o ano de criação da usina, em 2004. Durante todo esse tempo, esse movimento de casas sendo

⁴⁶ Não consegui descobrir se trabalhos de geração de emprego e renda eram feitos por parte do governo com estas famílias.

construídas e derrubadas continuou, até a ação efetiva da empresa que adquiriu a concessão do aterro, a CTR Alcântara, proibindo a criação das casas na Lixeira.

Um crescimento contínuo do Lixão, com o aumento da quantidade de catadores em Itaoca, continuou até os últimos anos da década de 90. este aterro chegou a atingir o número de 700 catadores cadastrados pela prefeitura para o trabalho de catação, conforme os dados obtidos do ano de 2001, com o registro de 517 catadores cadastrados em 2006, cerca de 250 catadores, em 2008, com 110 trabalhadores na usina⁴⁷.

Mais pela imposição de leis ambientais do que de direitos humanos, esse processo passaria por um declínio contínuo a partir daí, diminuindo progressivamente cerca de 200 catadores cadastrados no decorrer desses anos. Muitos catadores enveredaram por outras atividades, ou naquelas exercidas antes da catação. Alguns resistem ao cadastramento e continuam trabalhando como antes no aterro. Conforme os dados estatísticos obtidos em 2006, dos quais:

A grande maioria dos catadores encontra-se desempregado (95%); e entre os empregados, 2,5% são autônomos, 1,8% aposentados e pensionistas, 0,8% celetistas (CLT), 0,4% recebem auxílio-doença e 0,2% funcionários públicos, somando assim 5% do total (Análise do Cadastro Social dos Catadores, 2006)

Um grande problema do lixão, ao longo de toda sua existência, sem dúvida, é o material hospitalar e toda espécie de material perfurante, que pode haver nas sacolas de lixo domiciliar da Lixeira. Apenas os caminhões que vêm direto dos hospitais, que permitem aos catadores se prevenirem e evitarem acidentes. Fora isso, o lixo despejado no aterro possui diversas formas de riscos aos catadores, desde agulhas e seringas contaminadas, a vidros, facas e tudo que possa furá-los, cortá-los ou contaminá-los. Em 2003, recolhi muitos relatos de catadores afastados, ou até de mortes, por estas condições.

⁴⁷ Apesar dos dados nunca estarem totalmente atualizados, por fatores como a alta rotatividade da atividade, ou a resistência em se cadastrarem, por parte de alguns catadores.



“Figura” 17: Desenho feito pela aluna Rafaela do Lixão e de materiais, como a “agulha de injeção intoxicada”, do lado direito. Os pontos pretos são pequenos acúmulos de xorume em meio ao aterro. Ao meio, uma imensa vala de xorume que existia no aterro neste período, antes da criação do lago de xorume pela empresa atual. Ela também identifica pontos ‘positivos’ no aterro, como a bala, à esquerda, e a árvore com pássaros, como parte remanescente do ecossistema vizinho (PETI Pólo Fazenda dos Mineiros, 2003).



“Figura” 18: Desenho da Aluna Ana Cristina de materiais perfurantes. Ao lado, a mãe, com o pé cortado por um pedaço de vidro, e seu filho, segurando uma garrafa pet. Ela ressaltou as ondas de fumaça que são expelidas pelo lixo, observadas principalmente em dias de sol, como o desenho (PETI Pólo Fazenda dos Mineiros, 2003)

Além disso, haviam muitos casos de acidentes de trabalho, principalmente devido ao calor e dificuldades respiratórias, pela alta concentração do gás metano no local. Muitos casos de acidentes desse tipo me foram relatados em entrevistas, como o desenvolvimento de bronquites, asma e infecções diversas no trato respiratório.

Meu pai 'tá tendo problemas porque machucou a perna. Deu problema maior, sé que a saúde (atendimentos e coberturas hospitalares públicas) não cobre isso. Ele podia morrer porque 'tava contaminado, aí nós vendemos uma casa lá (no entorno do Lixão) só pra comprar os remédios pra ele (F., 10 anos, em 03 de junho de 2003)

Antes da criação da usina, em 2004, a Lixeira possuía outra dinâmica, outro ritmo, determinado pela entrada e saída dos diversos caminhões de lixo. As atividades de deposição de lixo no Lixão de Itaoca iniciaram-se sem cuidados com questões ambientais, em parte pelo desconhecimento dos gestores públicos e em parte por falta de vontade política pela gestão de resíduos. Por um bom tempo, houve brigas entre governantes municipais e estaduais pela responsabilização do vazadouro, sem o devido entendimento de qual gestão deveria de fato gerir o aterro. Criado com o financiamento do BNDES com custos de 1,5 milhão de dólares, na década de 70, conforme apontam os estudos de Azevedo (2000), as obras do aterro ficaram paralisadas por um longo período.

Quanto às políticas públicas, o governo estadual da época foi o responsável pela criação da usina no local, em 2004, propondo parcerias com o governo municipal, pondo fim a décadas de descaso com esse setor de gestão de resíduos sólidos.

Lembro-me dessa época, quando um dos lados dos pilares da área de compostagem (separação de resíduos) cedeu no terreno arenoso de mangue e afundou alguns metros, impossibilitando já de início as ações da usina no local.

Para sua inauguração, havia sido criado um laboratório equipado para análise e tratamento do material hospitalar. Após inaugurado, todo material foi retirado, segundo relatos, para outro aterro que estaria sendo supostamente inaugurado, talvez pela impossibilidade de efetivação da análise e do tratamento do lixo hospitalar neste aterro devido aos problemas da área de compostagem, como a estrutura inadequada. Hoje, esta

casa criada para o laboratório funciona como sede para os escritórios dos trabalhadores da empresa na usina.

Assim, as atividades no aterro foram retomadas em 2004, pela concessão à empresa CTR Alcântara. As principais ações dos quatro primeiros anos se deram na preparação do terreno e melhor distribuição do lixo.

De todas as ações realizadas, a intervenção junto aos catadores de lixo vem se mostrando a mais demorada e complexa, com a idealização de projetos junto à área da assistência social, porém de difícil implementação pela reduzida equipe técnica disponível no aterro que conta apenas com uma assistente social e uma agente social.

Porém, desde o início da atuação da empresa, pontuais programas de geração de renda têm sido vistos. Há o registro do trabalho feito de 2003 a 2004 para a criação da cooperativa dos trabalhadores da Usina (Cooperativa de Catadores de Itaoca); e durante entrevista em 2010, com Hélio Silva, presidente da Associação de Moradores, ele relata que parcerias institucionais foram feitas para programas de geração de renda, mas que, de uma turma de 50 alunos, menos de 1/3 teriam continuado no curso, por dificuldades financeiras de manutenção pessoal sem estarem exercendo a atividade da catação de lixo.

Durante o campo, no ano de 2008, constatei que não havia nem 20 catadores trabalhando durante o período diurno. O que corresponde a cerca de 10% dos catadores do local. No entanto, este número aumentava significativamente durante a noite.

Várias hipóteses podem ser levantadas para justificar tal fato. A mais observada durante o campo foi da transferência dos catadores para outros aterros, dando continuidade a atividade da catação.

Isso não acontecia nos períodos anteriores ao efetivo funcionamento da usina, que começou de fato em 2008. Antes, prevalecia sempre o horário do dia como preferencial para a catação de lixo.

Em geral, a opção é pela catação no horário da manhã (72,9%) em relação à catação no período da noite (18,2%) ou em tempo integral (manhã e noite – 8,9%). A escolha dos horários varia segundo o sexo do catador e se ele tem uma profissão paralela à catação.

Enquanto 80% das mulheres freqüenta o aterro pela manhã e 12,4% à noite, o percentual de homens que está no aterro pela manhã é de

67%, sendo que o percentual de frequência à noite é o dobro das mulheres (24%) (Análise do Cadastro Social dos Catadores, 2006)

Ainda existem crianças trabalhando no aterro, mesmo com políticas de proibição desse trabalho pela empresa e pelos funcionários da cooperativa. Os que ainda o fazem, se escondem dos fiscalizadores do aterro, seguindo pela mata ou por outros caminhos ao avistá-los.

Assim, o trabalho no lixo traduz um processo de difícil apreensão, com movimentos de ascensão e declínio da atividade da catação ao longo dos anos de existência do aterro. Por isso essa tentativa de esboço de momentos da história do lixão de Itaoca, dificultado pela existência de estudos significativos desse processo, utilizando-se para tal, os relatos dos catadores de lixo.

Capítulo 4

A Lixeira

4.1. A chegada na *Lixeira*

Lixeira é o nome usado pelos próprios trabalhadores lá de dentro por isso, optei por assim chamar ao me referir ao espaço do lixão (a usina e o espaço da cooperativa não constam como tal).

Me lembro dos dias de descoberta do lixo: os primeiros dias. A primeira vez que olhei o lixo, foi lá de baixo, do lugar das usinas, que me deparei com aqueles gigantescos montantes de lixo. São altos morros, e são morros. Morros de terra batida, com muito lixo em seu cume. Tudo isso que vejo como terra já foi lixo um dia. Pequenos montantes, que foram subindo ao longo dos anos. Retomo a conversa com Sr.Z., já lá em cima, que me apontou de onde começava o lixo dali. Era bem longe, de onde avisto o lago de xorume, ao lado de algumas árvores remanescentes.

Também deu tempo de observar, de longe, o lixão. Daquele ângulo, viam-se dois a quatro homens no topo do lixo. Eram muito pequenos aqui de baixo, não tenho idéia da altura que deve ter esse montante de lixo. Comparo com o morro ao lado, componente de um maciço, e calculo que tem quase a metade de seu tamanho, e uma imensidão em largura. Havia quatro cavalos correndo lá no cume, e montantes de lixo até no alto.

4.1.1. Os seguranças da Porteira

A entrada do primeiro dia no aterro se deu graças à presença da Cremilda, com a camiseta do projeto, e ao acompanhamento de uma de suas alunas, cuja mãe trabalhava na cooperativa. Ainda, o fato de parecer ser uma visita esporádica também pode ter contado para a rápida autorização da entrada, o que contou com o fato de termos assegurado que só iríamos até o local da assistente social na usina, pois qualquer outro caminho não seria permitido.

No segundo dia, como nos dias que se seguiram, o acesso foi bem mais difícil. Estando sozinha, sem respaldo institucional qualquer, e sem o apoio legítimo dos

responsáveis pelo aterro, havia sempre uma imensa barreira até a permissão de entrada no espaço da usina. A simpatia dos seguranças no dia anterior já não é mais vista. Ao contrário, agem com seriedade e indiferença, como um sinal de que pessoas desconhecidas não são bem vindas, devido a toda sorte de aproveitadores de ocasião que aparecem por lá, principalmente em períodos eleitoreiros. Apenas depois de meu contato e aceitação pelos responsáveis pela usina é que mudam sua reação, dando sorrisos e conversando diariamente comigo até a chegada do demorado ônibus em minhas saídas (os ônibus costumam passar de hora em hora, ou de meia hora em meia hora, dependendo dos horários e dias, e apenas o transporte alternativo (kombis) é que apresenta uma maior constância no local).

4.1.2. O Caminho da *Lixeira*

Vencida a Porteira, coloco meus aparatos, que vão aumentando ao longo do tempo, para seguir ao aterro. No começo, eram apenas tênis, calça jeans e camiseta (devido ao calor intenso). Depois percebi que blusas maiores eram bem vindas, pois o sol ‘de lá’ queima absurdamente, devido ao efeito dos gases expelidos pelo lixo, além das botinas que havia conseguido emprestado com um metalúrgico amigo meu (pela orientação que recebi para o uso das botinas). Coloco os óculos de sol apenas no trajeto – não dá pra conversar toda tapada, destoa demais dos hábitos locais e parece pedante. Tentei aderir ao boné – toda mulher de lá protege o cabelo de alguma forma, às vezes com um lenço ou camisa amarrado na cabeça e um boné ou chapéu por cima – mas não deu muito certo. Fico com o básico: calça jeans, camisa grande, botina e cabelo preso.

No primeiro dia na Lixeira, na saída, encontro o colega engenheiro que costuma fazer as rondas na Lixeira, me repreendendo. Ele me diz o seguinte: “Não dá pra frequentar aqui sem a proteção de máscaras, chapéus, botas e roupas especiais, bem fechadas”. E me dá um quite, com máscaras e tudo. Ele completa: “Meu colega de Gramacho teve um problema sério. Larvas de moscas penetraram em um cravo no seu rosto, e não teve como tirar, teve que fazer uma mini-cirurgia. Sabe como ela é? Tem que injetar toucinho de porco nelas através de um delicado processo cirúrgico. Você não vai querer isso”. Hoje, no

segundo dia, ganho mais máscaras. São azuis e mais resistentes. Sei que as havia providenciado especialmente para mim, aja visto seu empenho em seguir as normas.

Em outro dia:

Lembro do engenheiro e sua frase: “não queira comparar sua imunidade com a do povo daqui: você não é um deles”. E não sou mesmo. Ganho uma série de máscaras que não uso e de conselhos jogados ao vento. Assumo os riscos. Como posso conversar com as pessoas na Lixeira cheia de máscaras e apetrechos?

4.1.3. A entrada:

Chego à *Lixeira* de modo parecido aos trabalhadores, mas prefiro a cabine do caminhão, como os catadores mais velhos o fazem. Esse caminho sempre é recheado de conversas interessantes, que passo a dar valor somente depois de ter deixado o campo, pois são papos de “lugar comum”, com sermões dos perigos e ojerizas que não tinha paciência de escutar.

Lembro do segundo dia na *Lixeira*:

Guardei o tênis no arquivo da assistente social. Passei por um dos motoristas que conheço – o menino. Pergunto se vai, e me diz que ainda vai resolver um probleminha por ali. Suspiro, e agora, como vou chegar lá?

Já são 9h e pouco, e me lembro que tenho duas horas de atraso. Outro suspiro, olho pro céu: hoje vou pegar sol a pino!

Passa um caminhão de lixo. Não é destes da COMLURB, mas vejo um senhor dirigindo sozinho, sem uniformes e com alguma carga em sua carcaça. Decido que é este.

Uns minutos de silêncio. É quando penso no que perguntar e no recorte que vou dar, o que desta vez não me assusta, pois penso que estou chegando lá. Até que o senhor quebra o gelo: “aqui todo mundo pede carona mesmo...” e fala algo sobre o que fazer ali, tem um fedor insuportável, está há três meses ali e sempre vê essas pessoas indo o

tempo todo lá pra dentro, que não têm perspectivas de vida, ambições, trabalham ali e assim o farão pro resto da vida, que não querem sair pra procurar emprego lá fora, são preguiçosos... logo sua voz vai ficando longe, e eu cada vez mais focada no que estou fazendo ali, já que me pergunto isso todos os dias quando acordo e tenho vontade de sair correndo toda vez que chego.

Penso nele agora. Há três meses ali e nunca saiu de sua cabine fechada. Somente chega, despeja o lixo e retorna. Não se sente pertencente a esse lugar. Não é um trabalhador do lixo porque não toca no lixo. Isso faz toda diferença. Como os outros, considera esse um trabalho temporário, e que de nada tem a ver com seu tipo de vida e suas escolhas. Não suporta o cheiro e a miséria do lugar e se indigna com isso, achando um absurdo às pessoas que passam suas vidas inteiras ali, e não procuram outras formas de vida, como ele assim o diz.

Olho em volta, uma longa estrada de terra da balança até o lixo, de onde não se vê nada, apenas quando alguma charrete passa com seus trabalhadores, ou homens montados a cavalo rumo a seu destino, de bicicleta, ou mesmo a pé. O motorista da cooperativa me diz que estas pessoas que passam a pé normalmente são moradoras do bairro em cima, Fazenda dos Mineiros, indo a caminho de Itaoca. Neste caso, em sua maioria não têm uma relação direta com o lixo, estão só de passagem.

Chego a meu destino.

4.2. Na Lixeira

Cheguei ao aterro. Dessa vez não fiquei tão perdida como nos outros dias. Vou seguindo. Não vejo um rosto conhecido, mas vou seguindo. Sei que naquele bolo lá em cima, como camisas corais- 'cheguei' da empresa, estará o S.JB. Penso no L., que não tem medo, não tem diferenças, com posturas esquisitas com minha presença.

No caminho ao alto, observo a D.M. sentada com mais quatro homens. Percebo um silêncio do tipo: ela vai passar direto! Até que

resolvi ir até eles. tenho vontade de rir desta cena. Me controlo e chego. Pergunto se posso me juntar a eles.

Desço do caminhão num salto. Meus pés batem no chão do mangue, arenoso e com pequenas elevações. A aparência é de chão de deserto com a cor avermelhada de barro.

Lembro do meu primeiro dia em que estava de tênis e pisei numa dessas partes secas do chão para entrar no caminhão e atolei. Incrível, a terra é seca desse jeito por fora, mas ao pisar é mole como a lama. Nunca ia imaginar isso e até hoje não acredito como pode ser assim. Atolei perdendo o tênis e sujando toda meia. Fico meio sem graça, coisa de novata.

Agora, de botinas, sinto a diferença:

Confesso que as botinas me permitem passos firmes, além de me deixarem caminhar por cima do lixo, por cima de sua lama preta que é grudenta como fezes, e que por vezes piso e arrisco um passar de olhos disfarçados para reparar no que piso. É como um estica-e-puxa, tem liga. Isto é mais um dos enigmas pra mim.

Há uma grande diferença entre os solos. O da estrada é seco e firme, entre a estrada e o lixo é seco apenas na aparência e o do lixo é mole como lama.

Pisar sobre o lixo foi uma das poucas coisas que não pensei nas melhores formas de se fazer. Não sabia o que era melhor, pisar na lama, ou por cima das sacolas de lixo. Tinha medo de algo me furar e/ou me contaminar, já que o lixo perfurante pode haver em qualquer lugar dali. Confesso que isso não chegava a me parar ou a fazer deixar os meus passos firmes, passava em minha mente apenas por segundos e seguia, olhando onde pisava, mas a maior parte do tempo com a cabeça ereta, para não demonstrar.

A maioria das conversas longas que tive foi sobre o lixo. Ao pedir para conversar, as pessoas ali mesmo paravam e interagiam, entre conversas e separações de seu material. No começo, um pouco para me afastar, mas depois, ao acostumar comigo, com a naturalidade que o faziam com os amigos.

De todas, a mais estranha para mim foi a com D.M. e seus amigos, conforme comecei a falar anteriormente.

Tudo isso me faz lembrar que ao chegar, observei um mosqueiro sem tamanho sobre eles, principalmente sobre o J., que por coincidência eu parara ao lado. Eu alternava entre estar de pé e me agachar, coisa que eu não conseguia por muito tempo. Procurei um lugar pra sentar. Justo do lado do J.! Sorrio do meu azar e alterno entre agachar e levantar, pois ao estar de pé a todos incomodava, já que as outras pessoas assim percebiam o que fazíamos, deixando-os constrangidos por estarem conversando comigo. Não sei como, mas com o tempo resolvi ficar com minhas pernas agachadas do jeito que desse. Com o meu bloquinho e meu cotovelo pra apoiar.

Lembrei disto pois senti um alívio enorme ao sentar. Puxei um saco plástico desses de ração e coloquei sobre a madeira na qual a pouco S.E. se sentara. Retomo a partir daí ao incomodo de D.M. para voltar ao trabalho. E percebo que já estou muito tempo por lá. Tem que trabalhar. Agradeço e prossigo.

Esse grupo de amigos se sentara em meio ao lixo, por cima do lixo, em bancos de madeira improvisados e tábuas no chão direto no monte de lixo, e foi justamente no chão que depois de uma hora consegui um lugar. Nunca imaginei isso. Pensei que conversaríamos à beira da estrada, como os não catadores (funcionários da empresa, da COMLURB) o faziam. Mas estes eram seus modos de conversar, me adaptei.

O mosqueiro também é sem tamanho. Mas essa foi a única vez que isso me aconteceu. Normalmente, estavam dispostos a conversar no início do trabalho, ou em pausas, mas não se estivessem há muito tempo no lugar, e eu também não forçava. O Sr.J. estava muito sujo porque virara a noite trabalhando, por isso as moscas em cima. Conforme passa o tempo no local, estes se tornam mais empenhados e cansados. Apenas falava rapidamente com eles, me limitando a observá-los.

4.3. A paisagem



“Figura”19: Imagem de satélite retirada do Programa Google Earth (software da Google) da Lixeira aproximada. Observam-se os três principais espaços da Lixeira: primeiro, o Espaço do material coletado; segundo, o Espaço do lixo; e terceiro, o Espaço do lixo já separado da Usina (mais ao alto). Nota-se ainda a divisa com o bairro ao lado, Fazenda dos Mineiros. Há um caminho do Espaço do lixo que dará direto neste bairro.

Chegar ao lixo é uma etapa.

Caminhando na direção dos catadores de lixo, desde o começo do lugar, observamos uma organização especial básica do aterro: a primeira parte, com o material já coletado e separado pelos catadores; a segunda, com o lixo que chega sendo depositado, onde os catadores fazem a coleta; e uma terceira, mais acima, em um plano mais alto do Lixão (já que o aterro é uma eterna subida, como um grande morro) se encontra normalmente o material já coletado e despejado pela usina (anexo 30).

Nesta terceira parte, pode haver material a ser coletado, mas é interessante para os catadores permanecer na segunda parte do espaço, onde despejam o lixo, já que a maioria dos caminhões que não vão para usina jogam seus lixos ali. Há uma ordem dos caminhões, onde os primeiros e principais (como os de supermercados) vão direto para a usina, e os que a usina não dá conta, ou não são tão interessantes para ela (com mais lixo orgânico) vão para essa segunda parte do aterro. Após a coleta seletiva da usina, recolhe-se o lixo orgânico ou inutilizável que sobra das esteiras e joga-se na terceira parte, a mais elevada do aterro.

4.3.1. O espaço do material coletado

Os materiais já coletados são dispostos em montes, de acordo com seus donos. São pequenos morros, que podem ter um material específico (plástico filme/ fino, plástico grosso, karina, pet, ...) ou vários misturados, dependendo da pessoa que cata, se cata sozinho ou junto de algum parente.

Cada um tem seu jeito de separar. Uns catam de tudo e são donos de dois montes: o de material coletado e não separado e o de material coletado e já separado. Nesse caso, normalmente, passam o dia catando e juntando tudo num só monte e no dia seguinte, na primeira hora do dia, separam material por material, formando pequenos montes de cada tipo. Variam também de acordo com a organização da pessoa.

Há catadores mais organizados, cujos montes soa muito bem feitos e os menos organizados, como d.M., que gasta muito tempo na hora de passar o material para o atravessador e não tem controle de quanto possui de fato.

Observo que poucas mulheres sobrevivem na catação sozinhas, como d.M. Quando o fazem, seus montes são sempre os menores, devido ao ritmo de trabalho mais lento e à falta de preparo físico para a coleta e separação dos materiais para vender. A maioria delas separa ou com o marido ou companheiro, ou com seus filhos e, nestes casos, apesar de também trabalharem muito, conseguem ajudar um pouco mais, dois trabalhando juntos facilita o processo, como na hora da necessidade do uso de força

para afastar ou levantar o lixo ou mesmo no processo de separação de cada item, ficando cada um responsável por um tipo de material.

As mulheres também sofrem desvantagem no tipo de material coletado. A maior parte fica com plástico grosso. Esses tipos de materiais não são os mais vantajosos economicamente, mas são mais fáceis de serem encontrados.

Poucos montes têm delimitação de espaço com cercas improvisadas ou tábuas de madeira. O que importa é que cada um sabe do seu e não mexe no de ninguém. O que garante isso? *A lei do lixo*. Quem é pego roubando, nunca mais volta, é proibido. Pergunto isso em minhas entrevistas, e dizem que raras vezes pôde-se desconfiar que roubaram uma coisa ou outra, mas não tem como ter certeza, nem como comprovar isso. Assim, os montes passam noites intactos até o momento de seus donos vendê-los.

Até o espaço do material coletado circula o único caminhão do comprador. Neste local são negociados os preços, as vendas e os pagamentos. O catador, após as negociações, separa o material em uma cesta, vendendo por cestas enchidas (que contêm o quilo já definido). Depois de encher a cesta, o material é jogado no caminhão. É um trabalho cansativo, cesta por cesta sendo jogada aos poucos no caminhão. Dependendo do tipo de material e se estiverem em grupo, vendem um caminhão cheio, negociado com eles. São os catadores que fazem todo trabalho. Eles ainda seguem com o atravessador, na boléia do caminhão, até o destino, que podem ser depósitos espalhados na rua principal antes do aterro, para terminar de despejá-los para o comprador. Nestes locais, o material é prensado para melhor ser carregado para fora do bairro. A única pessoa que sempre vejo no local é o motorista do atravessador, que está sempre de braços cruzados, pois o trabalho de despejo dos materiais no caminhão não é seu serviço: “*sou apenas o motorista*”⁴⁸.

⁴⁸ Da maioria das vezes que o encontrei, e afirmo que foram praticamente todos os dias do campo, ele estava nesta posição: de braços cruzados. Quando não assim, com o braço esticado levantando algo para protegê-lo do sol, como um papelão, apoiado sobre o outro braço cruzado sobre a barriga.

4.3.2. O espaço do lixo

Chego agora à segunda parte deste espaço: o lixo.

Depois do local que o material é depositado, fica o lixo despejado, subindo mais o morro. Este é formado pela disposição de uma camada de lixo com uma camada de argila por cima, subindo diversas camadas consecutivas. Por isso é que avistamos ao longe apenas um morro de terra batida: o que era lixo, não vemos mais, vemos apenas argila. Somente no alto do morro é que vemos o lixo.

Observada de longe, a parte mais alta do morro, parecem enormes montoeiras de lixo, mas de perto, uma camada uniforme, onde sacolas de lixo doméstico formam sua maior parte. Uniforme, pois são feitas etapas de disposição do lixo: primeiro o caminhão despeja e, logo em seguida, o trator passa arrastando o lixo por um espaço maior, formando uma camada. É aí que os catadores podem atuar: passam por cima do material já arrastado pelo trator e separam o que lhes interessa.

Esse procedimento de passagem do trator pode levar o dia inteiro, de acordo com as chegadas dos caminhões, e contam com dois operadores contratados pela empresa para sua execução⁴⁹. Eles têm todo o cuidado com os catadores, para que estes não estejam no local onde o trator irá passar na hora de deslocar o lixo, evitando, deste modo, acidentes.

Os catadores encontram-se neste espaço, espalhados por toda parte.

Dispersam-se para catar seu material, e nesta parte da Lixeira, diferentemente do espaço do material já coletado relatado anteriormente, não há territorialização dos catadores. Podem se espalhar livremente nesse espaço, de acordo com sua vontade, sem pré-definição de um lugar específico para estarem na separação dos materiais.

Podemos encontrá-los de todas as formas: andando por cima do lixo e catando, podem estar rindo e conversando espontaneamente sobre os fatos do dia-a-dia, ou quietos, conforme for o caso; alguns sentados em grupos pequenos de três a quatro pessoas no máximo, é como se separam lá dentro, de acordo com afinidades, laços de

⁴⁹ Um deles é um dos meus 'protetores', o L., intitulado pela responsável da usina, para assegurar que eu não tenha nenhum problema no local.

parentesco, idades, tempo de serviço, ..., como grupos de amigos, descansando da lida; outros espalhados pela Lixeira, conversando com os trabalhadores dali que não são catadores, como manobristas, operadores de máquinas, caminhoneiros; ou ainda sentados em sofás, lendo, comendo ou bebendo um café.

É neste local que separam toda espécie de material que possa ser vendido: garrafas pet, plástico fino/ filme, plástico grosso, karina, cobre, alumínio, latinhas, entre outros, que serão negociados ao se obter os montes necessários para se vender à quilo. Eles colocam o material em sacolas grossas, como sacos de ração, e os levam depois cheios para o espaço do material coletado.

Caso encontrem nesse espaço algo que sirva para suas casas, como utensílios domésticos, ou roupas, ou comidas e lavagens para animais, tudo isso também pode ser aproveitado. Esses materiais provocam o maior sorriso do catador: achar um relógio bom que esteja funcionando, ou outra coisa de valor pessoal para o catador e sua família, festeja como sorte de um achado. Eles contam de já haverem achado de tudo: desde dinheiro, jóias, até mesmo armas de fogo (ou até mesmo, corpos humanos ou animais mortos).

É neste espaço do lixo a ser coletado que os catadores passam a maior parte do dia de trabalho. Dentro das sacolas de lixo pretas, brancas, azuis, como observamos nas lixeiras de nossas casas, estão o que poderá servir aos catadores como valor-de-troca ou valor-de-uso. É sempre uma incógnita o que irá encontrar, por isso nesse espaço não tem briga por local definido, pois as sacolas são iguais, não dizem de onde precedem ou o que possuem em seu interior.

O diferencial se dá ao saber da procedência do caminhão que chega e despeja o lixo. Nesse caso, pode-se saber qual tipo de material é provável de ser encontrado, se orgânico ou reciclável, se útil ou indesejável. Isso não funciona muito para os catadores hoje em dia, pois a maioria dos caminhões segue direto para as usinas, por terem precedência sobre os catadores, indo para o aterro somente no caso de já estarem esgotadas as possibilidades de reserva da usina, o que ocorre em poucos casos, principalmente no final do dia.

4.3.2.1. Dos catadores de lixo

A atividade de catação é caracterizada por imensas jornadas de trabalho, em que muitos passam mais de 12 horas no aterro. Essas jornadas são variadas, com alguns catadores iniciando no turno da manhã e encerrando no fim da noite, dependendo do dia e da quantidade de material que já tenha recolhido.

A maioria dos catadores prefere o turno da noite, quando os caminhões de lixo vão direto para a Lixeira, pois a Usina não está funcionando neste período, permitindo a entrada de melhores materiais na lixeira. Esses catadores começam suas jornadas no turno da tarde, e terminam apenas no dia seguinte, ao amanhecer do dia.

Alguns trabalhadores da Usina cumprem suas jornadas diárias (das 7h às 18h) indo para a Lixeira aos o expediente trabalhar como catador de lixo durante a noite, *“porque a gente ganha pouco dinheiro na cooperativa, não dá pra sobreviver”*. (S., trabalhadora da usina).

O trabalho de catação é marcado por uma alta rotatividade de pessoas. O dia-a-dia da lixeira nunca é igual, são sempre diferentes pessoas que surgem ou abandonam a catação todos os dias. Ainda assim, são em sua maioria, pessoas que já trabalharam no lixo por anos de suas vidas, que passam meses fora por algum outro tipo de serviço e retornam, ao estarem desempregados. Devido ao processo de mudança do Lixão em aterro, muitos catadores estão transferindo-se para os Lixões de Gramacho e do Morro do Céu, em Niterói, para continuar na catação de lixo.

Todo processo de mudança é complexo e demanda escolhas e remanejamentos de ações e emoções, não sendo diferente para essas pessoas que vivem em meio ao lixo. Com suas formas de vida estabelecidas durante tanto tempo, que se relacionam com suas famílias, moradias e amigos, os catadores do Lixão de Itaoca, em São Gonçalo, permanecem nessa atividade apesar de saberem que, em pouco tempo, não poderão mais continuar na catação, não terão mais esta atividade como meio de sobrevivência.

O fim da vida útil do aterro, isto é, da sua capacidade de receber a deposição de lixo, necessitando ser transferido para um outro lugar, coincidirá com o fim da catação

enquanto atividade e meio de vida. Enquanto isso, alguns catadores permanecem nos aterros, catando, juntando e vendendo o lixo.

4.3.2.2. Maria da Penha, 51 anos

Conheci Maria da Penha no meu primeiro dia dentro da Lixeira.

A primeira que avisto é D.Maria, única mulher que vejo no local até então. De resto, só vejo homens e rapazes que se empenham com o caminhão do comprador de pet.

Ela me diz que está a três meses no local, me mostra seu monte que está pequeno e tem de tudo misturado. É um dos últimos do lado esquerdo do lixo, mas ainda assim é perto.

Ela conversava comigo e sorri, enquanto cata e às vezes pára pra me responder. Acho que ela conhece minha mãe, não me lembro ao certo⁵⁰. Ela diz que tem 51 anos e me fala que sempre trabalhou em casa de família, que às vezes ainda a chamam pra faxina, no Rio e diz que só vai se pagarem 80,00 reais mais as passagens. Fala que está ali provisoriamente. Diz que trabalhou por 12 anos em casa de família. Que é difícil trabalhar assim, porque não tem direitos trabalhistas, pra aposentar e coisa assim. Deu a entender que em seu caso o fator idade é que contou.

Ela tinha uma cunhada que trabalhava ali e que por isso foi parar na Lixeira. Que não teve problema em chegar e foi bem recebida.

Dona Maria foi a pessoa mais difícil de compreender em meu trabalho de campo. Ela foi a primeira pessoa que entrevistei na Lixeira. Ela estava no espaço do material já coletado e remexia seu monte, com movimentos alternados entre

⁵⁰ Minha mãe é psicóloga, foi Conselheira Tutelar do 1º distrito por 8 anos, e continua até hoje na rede de atenção às mulheres e “crianças vítimas de exploração sexual” e na área dos direitos humanos.

concentrada, sabendo o que estava recolhendo, e afoita, como quem pega o que vem pela frente, sem distinção ou atenção.

Por vários dias, a encontrei na lixeira. Chegava cedo, era sempre uma das primeiras a serem vistas no aterro. Com seu Bag (como chamam os sacos de ração, onde carregam seus materiais), saía catando nos primeiros montes de lixo jogados, logo na ponta do espaço do lixo, próximo à estrada.

Foi assim que a conheci, como a Dona Maria, com sua profissão de faxineira, e com seu pouco tempo de trabalho no aterro. Até o dia em que a encontrei com seu grupo de amigos e percebi que eram inseparáveis. São três homens, Josenildo, de 46 anos, Seu Eugênio e Marcos, de 47 anos. É com este grupo que tenho as melhores conversas no aterro, como a que relatei que tivemos por cima do lixo, onde descansavam sobre os pedaços de madeira.

Foi aí que surgiu a minha surpresa. Primeiro, que não é conhecida na Lixeira como Maria, e sim como Penha. Ouço seus amigos falando seu nome e me pergunto porque ela se apresentou a mim somente com seu primeiro nome.

Em entrevistas informais, que fiz com esse grupo em conjunto, conheço sua outra face, a Dona Penha:

Passamos pra Dona Penha como entrevistada:

Eu digo: *“A senhora me enganou, hein, Dona Maria! Me disse que trabalhava aqui há três meses!”* (ela deu um monte de informações desencontradas).

Dona Penha: *“mas eu trabalho aqui há três meses, não é não? É sim!”*

S.Eugênio responde e todos a vaiam: *“Que nada, Penha, diz a verdade! Trabalha aqui há três meses nada. Você nasceu aqui dentro, sua mãe te teve aqui!”*

Fico sem saber se é metáfora ou realidade. Tudo pode afinal. E pergunto: *“Nasceu mesmo aqui?”*

- *“Não, nasci nada não”.*

E diz que trabalha há vinte e poucos anos ali. Pede desculpas de ter mentido através da frase:

- *“sabe o que é? É que naquela confusão a gente fica confusa e acaba falando qualquer coisa”.*

E percebo que alterna entre um olhar triste por chão, com estas afirmativas de seus colegas, e o ar imponente que vejo em muitas mulheres de lá.

Ela diz trabalhar desde os oito anos de idade. Mostra-me os calos de suas mãos. Trabalhava na roça; nasceu em Minas Gerais e veio par cá aos 10 anos.

S. Eugenio completa: - *“Ela cata de tudo”*.

Já tinha observado isto antes. Cata de tudo e parece que não consegue o suficiente para vender. Me parece uma montoeira com um pouco de cada. Não sei se isso *“dá pra tirar algo”*⁵¹.

Então descubro a Dona Penha. Essa mulher, que trabalha desde seus oito anos de idade. Na roça, em sua infância em Minas Gerais e nos últimos 25 anos como catadora na Lixeira. Ela é uma catadora de lixo que permaneceu nessa atividade na Lixeira, recusando-se a se cadastrar na cooperativa de trabalhadores da usina, mantendo, assim, o seu antigo meio de vida.

Ela tem 28 anos de casada, a idade de sua filha. Tem outro filho de 16 anos, que vive com ela. Possui o auxílio do Programa Bolsa Família⁵². Seu marido e filhos, segundo ela, não trabalham na Lixeira, mas possui parentes ali – a cunhada e sobrinhos. Ela relata que sua família, além deles, apenas uma irmã já trabalhou no aterro, em outros tempos.

Esse deve ser um dos apoios que possui nessa lida e talvez por isso Dona Penha me relate que *“Acha legal ir lá. Se perder a segunda-feira de trabalho, parece que perdeu a semana.”* Logo, não agüenta passar um dia sem o trabalho no aterro, com seu ritmo e rotina.

Dona Penha diz gostar da independência que seu trabalho a proporciona, não dependendo do dinheiro do marido para suas coisas: *“Trabalho porque gosto de beber minha cervejinha, não gosto de depender de marido. Se não trabalhar, ninguém come”*.

⁵¹ Dona Penha, assim não conseguiria somar uma quantidade de material suficiente pra vender o quilo, ganhando pouco dinheiro na venda. O material é vendido por quilo, enchendo as cestas, que já medem o quilo certo, de um material específico, seja pet, karina, alumínio, ..., logo, se não juntar em quantidade suficiente, não conseguirá nem encher uma cesta, rendendo pouco dinheiro no final da venda ao atravessador.

⁵² Não diz o valor que recebe. O Bolsa Família varia o valor da bolsa-auxílio que paga aos considerados carentes, de acordo com a quantidade de pessoas na família, a renda que possui o meio que vive, entre outros.

Nesse momento, percebemos que ela sustenta as compras da casa. É com esse dinheiro que ela compra os alimentos para sua família.

Assim se passa um pouco da história de Dona Penha, que, de início, negou todo vínculo e permanência de anos de trabalho na catação de lixo da lixeira, mas, aos poucos, fui conhecendo suas lutas diárias, sua infância difícil, suas relações conturbadas com o marido, e que, após uns dias, abriu-me sua longa estrada de vida na Lixeira.

Complicado demais abordar sua vida na Lixeira, sendo o assunto mais evitado pela catadora. Em nossas conversas, ela ria, falava alto, gesticulava, brigava com outras catadoras que não gostavam de suas andanças comigo e na presença de seus amigos, em seus momentos de descanso, ficava muito mais calma e tranqüila, permitindo que eu conhecesse o mínimo possível de sua vida na catação de lixo.

Esforço-me para entender seus motivos, e encontro em meu caderno de campo, anotações do início da entrevista com ela após saber sua verdadeira história de vida.

Havia uma reportagem publicada no jornal “O São Gonçalo” como título: “*Homens disputando comida com animais*”. Esta reportagem já estava gravada em minha memória, e que foi lembrada pela catadora, a que mais me confundia em suas entrevistas, com nomes e histórias inventadas no dia-a-dia – o que fez todo sentido do motivo de suas mentiras.

4.3.3. O espaço mais ao alto, do lixo já separado pela usina

Após ter sido separado na usina, o material coletado é pesado e levado diretamente para seus depósitos para serem vendidos ao atravessador. O que sobra, em sua grande maioria, material orgânico e materiais recicláveis que não podem ser coletados por estarem misturados a materiais orgânicos são inutilizados. Essa sobra é separada e colocada no caminhão da usina⁵³ e assim levada para o local de depósito de

⁵³ Um caminhão não muito novo, cujo motorista principal é o P. – meu primeiro ‘protetor’ dali.

lixo da usina na Lixeira, onde recobrem o lixo com argila. Normalmente, são jogados na parte mais alta, para separar do que ainda não foi coletado (anexo 31).

Nessa parte também podem ser depositados lixos de caminhões que ainda não foram separados, o que não é muito comum, depende de quantos caminhões chegaram ao mesmo tempo, esgotando a capacidade de recebimento do lixo no espaço anterior da Lixeira. Por isso, são encaminhados pelos manobristas para esta parte superior do aterro, dando mais trabalho aos funcionários da empresa, pois os operadores terão de subir com o trator para espalhar o lixo e depois jogar a argila. Deste modo, pode haver alguns poucos catadores nesta parte do aterro, apesar da preferência pela parte anterior, conforme já descrito.

Ainda assim, é um espaço que desperta pouca atenção nos catadores, por isso, não me deterei muito em sua descrição.

4.4. A Usina

“tá vendo aquela lá em baixo de telhado amarelo, são duas aqui. Elas é que estão acabando com a catação aqui dentro, não sobra nada pra gente.” – Sr.Z.

Assim se introduz a conversa com um catador da Lixeira.

Uma única usina foi criada, possuindo duas áreas de segregação/separação de materiais, por onde passa todo lixo recolhido pelo aterro – é o ponto de chegada de todo material disponível.

O caminhão do Carrefour e os outros mais importantes, principalmente de supermercados, não vão mais lá dentro da Lixeira: vão direto para a usina.

Esta era a principal característica da minha pesquisa na fase anterior, em 2003, de todos os relatos das crianças, até mesmo no documentário⁵⁴, se não me engano, do caminhão do Carrefour e da

⁵⁴ O documentário “Boca do Lixo”, de Eduardo Coutinho, 2001, efetuado no lixão pesquisado.

alegria e disputa que isso representava, era o mais importante e esperado do dia. Como assim... não tem mais o Carrefour?

Hoje, os melhores materiais vão direto para a usina e os catadores da Lixeira ficam com os restos, as sobras. Sabe-se que estas pessoas não fazem parte da usina por escolha própria, por não se apropriarem dela nesse processo. Por isso, a colocarem, no foco de incompreensão de sua situação atual dentro da Lixeira, como responsável por suas dificuldades na catação.

Falar na Usina é falar do catador, em outra forma, pois todos os cooperativados de hoje são os catadores de ontem. Assim, o pertencimento à catação procede da mesma maneira para ambos, sendo a identificação como cooperativado, com seus novos signos e subjetividades sendo construída aos poucos nesse processo.

Há muita cumplicidade e entendimento da condição do catador que continua na Lixeira pelos trabalhadores da Usina, pois todos possuem, de uma certa maneira, a mesma história de vida no processo de catação de lixo. O que demonstra o mesmo pertencimento a atividade e relação com o objeto.

Os catadores de lixo se transformaram em trabalhadores cooperativados da Usina de Reciclagem, com a CTR Alcântara à frente deste serviço. Dentre eles, possuem um responsável e uma supervisora, para esta parte do trabalho.

De junho de 2003 a janeiro de 2004, o Programa de Geração de Renda Alternativa desenvolveu oito modalidades de cursos de capacitação, entre as quais a de Formação em Cooperativismo, que resultou na constituição da Cooperativa de Catadores de Itaoca⁵⁵ (Análise do Cadastro Social dos Catadores, 2006).

A Usina possui ainda funcionários contratados pela empresa para a formação de sua equipe técnica, composta, entre outros, por engenheiros, assistente social, e o chefe

⁵⁵ “Quando a Central de Tratamento de Resíduos – Alcântara assumiu o controle do Lixão de Itaoca, em agosto de 2004, já há um ano a Cooperativa de Trabalho Estruturar desenvolvia ações com a população de catadores, contratada pela Prefeitura Municipal de São Gonçalo” (Análise do Cadastro Social dos Catadores – 2006).

da CTR Alcântara no local, também dessa equipe e que veio de ‘fora’, capacitada para o serviço de transformação do Lixão em Aterro Controlado⁵⁶.

Algumas medidas podem ser observadas, como a criação do lago de xorume (líquido percolado), que é recolhido pela empresa Águas de Niterói, onde receberá tratamento para transformação em água passível de utilização, como a usada pela empresa nos caminhões pipa que molham as ruas e plantas de Niterói. O recobrimento das massas de lixo por camadas de argila também é feito (não observei se diariamente), assim como a melhor disposição do lixo. Outra medida é a extinção da atividade de catação de lixo⁵⁷. Além das duas áreas para a separação e compostagem do material coletado e o incinerador de lixo, para onde se destinam todo lixo hospitalar e materiais contaminados, para a incineração⁵⁸. A usina passou a funcionar no último semestre de 2007 e, com maiores atividades no início de 2008, apesar de haver sido construída anteriormente⁵⁹.

A conversa com os trabalhadores na usina:

Várias falaram comigo, algumas me reconheceram e me espantei de ver uma mão do PETI PPR que é nova e ia sempre arrumada para as reuniões do Pólo e eu achava que ‘trabalhava fora’. Escutava rádio com o fone apenas em um dos ouvidos, abriu um sorriso de poucos dentes para mim e depois voltou a sua seriedade. Pelo respeito das outras, entendi que era retraída e não participava. D.S. me gritou quando eu estava lá embaixo, então atravessei a montoeira de lixo, esbarrando neles, nas sacolas sujas e com moscas que estavam em sua volta. D.S. era a segunda do esquema, logo, ainda na etapa de arrebentar sacolas. Disseram que o duro é o pouco dinheiro da

⁵⁶ Segundo Silveira (2004:8), sua transformação em aterro controlado exige medidas de recuperação, que vão desde o combate ao trabalho infantil e isolamento da área dos catadores, controle da quantidade e qualidade dos resíduos recebidos, operações de recobrimento rotineiro das massas de lixo, além de projetos de drenagem de líquidos percolados e gases.

⁵⁷ O controle dos gases é um projeto mais difícil de ser implementado, com sua transformação em biogás (gás metano), sendo capaz de render milhões em créditos no mercado de carbono, por sua venda a outros países, através de uma conta ONU em que se acumulam pontos a cada tonelada de gás que deixa de ser emitido. Países como a Holanda (que compra créditos da CTR Nova Iguaçu, da mesma empresa S.A. Paulista, que nasceu em 2004 com foco nesse mercado, em parceria com o BIRD) compram créditos para assumir compromissos de reduzir a emissão de carbono até 2012, pelo Protocolo de Quioto (DAinese, 2007).

⁵⁸ Há denúncias na ALERJ, datadas de 2007, sobre o não tratamento adequado do lixo hospitalar, que não estaria, na época, sendo separado do lixo comum. Esta ação – da incineração do lixo – não foi alvo de observação durante o trabalho de campo. Apenas ouvi relatos dos responsáveis pela cooperativa de que estariam em funcionamento. Disponível em: <<http://www.alerj.gov.br>>. Acesso em: 07 mai. 2008.

⁵⁹ A CTR Alcântara ganhou a concessão do aterro em setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.sapaulista.com.br>>. Acesso em: 07 mai. 2008.

cooperativa, mas lá era melhor porque não precisavam ir pro sol. D.S. disse que não dobrava à noite (na Lixeira) “porque tem que comparecer com o marido”. Brinco com ela. Outras dizem que estão velhas e as duas do lado (terceiras da esteira) na separação do plástico, dizem que dá 18h vão para lá. “Porque lá tira muito mais que aqui”, então tem que trabalhar. Uma delas usa um grande chapéu de palha. Todos usam um par de luvas verdes.

Não entendo o enorme chapéu de palha ali, debaixo da área coberta por um telhado da compostagem da usina, aberta apenas nas laterais, onde o sol não bate nunca. Achava que chapéus eram apenas para proteção do sol e penso que justamente esta mulher é uma das que vão para a Lixeira após o expediente da Usina. Não pegará sol lá, pois trabalhará a noite, mas ainda assim usa chapéu. Usar chapéu é uma forma de identificação com a Lixeira. A maioria usa. Chapéus grandes, de palha, ou bonés. D.M. me explicara certa ocasião que cortou o cabelo curto por medo, pois há muito mais chance de pegar bactérias de moscas que depositam nos cabelos. Associei assim estes dois fatos e percebi o chapéu também como proteção de doenças. Outras vezes o usam por vaidade.

Esta área de separação relatada, a mais próxima da casa de alimentação e escritório da cooperativa, é composta em sua maioria por mulheres e mais velhas. Como elas mesmas o dizem, é um trabalho menos desgastante.

D.S. falava alegremente, com a postura forte e dona de si que observo nas mulheres daqui, quando de repente, logo no início de nossa conversa, ao estourar um saco de lixo, cai seu conteúdo sobre a esteira – eram montes de fezes humanas. Fingi que não vi, continuei a conversa olhando em seus olhos, mas rapidamente sua feição mudou. Creio que pensamos juntas: que falta de sorte isso acontecer logo na apresentação da Usina – que representa melhoria e ‘dignidade’ em suas vidas – a essa menina.

As esteiras da Usina, assim, lembram modos de separação em série do sistema fordista, com o lixo passando pela esteira e o material sendo separado de acordo com o que foi designado para cada trabalhador. Nesse modelo, há o cumprimento de carga horária pré-estabelecida, de remuneração fixa (com a divisão proporcional do total da

receita líquida da cooperativa, igualmente a todos e todas independente de idade ou produtividade, como não se observa na Lixeira).

Antes, seguiam modelos sem esse ordenamento específico do trabalho de catação do Lixão, com o trabalho individual, sem carga horária definida, com remuneração de acordo com o seu trabalho e produção. Essa é a característica principal apontada pelos catadores sobre as vantagens consideradas por eles na catação na Lixeira, ao invés do trabalho na Usina.

Enquanto esperava ser atendida, conversei com uma funcionária que me contou que tem dois compradores com diferença de 0,06 centavos que eles mantêm, tendo uma segunda opção de compra, caso o mais barato não comparece, por qualquer questão. Mostrou-me a usina do lado (a do telhado amarelo) onde contei cerca de vinte e quatro pessoas trabalhando com mais uns seis na hora de transferir a carga pro caminhão. Vendem por cerca de 0,09 centavos o quilo (caixas de leite) em fardel. Cada fardel com cerca de cem quilos. Antes haviam dois turnos: 06h às 16h e 16h às 22h, mas com o pouco preferiram reduzir todos a mesma carga horária, de 07h às 18h. o trator pega o material do caminhão e vai jogando nas máquinas que caem nas esteiras. As quatro primeiras trabalhadoras rasgam os sacos e já engatilham o material para as próximas pegarem. As duas seguintes separam só os plásticos. As outras, não percebi as seqüências. São todas mulheres e mais velhas. Apenas dois homens no final, sendo um deles um jovem de 18 anos, ex-aluno do PETI e do Agente Jovem. O que sobra cai no chão e um homem, com a pá, vai juntando⁶⁰. Havia uma máquina mais embaixo, para diminuir o líquido do lixo antes de ser separado. Os fardéis eram separados ali mesmo e dali já eram vendidos. Alguns trabalhadores cooperativados ajudavam no transporte dos fardéis pro caminhão, no momento visto.

A moça também contou o motivo real de haver mudado a carga horária de trabalho era às máquinas vira e mexe darem problemas e não ter como consertar à noite, já que elas ficaram muito tempo paradas.

A outra usina era ainda maior, e com duas esteiras. Todas funcionando neste dia (há dias que apenas uma das esteiras, ou uma, estão funcionando).

A Usina conta, atualmente, com 110 trabalhadores. Somam-se a estes, os 250 catadores do aterro. Segundo os dados do PIC, 54% são formados por homens e 46%

⁶⁰ Esse material que sobra é lixo que não serve mais, o que não pode mais ser coletado, indo para o espaço mais alto da Lixeira, do item 4.4.3. deste capítulo.

por mulheres. Fazem ainda estimativas de renda familiar, onde a maior parte não ganha nem um salário mínimo e a outra parte se divide em até dois, ou quase três salários mínimos⁶¹. Quanto à idade, a maioria se encontra na faixa etária de 18 a 39 anos⁶².

Diversos outros fatores são relevantes para o questionamento das dificuldades de adaptação ao trabalho na usina, com o retorno de cooperativados ao trabalho na Lixeira, ou até mesmo a transferência a outros aterros, como o de Gramacho (Rio de Janeiro) e o do Morro do Céu (Niterói). Porém, novos fatores são acrescentados nesse processo de transformação do lixão em aterro, com a incorporação da lógica de que a usina representa uma melhoria em suas qualidades de vida, com um maior cuidado no manuseio do material coletado, diminuindo a quantidade de acidentes de serviço e oferecendo maior segurança nas relações contratuais de trabalho. Por isso um processo, onde apenas cerca de 1/5 dos trabalhadores se encontram efetivamente inseridos.

4.4.1. Dos funcionários da empresa

A equipe técnica contratada pela empresa CTR Alcântara⁶³ para o trabalho no local fica em uma casinha destinada a eles, perto da porteira do aterro⁶⁴, onde se concentram as maiores movimentações de pessoas não pertencentes aos grupos que trabalham no lugar.

Para iniciar meu trabalho de campo precisei pedir permissão aos responsáveis pelo aterro. Foi necessário 01 mês de ‘negociação’ para que minha entrada no aterro fosse autorizada, o que não se deu pelos funcionários da empresa, mas pelos

⁶¹ Remuneração familiar mensal: menos de 380,00 reais (43%); de 380,00 a 500,00 reais (31%); de 500,00 a 880,00 (20%) e acima de 800,00 reais (6%) – dados do PIC– com base no salário mínimo da época. Disponível em: <<http://www.wds.worldbank.org>>. Acesso em 17 mai. 2008.

⁶² Idade: 18 a 29 anos (29,7%); 30 a 39 anos (27,3%); 40 a 49 anos (11,1%); 50 a 59 anos (7,4%); 60 a 69 anos (4,1%); não responderam (16,5%) – *idem*.

⁶³ Esta empresa pertence ao grupo S.A. Paulista, que possui a concessão de diversos aterros no Estado de São Paulo e no Estado do Rio de Janeiro. Este grupo cria Cooperativas de Trabalho e Renda, contratando equipe técnica especializada, desde engenheiros a assistentes sociais, além de uma equipe administrativa. Como exemplo no Rio de Janeiro, foi criada a CTR Nova Iguaçu, para o controle deste aterro sanitário.

⁶⁴ Rever foto da Figura 12, para melhor visualização do local.

cooperativados da usina, conforme explicitarei no primeiro capítulo⁶⁵. Portanto, antes de minha liberação para a pesquisa, eu circulava somente neste trajeto da porteira até a Casa da empresa.

A casa da empresa possui diversas salas que funcionam como escritórios para esta equipe. Em uma destas salas se encontra a assistente social e sua agente social, esta última, não possuindo formação superior, sendo uma pessoa contratada do bairro para facilitar a interlocução com os catadores.

A assistente social funcionou como mediadora da negociação com o chefe da empresa, por isso, darei ênfase a sua atuação como agente nesta etapa da pesquisa.

4.4.2. A Assistente Social

A assistente social estava mais interessada na Cremilda do que em mim, e perguntava sem parar sobre os projetos que havia, explicando-nos incessantemente sua tentativa de retirar os meninos do trabalho na lixeira, o que era muito difícil, pois, ao avistá-la, juntamente com a agente social, vindo pela estrada principal, eles fugiam delas pela outra via de acesso ao aterro (que descobri, ao longo do campo, ser o acesso do bairro Fazenda dos Mineiros). Assim, ela justificava o trabalho que estava fazendo.

As assistentes sociais sempre foram as principais representantes do aterro e as mediadoras entre os catadores de lixo e os interesses da empresa. Diversas assistentes sociais já trabalharam neste aterro, sendo lembradas o tempo todo em meu trabalho de campo. Para os catadores, uma boa a.s.⁶⁶ é aquela que percorre toda a lixeira inúmeras vezes por dia, em diálogo constante com os catadores de lixo, por isso, diversas vezes, compararam meu trabalho ao desenvolvido por elas.

⁶⁵ Fui me apresentar à equipe responsável pelo aterro, os funcionários da empresa, e estes me encaminharam para a assistente social, para que conversasse comigo. Escolhi a companhia de Cremilda, uma liderança local do bairro de Itaoca, que acho melhor ir junto na tentativa de mediação com os responsáveis pelo aterro, pois não é permitida a entrada de qualquer pessoa no local. Apesar de minha colega não conhecer os responsáveis pelo aterro, ela foi de grande ajuda, identificada na portaria como uma trabalhadora de projetos sociais no bairro de Itaoca.

⁶⁶ Utilizarei esta abreviação porque é a forma como também são conhecidas.

A assistente social, durante o início do campo em 2008 se encontrava a pouco tempo no aterro, desde o final de 2007, o que usava como justificativa para suas poucas idas à lixeira, pois seu trabalho se encontrava, no início do ano de 2008, em fase de cadastramento dos trabalhadores da cooperativa, como o devido preenchimento de todos os seus dados para a empresa – os catadores não compreendem o seu trabalho e afirmam que “assistente social de verdade está na lixeira, todos os dias. Não fica só no escritório.” (Zilma, catadora da lixeira).

A empresa deve manter seus dados atualizados dos catadores cadastrados e a a.s. efetuava este serviço. Em 2004, ano de início da empresa no aterro, foram feitos por seus funcionários os primeiros cadastramentos à Cooperativa de Trabalho. Além disso, a assistente social elaborou, junto à equipe, o PIC (2008), no qual aponta como suas ações: a elaboração de entrevistas, análises sociais, relatórios, encaminhamentos, visitas domiciliares, pareceres sociais, contatos institucionais, entre outras.

Neste programa: são propostas ações para o biênio (2008/2009) que focam na questão da qualificação profissional, geração e distribuição de renda, promoção à saúde e à qualidade de vida, e participação e apoio da comunidade neste processo (PIC, 2008: 4)⁶⁷

Durante entrevista realizada em outubro/2010, como Hélio Silva, ele me relata justamente essa intensificação de propostas e parcerias para programas de geração de renda. Em parceria com o SENAI, abriram uma turma de 20 catadores para o curso de garçom, mas na formatura, que seria próxima à época da entrevista, menos de 1/3 dos alunos estariam se formando. Segundo ele, fatores como a dificuldade de conseguir a passagem para a ida ao local, no centro de São Gonçalo, por exemplo, seria um fato primordial para a não continuação nos cursos, aliado a falta de motivação, dentre outros.

Na visita do 2º dia, onde relato a ida à “Favelinha do lixo”, com o Assistente Social da SMDS, também estava presente a assistente social da empresa. A ida, como descrevi, foi uma “visita domiciliar” à família de Sr. J.

⁶⁷ Cf. *Programa de Integração dos Catadores (PIC)*. Disponível em: <<http://www.mds.worldbank.org>>. Acesso em: 02 abr. 2008.

Ao encontrar Sr.J., quando a gente estava saindo, ele carregava dois galões de água para casa. Estavam limpos e com certeza eram para consumo próprios. Olhou sem vontade de nos receber, só melhorou quando perguntou se era sobre a operação do menino.

A identificação do grupo Às vezes facilita. O A.S. é um bom ele pelo tempo que trabalha no local.

“Ele tinha outra casa desse tipo só que mais lá pra fora, veio pra cá pra melhorar porque lá alagava, mas olha no que deu” – diz G. estávamos em um dia desses ‘mais ou menos’, e que havia chovido a semana toda. Lama no quintal.

“Aonde que dá pra viver aqui? Eu sempre trabalhei muito e rodei muito, antigamente podia se viver de bicos, hoje, coloca uma barraquinha de manga lá fora, não vai dar, não pode ficar. Qualquer coisa não pode, está impedido.” – diz Sr.J.

“Queria ir pra fora do Rio (repetia ele várias vezes). [...] Breve vou sair daqui. Já vi minha casa mais ali pra fora que vou comprar, é grande e tem piso vermelho... tem parede e teto!”

Sr.J. fazia tratamento neurológico em Botafogo, há 12 anos atrás e diz que não agüenta muito tempo no sol, pois *“minha cabeça incha no sol!”*. Ele se mudou para São Gonçalo, indo morar no bairro de Itaoca em 1997. Ele é um dos homens protagonistas do documentário *“Boca do Lixo”* (COUTINHO, 1993), e era conhecido por seus cachorros que o seguem aonde vá.

Os assistentes sociais encaminham o filho de Sr.J. para operar no Pronto Socorro de São Gonçalo, que, depois desse campo, foi levado para um abrigo provisório de crianças, a Casa de Passagem. Já havia sido operado e se recuperava da cirurgia, fazendo um tratamento para anemia. Ainda não havia a confirmação do Juizado de Menores sobre a perda ou não da guarda deste criança pelos pais verdadeiros, alegando-se as condições de vida dessa família.

A assistente social foi um grande apoio a minha pesquisa, apesar de haver momentos em que possa ter atrapalhado seu andamento, com conversas longas demais

que atrasavam minhas idas à Lixeira, mas que, no final, resultaram em um bom material de campo, com a visão diferenciada de uma funcionária da empresa nesse processo.

4.4.3. Os Cooperativados da Usina

O ano de 2008 se torna um marco para o aterro de Itaoca: é quando começa a funcionar, de fato, a usina.

A partir daí, os 110 ex-catadores de lixo contratados pela empresa para este serviço passam a trabalhar na área destinada à separação de resíduos sólidos, de pé de frente a suas esteiras, cumprem suas jornadas de trabalho, ou em serviços auxiliares de remoção de lixo, colocação de máquinas, ou na cozinha (são duas cozinheiras cooperativadas).

Os ex-catadores de lixo passam a ser cooperativados. Mudam suas relações de trabalho e passam a ter jornada definida, conforme descrito anteriormente.

De junho de 2003 a janeiro de 2004, o Programa de Geração de Renda Alternativa desenvolveu oito modalidades de cursos de capacitação, entre as quais a de Formação em Cooperativismo, que resultou na constituição da Cooperativa de Catadores de Itaoca.⁶⁸ (ACSC, 2006)

Há ainda a supervisora Margarida, que foi durante muitos anos catadora de lixo e que hoje trabalha na Usina.

⁶⁸ “A Cooperativa de Trabalho Estruturar desenvolvia ações com a população de catadores, contratada pela Prefeitura Municipal de São Gonçalo. A metodologia utilizada e os resultados alcançados foram reconhecidos e garantiram a Estruturar o 1º Prêmio CEBDS – Conselho Empresarial Brasileiro para Desenvolvimento Sustentável, na categoria 3º Setor.” (*idem*).

4.4.4. A supervisora da cooperativa

A história de vida de Margarida auxilia a entender um pouco da história dos catadores de lixo.

Antes da vida no Lixão, Margarida trabalhava como faxineira.

Margarida morou e trabalhou dentro do Lixão por 12 anos de sua vida, de 1992 a 2004. Ela possui doze filhos e seis netos, todos criados com o dinheiro que a família tira vendendo materiais retirados do lixo, como plásticos, garrafas, papéis e sucatas⁶⁹ Do trabalho na catação, ela sempre afirmou não conseguir calcular quanto retirava, pois conforme o dinheiro entrava, logo comprava comida e roupas para as crianças⁷⁰.

Ela, como uma forte liderança local, foi uma das primeiras a ajudar na criação e estruturação da cooperativa de catadores contratados pela usina. Hoje ela é supervisora da cooperativa e não trabalha mais cotando lixo. Margarida me diz que possui problemas de saúde, não entrando em detalhes de quais seriam, um pouco pelo trabalho na *Lixeira*, e que, por isso, não agüenta passar o dia todo no sol quente. Muitas mulheres que trabalham na usina relatam a mesma coisa e dizem sentir um alívio muito grande em não trabalhar mais na quentura da *Lixeira*.

Margarida é uma das principais responsáveis pelo andamento do trabalho na usina. Como representante da cooperativa, fiscaliza os cooperativados no trabalho das áreas de compostagem, quando separam o material do lixo recolhido que passa na esteira; responde pelos problemas que ocorrem durante o andamento, como defeito de máquinas ou qualquer acidente; dá ordens de começo e término de serviço; orienta as cozinheiras que fazem o almoço dos cooperativados, além de ajudar no recolhimento de

⁶⁹ No início do PETI Fazenda dos Mineiros, em 2000, todos os seus filhos, do mais novo, de três anos, ao mais velho, de 25, trabalhavam no Lixão com ela e seu marido. Ela afirmava haver retirado todos os seus doze filhos da catação no início do projeto, apesar do PETI ter uma regra de inscrever apenas três crianças por família. Até hoje, ela repete para mim que o PETI foi a melhor coisa que aconteceu na vida dos filhos dela, ajudando no sustento da família.

⁷⁰ Dados da ACSC (2006) mostram que a arrecadação mensal variava de 20,00 reais a 800,00 reais, tendo como média 267,21 reais. Nestes dados, os homens arrecadam cerca de 110,00 reais a mais que as mulheres, outras variáveis eram: o número de dias que catavam lixo e a idade do catador (quanto mais velho, menos ganha).

alimentos, pois são sempre alimentos doados ou trazidos pelos próprios trabalhadores (o ‘ratatá’)⁷¹; enfim, o que tiver que ser feito no dia-a-dia do trabalho na usina.

O espaço da cozinha é comunitário, mas comandado por ela, onde apenas as cozinheiras contratadas pela cooperativa para esse serviço é que manipulam os alimentos. Há ainda o café da manhã e o café da tarde, que também são servidos na cooperativa, pelo mesmo esquema. O almoço na cooperativa nunca tem carne. Normalmente fazem caldo, um angu, ou sopa, com pouca variedade, do que conseguirem se organizar para fazer. Revezam os responsáveis por trazer os alimentos, por exemplo, escolhendo dois cooperativados para trazer o fubá, ou outros alimentos.

Lembro da minha chegada ao espaço da Usina, no aterro:

Havia um banco na varanda da casinha da cooperativa e uma quantidade incontável de moscas sobre ele. Era muito difícil conversar até de pé ali mesmo na entrada. Ao entrar na casinha, a situação não mudou muito. Uma quantidade menor de moscas que na entrada sobrevoavam uma grande mesa com dois bancos extensos de madeira, que usavam para servir o almoço aos trabalhadores da usina – não os trabalhadores da empresa, aqueles de camisa social e bem vestidos não almoçavam ali, apenas os cooperativados, os trabalhadores de base da usina.

A assistente social, que me acompanhava neste dia, ficou sem graça com a insistência de Margarida para que ela almoçasse – “Hoje temos papa-lombeira (comida feita de fubá, couve e lombo, mas a delas não havia carne), coma, está muito bem feita!”.

Ela repetiu a sugestão, mas a assistente social respondeu: “Não, obrigada. É que estou de dieta. Já trouxe até minha marmita com uma saladinha”.

Folheando meus arquivos, que guardo há anos, com reportagens, fotos e diversos dados do Lixão de Itaoca, encontro uma reportagem com Margarida, sobre o Lixão:

⁷¹ Os catadores da *Lixeira* não participam deste processo, que se dá na casa separada da cooperativa.

Da poeira para o lixo⁷²

Margarida vive em uma casa toda construída com papelões e tábuas encontradas no Lixão. Televisão, rádio, ventilador. “Tudo funciona e eu catei aqui”, conta.

No quintal de seu barraco improvisado, está seu depósito particular. “Toda sexta-feira vem um comprador aqui em casa. Eles já até me conhecem. Eles dizem o material que querem comprar, e eu já tenho tudo separado”, revela Margarida, mais conhecida como ‘Tia’. Ela ganhou o apelido por auxiliar a vizinhança. “Sou analfabeta, mas sempre guardo os livros que acho. De vez em quando aparecem crianças aqui pedindo. Estou até com uma cadeira de rodas que jogaram fora, mas está novinha. Vou guardando porque alguém pode precisar, e aí é só vir aqui me pedir” (trecho retirado do Jornal O São Gonçalo, de 21.09.2001).

Este trecho da reportagem confirma sua postura de liderança local, desde o princípio de sua vida na catação de lixo, muito pela iniciativa que sempre possuía, e possui até hoje, de ajudar aos catadores que precisarem. Quando doentes, consegue médico, procura os serviços assistenciais que podem auxiliá-los, e funciona como uma grande articuladora inicialmente da *Lixeira* e, posteriormente, de todo aterro (já que hoje trabalha na usina, mas continua a ajudar os catadores da *Lixeira*).

Apenas um dos seus filhos é que encontro no trabalho da usina. Ele regula 18 anos e trabalhava na catação na parte da área de separação do material, no chão, cuidando de uma máquina onde jogam o material recolhido e que permite a retirada de um pouco do xorume, além de vê-lo outras vezes com uma pá ou uma enxada, espalhando o lixo que caía das esteiras e que não seria mais utilizado, para não amontoarem e dificultarem a queda dos próximos lixos que sobravam após a separação do material útil deste processo.

Após a criação da Usina, Margarida deixou de morar na Lixeira. Alias, não existe mais nenhuma casa construída dentro do aterro – até mesmo na estrada de terra que dá caminho a Lixeira, onde existiam duas fileiras de casas, uma de cada lado, com

⁷² O título corresponde a um aparte da reportagem que aponta para seu antigo trabalho de faxineira, dizendo que “Margarida já limpou muita poeira mas, há dez anos, mora e trabalha dentro do Lixão de Itaoca” (Jornal *O São Gonçalo*, 21 set. 2001)

cerca de 30 casas ao todo, e que resistiram por mais tempo no local, pois não estavam diretamente em contato com o lixo, apesar de estarem em terreno público do aterro. Muitos desses ex-moradores estabeleceram residência o mais próximo possível do aterro, como os moradores da Rua Projetada, e das casas ao longo da Estrada de Itaúna. Que dá acesso ao aterro.

Há cerca de quinze anos no aterro, a história de vida de Margarida se assemelha a de muitos moradores por seus hábitos e formas de vida, com o diferencial de sua liderança local, sendo uma referência até os dias atuais.

4.5. O atravessador

Outro fato importante de ser abordado e que foi mencionado na reportagem é o das idas de compradores constantemente à Lixeira. Como já mencionado, devido à maior quantidade e acesso, podiam negociar melhor os preços de venda dos materiais. Hoje existe apenas um comprador negociando no local, o que oferece o melhor preço, segundo a funcionária da usina, mas, que se caracteriza como um problema para os catadores que ainda resistem na Lixeira: *“está muito ruim, tem apenas um comprador, não dá pra negociar o preço. Podemos vender só para ele”*, afirma S.S.

O relato de Margarida confirma um hábito dos antigos moradores de dentro da Lixeira: seus montes de material recolhido do lixo, que hoje se encontram lado a lado, em uma parte da Lixeira destinada para isso, antes eram vigiados por eles mesmos, no ‘quintal’ – separação feita por alguns, de suas casas dentro da lixeira, usando pequenos tapumes e madeiras.

Eram nos quintais que ficavam os materiais coletados para vender e ali mesmo que negociavam os preços de venda dos produtos com os compradores que aparecessem. Surgiam compradores de todos os tipos, de representantes de grandes indústrias, como as de papel, a pequenos investidores ou iniciantes na indústria de reciclagem. Os compradores podiam estar interessados em todos os tipos de materiais, para diversos fins, ou apenas no material, para sua empresa.

Segundo os dados da ACSC (2006), havia 15 compradores que freqüentava a lixeira, tendo um comprador que abarcava o maior número dos 517 catadores entrevistados, cerca de 1/3 deles, o Marcelo. Os dados demonstram que cerca de 10% destes catadores costumavam vender para qualquer um destes compradores, sem distinção, logo, a maioria possuía seu comprador de costume, muitos vendendo a dois ou três compradores fixos.

Atualmente, o comprador é o que possui o melhor preço, e o possui justamente pela dedicação exclusiva à compra e venda dos recicláveis, ou seja, ele não utilizará estes materiais, nem possui empresas para isso – é o atravessador. Seus melhores preços se dão pelas negociações com os melhores compradores, normalmente, grandes indústrias, que não necessitam mais participar deste processo de compra diretamente com o catador, nem com depósitos, prensa e transporte de seus materiais, pois o atravessador faz isso.

Perto do aterro, do lado de fora dele, em terrenos bem próximos, existem depósitos com grande quantidade de materiais comprados pelo atravessador. O terreno da frente do aterro é onde se localiza a prensa, uma máquina que comprime todo material comprado, transformando-os em grandes fardéis, pesando toneladas, para facilitar o transporte para as empresas compradoras.

O atravessador possui um único caminhão, cujo motorista eu encontrava todos os dias na lixeira, onde os próprios catadores o enchem. Apenas considera o produto vendido após seu despejo nos depósitos perto do aterro. Os próprios catadores são incumbidos de fazerem a entrega do material no depósito. Eles já podem ter pesado, negociado, vendido, mas ainda assim são eles que carregam e descarregam o caminhão.

Isto diminui ainda mais os custos do atravessador, que não precisa contratar carregadores para este processo nos seus depósitos. Nestes lugares, existem os manobristas das empilhadeiras, que transportam os materiais da prensa para um outro caminhão de venda. Pode haver trabalhadores para carregar os materiais para a prensa, mas estes não necessitam retirá-los do caminhão de entrega de compra, aquele que vem de dentro do aterro.

4.6. A pequena estrada de terra

Cortando todo o espaço da Lixeira, desde o início, há uma estrada de terra, continuação daquela mesma que os caminhoneiros percorrem para chegar ao depósito de lixo, desde a porteira. É nela que encontra-se a maior parte do movimento das pessoas do lugar. Nela existem os breves momentos de lazer na hora do descanso, como os breves jogos de bola⁷³, pelos catadores do aterro.

Nessa estrada há uma constante movimentação de caminhões e de pessoas indo e voltando para o trabalho no lixo, pegando caronas nos caminhões, nas charretes, nos cavalos ou andando até seu destino.

Nela, moradores do bairro ao lado, Fazenda dos Mineiros, se confundem com os trabalhadores do aterro. Ao chegar na estrada principal se torna mais fácil de serem percebidos, usando esse acesso para cortar caminho até o bairro de Itaoca.

O melhor caminho para esses moradores é seguir para o início de seu próprio bairro, muito perto da Estrada de Itaúna, em um largo chamado Manoel da Ilhota. Esse largo é a via central de acesso desse entorno, por onde passam as linhas de ônibus de Itaoca e Fazenda dos Mineiros, os transportes alternativos – kombis – desses dois bairros, além de uma rota diretamente para a cidade de Niterói, sem passar pelo centro de São Gonçalo, através da estrada Br-101.

4.7. A divisa entre Itaoca e Fazenda dos Mineiros

Na divisa entre os bairros de Itaoca e Fazenda dos Mineiros localiza-se essa região do Lixão de Itaoca.

⁷³ Momentos de descontração e lazer eram raros de serem vistos em minhas idas, um pouco pela alteração que provocava no espaço, mesmo após várias idas, mas com fatores mais importantes que isso, como a seriedade maior do espaço atualmente. Eles não se permitem muitos momentos de lazer, conforme se faziam muito presentes na época que poderia chamar esse aterro de Lixão, e que abordarei em um segundo momento.

Ao olhar do alto do aterro, vemos casas muito próximas à Lixeira. Pergunto ao manobrista M. (que trabalha há mais de 20 anos no local) se são casas do aterro. Ele responde: “*Não! Então você não sabe? Isso aqui não tem nada a ver com o Lixão, não. São casas de moradores comuns do bairro Fazenda dos Mineiros.*”

As casas parecem que invadem o espaço do lixo, e assim o fazem por ser esta área muito próxima do início do bairro e, portanto, um dos melhores lugares para se morar desse entorno, pela facilidade de acesso ao centro da cidade e às cidades vizinhas. Em sua grande maioria, os moradores se dizem não-catadores de lixo, não possuindo nenhuma relação com o local.

Em uma de minhas fugidas do sol quente de meio-dia, percorri essa parte do bairro, parando um bom tempo na birosca de Sr.M., que parece funcionar independente da existência do aterro. Por estar em um plano mais baixo do morro (ir descendo o morro) desse bairro não se avista o aterro, apesar do contrário acontecer: quem está do aterro possui uma visão nítida do bairro, podendo observar inclusive a movimentação das crianças em seus quintais, e das mulheres lavando roupas no tanque ou estendendo roupas nos varais.

Converso com Sr.M. por uma hora. Ele inicia falando da Igreja – a primeira do bairro, com cerca de 20 anos de existência – e me aponta a Igreja Evangélica dali, duas casas após a birosca, com seu genro à frente da congregação. Na casa da frente, também possui um grupo evangélico de outra denominação. O único caminho descendo para o bairro é por estreitas ruas de terra, sem pavimentação, que não permitem a passagem de veículos até o local.

Observo a birosca. Há duas garrafas de vinho antigas em uma prateleira, em outra mais abaixo, encontro cinco relógios usados para vender.

Pendurados, três pregos na borda da prateleira, cada qual com um objeto que não entendo o que fazem ali. Dos outros, só me lembro de haverem dois dos relógios pendurados, não me lembrando do que havia no prego do meio.

Havia uma geladeira ao fundo e uma freezer no meio do caminho. Sr.M. se sentava em um banquinho alto, de frente ao balcão de madeira.

Um senhor freguês estava em pé do outro lado do balcão, e conversavam.

Apesar de sua relação com a Igreja, de pouco tempo, Sr.M. vendia bebidas no local. Esse freguês acabara de tomar sua pinga e fora embora.

À primeira vista, o bairro sobrevive sem a intervenção do Lixão. O que não se verifica após algum tempo de visita.

O segundo freguês que entra na birosca é um trabalhador da usina. Caminho com ele depois em direção a seu criadouro de animais. Ele havia feito uma folga rápida do trabalho para alimentar seus porcos, e nesse meio tempo, decidira passar para cumprimentar o Sr.M. Ele me conta que não só ele, como vários trabalhadores da usina são fregueses dali. Me despeço e ele corta caminho por uma viela do bairro que dará diretamente naquela parte mais baixa da usina.

Alem disso, devo mencionar como cheguei ali. Foi através de uma senhora, D.R. a mais idosa que havia encontrado na catação de lixo, juntamente com sua filha, esposa do diácono que Sr.M. mencionaria posteriormente. Eles possuem o maior criadouro que avisto no bairro e o mais perto, na primeira casa vista da Lixeira.

Sua família é de catadores, e dizem catar principalmente para seu criadouro de porcos. Vou conhecendo as famílias do bairro aos poucos, a grande maioria dos moradores das casas mais próximas ao aterro são trabalhadores da Lixeira ou da Usina. Apesar de afirmarem que catam lixo apenas para seus bichos, possuem, de fato, relação com a catação e o espaço do lixo.

4.8. A Rua Projetada

Assim como essa parte do bairro Fazenda que dá acesso ao lixo, o outro lado do aterro também possui relação com o lixo. É onde encontramos a Rua Projetada. De localização estratégica, essa rua possui cerca de 15 casas dispostas na entrada principal, a estrada de Itaúna, com um trailer e um campo de futebol em seu início.

É uma rua de terra pequena e estreita. A maioria de suas casas são de alvenaria. Mesmo nestas, vemos os resquícios das construções do lixo, com casinhas de tapume na parte de trás do terreno, ou no tipo de material que decora toda a casa e quintal.

As casas, cerca de 15. Uma destacava, tudo lindo, plantas na varanda, samambaias, e até a mesa era coberta por um plástico de piscina direitinho... toda cuidada...

Havia uma que era bem pequena, mas tinha piscina de plástico de criança na varanda dos lados...

Outra tinha uma prancha de surf em pé em sua frente, havia outra casa no mesmo quintal mais atrás, apesar desta ser feita de tapume.

Uma das primeiras, tinha uma senhora no quintal que não gostou de nos ver, e tinha várias galinhas, além de patos, e também era bem cuidada, apesar de simples e rústica, tinha cara de casa de vó.

No final da Rua Projetada se encontra a casa do Sr.Z., descrita em outro capítulo. Essa rua é tida por alguns técnicos que trabalham com as pessoas do lixo como a “*Favelinha do Lixo*”. Muitos de meus ex-alunos moravam nela, e hoje ainda encontro alguns, mais velhos, no local. Eram os alunos com as mais difíceis situações de vida.

Identifico poucos de seus moradores como catadores, porém suas casas não deixam esconder essa condição: são mobiliadas visivelmente por materiais retirados do lixo, como se pode observar na decoração de seus quintais, tudo sendo aproveitado e ganhando utilidade, como plásticos, pneus, rodas, madeiras como mesas e bancos, e uma série de outros materiais.

Compreendendo o entorno do Lixão, além do Maciço de Itaúna, na parte de trás, o bairro Fazenda dos Mineiros, no seu lado direito e a Rua Projetada, do seu lado esquerdo, há o espaço da usina de reciclagem, um pouco acima da porteira, também à direita do aterro.

4.9. Maciço de Itaúna – “o vulcão adormecido”

Ao final da área de deposição de lixo encontra-se um Maciço, também considerado uma área de natureza geomorfológica de preservação, o *Maciço de Itaúna*, que apresenta o predomínio do ecossistema de mata atlântica. Um maciço é um bloco da crosta terrestre elevado e montanhoso, compacto, e em geral constituído por rochas antigas – o que desperta o interesse para mineração, fato proibido pela ecologia ambiental. Por este fato, o Maciço de Itaúna também pode ser considerado como uma área de reserva ecológica, onde será criado um Parque Ecocientífico, um Maciço de Conservação, de acordo com a Lei Federal nº 9985, com o intuito de explorar os resquícios das lavas vulcânicas de seu vulcão extinto.

Dizem que no alto do morro que avistamos por detrás dos montantes de lixo (que logo depois percebi que se tratava de um maciço) encontra-se um vulcão adormecido. Me espanto, nunca tinha lido nada sobre isso! Mas eis que essa história é fruto do imaginário popular, como me havia soprado o ‘Pretinho’, um motorista de caminhão loiro lotado para o trabalho na cooperativa, e como eu já havia dito, um dos meus guardiões do local, ao dizer: “Parece que lá em cima tem um vulcão adormecido. É a lenda do vulcão.” (Caderno de Campo - 26 de fevereiro de 2008)

Ali está um dos melhores, senão o melhor, dos picos para vôos de parapent do Estado do Rio de Janeiro, famoso por todo estado. Explicam que os praticantes deste esporte muitas vezes se guiam pelos urubus, que existem lá em centenas, e são conhecidos por planarem nas decidas até o chão, numa demonstração linda dos vôos, com suas asas bem abertas e quietas, apenas sustentadas pelo movimento dos ventos. Ainda há os que falem que os urubus são as verdadeiras inspirações do criador do parapent, observando esse animal. Os urubus nunca colidem uns com os outros durante o vôo, seguindo na direção dos ventos. Os vôos de parapent estão proibidos nessa região, por questões ambientais, segundo meu informante.

Leio a respeito dos vôos de parapent em Itaúna, dos quais todo bom parapentista carioca já ouviu falar, e eis que descubro que o nosso amigo tem razão. Não é lenda: existe mesmo um vulcão adormecido neste lugar.

Com aproximadamente 300 metros de altura, o Maciço de Itaúna, que teve uma atividade vulcânica iniciada há 68 milhões de anos, possui as melhores condições climáticas e térmicas do Estado, ideais para a prática do vôo livre, principalmente parapent.

Essas condições permitem que os esportistas atinjam grandes altitudes em pouco tempo, devido à qualidade de suas térmicas, que se formam periodicamente em torno da rocha, (...) No ponto alto do maciço, pode-se apreciar a vista panorâmica da Serra dos Órgãos, onde se destaca o Dedo de Deus, abaixo, ao fundo da Baía de Guanabara, mostra a beleza dos manguezais da APA de Guapimirim. Avistam-se ainda o Cristo Redentor, todo Maciço da Floresta da Tijuca, o Pão-de-Açúcar, a Ponte Rio-Niterói, e a Br-101.

Avista-se do cume da montanha também, o imponente São Gonçalo Shopping e o Alto do Gaia, o ponto mais alto do Município. Fechando assim um ângulo de 360 graus de uma panorâmica da cidade de São Gonçalo.

Uma observação pode ser feita: inclui-se a vista do Lixão de Itaoca neste vôo.

Em entrevista a um parapentista, ele me relata que em muitos momentos durante os vôos no local dá pra sentir o cheiro do lixo, muito fortemente.

É aí que há o encontro dos homens com os urubus. Assim como eles, durante o vôo, suas prioridades são de reduzir o arrasto e aumentar o planeio. Isso dá uma melhor amplitude de velocidades horizontais durante o vôo. Por isso, os parapentistas ficam do alto do morro esperando uma faropa (é assim que os praticantes de vôo livre chamam as concentrações de urubus no céu). Eles estão nas térmicas, que são bolhas de ar quente que sobem no ar. Elas se formam quando o sol esquenta o solo de dia, liberando calor. Assim, os urubus e os homens dividem em harmonia essas bolhas de ar.

Os urubus necessitam desse tipo de vôo por uma questão antiga, de dificuldades de obtenção de alimentos, por isso se alimentarem historicamente de carniças e manterem seus vôos, planando, para um menor gasto de energia.

Os urubus também foram meu alvo de reflexão e perplexidade por um bom tempo. Um certo dia do trabalho de campo, tive a visão impressionante dos seus vôos:

Teve um momento que todos os urubus fizeram sua dança circular no céu, acima de onde eu estava, cerca de trinta voavam em círculos sobre mim. Até mesmo os que antes observava coçando as asas com o bico, pousados no chão, no terreno ao lado (Caderno de campo, janeiro de 2008).

O morro de trás do lixão, do Maciço de Itaúna, também tem sua peculiaridade: está devastado, e dá pra ver o barro nos dias quentes. Eles eram cobertos por matas, que só são vistas em uma parte da região. Dali vem os bichos mais queridos pelos meus ex-alunos: os micos. Meus alunos que viveram no lixão desde pequenos, narram que o que mais gostavam era ir lá pra trás. Às vezes, nem eram crianças habituadas a trabalhar, mas que freqüentavam o local de certa forma. Falam muito dos micos e da diversidade da beleza da mata, como das de araras e contam os antigos que também havia pica-paus ali. Outra coisa que contam muito é sobre o fato de invadir o lixão ou a mata atrás de balão, também característica muito forte da cultura de São Gonçalo.

Mas o certo é que esse morro hoje se encontra devastado, como começava a falar. Ele já foi reflorestado uma vez e depois voltaram a tentar a pastagem por lá. Desistiram. Já ouvi relatos que seriam posseiros, mas não pude confirmar. O certo é que há uma parte da mata desflorestada e o espaço sem uso específico, apenas ficou assim.

O que era lenda para mim e para muitos se tornou fato e de relevância para essa pesquisa. O que era desconhecimento e ignorância, enquanto moradora da cidade de São Gonçalo e trabalhando no entorno dessa área por mais de sete anos, se tornou uma grande descoberta, por nunca ter ouvido antes dos moradores da região, nem mesmo ao falar sobre aquela área específica, sendo percebido em uma conversa casual na boléia de um caminhão rumo ao lixo.

Ambas reservas encontram-se degradadas pela ação do homem, porém de diferentes formas, com parte da planície de mangue devastada para implantação de um vazadouro de lixo, e o maciço, devastado para pastagem, além de uma parte de serra retirada para mineração⁷⁴ (“figura” 12).

⁷⁴ Através da imagem de satélite aproximada da área do Maciço de Itaúna, percebe-se uma parte de serra retirada pela exploração do homem, como as extrações de minérios, materiais inorgânicos, para mineração – observada pelo Google Earth (software do Google).

O Lixão de Itaoca, hoje é como um *intermezzo* entre a região preservada de mangue da APA de Guapimirim, e o Maciço de Itaúna, localizados na bacia da Baía de Guanabara. Juntos, conformam uma região de grande interesse para ecologia ambiental, integrando uma imensa reserva ecológica da atualidade.

Considerações Finais

Esta etnografia do Lixão de Itaoca procurou narrar o possível drama envolto na questão do fim desse aterro e assim, da atividade da catação de lixo. Os últimos dias da Lixeira referem-se, na verdade, a um longo e difícil processo de destituição do aterro de Itaoca. Tudo começa na concessão da gestão do aterro para a empresa CTR Alcântara, em 2004. Este ano foi o marco do início dos estudos no local para as melhores formas de transformação do vazadouro de lixo em aterro controlado, com equipes de engenheiros dentre outros profissionais responsáveis por essa etapa. As transformações podem ser observadas nas figuras 1 a 5, correspondentes às mudanças que datam de 2004 a 2006 no espaço físico do aterro.

Juntamente a isso, a equipe técnica da área social da empresa, composta por assistente social e agente social iniciou o trabalho de transferência dos catadores de lixo da atividade informal da catação na Lixeira para a condição de cooperativados da Usina. A Usina foi criada assim que a empresa assumiu o aterro, mas só começou o seu funcionamento de fato no ano de 2008. Durante todo esse período, muitos conflitos foram vistos, pois os catadores de lixo, em sua maioria, não aderiram a Cooperativa de Catadores e o conseqüente trabalho na Usina e persistiram em continuar suas atividades na Lixeira.

A atividade da catação de lixo foi se tornando cada vez mais árdua, pois os caminhões de lixo que antes seguiam para a Lixeira passaram a despejá-lo direto na área da Usina. Apenas os restos de lixo eram depositados na Lixeira. Estes correspondiam aos que não deram conta de serem recolhidos pelos cooperativados durante o dia, no horário de trabalho regular, a saber, das nove horas às dezessete horas. Outra contribuição desfavorável aos catadores que não aderiram à cooperativa é a ida dos cooperativados, antes e depois de seu expediente de trabalho na Usina, para a Lixeira, como forma de complementação de renda.

A cooperativa de trabalho era composta por mulheres em sua maioria, além de idosos e pessoas com dificuldades na realização do trabalho de catação na Lixeira, por questões de saúde ou resistência às insalubridades locais. Além disso, como cooperativados, o salário variava de acordo com a produtividade, sendo dividido igualmente por todos independente de diferenciações de produções individuais. O dinheiro que recebiam acabava sendo muito pouco, segundo eles. Na Usina, a alimentação era comunitária e deveria ser mantida por todos os trabalhadores, a

negociação do preço do material era realizado por terceiros (responsáveis pela cooperativa), havia a interferência direta dos funcionários da empresa, enfim, tudo isso os tornavam mais vulneráveis e suscetíveis de insegurança e desconfiança nas relações de trabalho das quais se encontravam submetidos.

Além de tudo isso, o fim da vida útil do aterro, ou seja, da sua capacidade de deposição de lixo sobre o terreno, já foi decretada desde meados de 2000. A permanência das atividades no local se tornava um agravante à poluição desse ambiente. Pior que isso, o aumento de sua extensão ao longo desses quarenta anos de existência o fez atingir a área de reserva ambiental delimitada por legislação própria. Se antes havia a dúvida de sua existência na área de proteção, essa não é mais cabível na atualidade. O ecossistema de manguezal “preservado” da APA de Guapimirim, da qual Itaoca faz parte, está cada vez mais desgastado pela contaminação proveniente do lixo.

Ações efetivas foram feitas, como a criação do lago do xorume, onde o líquido percolado expelido do lixo passou a ser coletado e posteriormente tratado para reutilização como água para regas de plantas de áreas públicas e limpezas de vias urbanas. Isso não garantia a sua total recolhida, considerando-se que parte do lixo, apesar de sua menor quantidade, ainda era depositado sobre o terreno do aterro, logo, apesar dos cuidados de composições de camadas de argila e demais precauções, os riscos de contaminações dos solos e lençóis freáticos estava presente.

A busca por novo local para o aterro de São Gonçalo se deu cercada de conflitos com associações de moradores dos bairros pretendidos e de manifestações populares, com uso inclusive de recursos midiáticos nesse sentido, na luta por afastamento do aterro de tais centros urbanizados. A presença da APA de Guapimirim no local atual impossibilitou-o de ser sede do novo aterro. Assim, os catadores de lixo se viram obrigados a projetarem mudanças bruscas de modos de vida e sustento para se adaptarem a nova realidade que vinha sendo anunciada desde 2004, e que até o ano de 2011 ainda não havia se tornado de fato – a da extinção do aterro de Itaoca.

Durante a pesquisa, observou-se que diversos catadores procuravam outros lixões como os de Gramacho, da cidade do Rio de Janeiro, e do Morro do Céu em Niterói, como alternativas para as dificuldades do lixão de Itaoca. E esse movimento também era observado por catadores dessas outras origens, vindo para o aterro de Itaoca. Alguns fatores contribuíram, como as demolições e prejuízos das chuvas de abril

de 2010, que atingiram o Morro do Céu, e das ações da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro no sentido de extinção do lixão de Gramacho e a efetivação do aterro de Nova Iguaçu.

As dificuldades dos pescadores, caranguejeiros e descarnadeiras de siri, que sobrevivem do ecossistema local de manguezal também estão diretamente relacionadas com esse objeto de pesquisa. A escassez do pescado e as conseqüentes imposições de longos períodos de proibição da pesca e catação de caranguejos são legalizadas nos chamados “defesos”, quando os animais estão reproduzindo. Isso leva a atividade cíclica de alternância entre estas práticas e a catação de lixo como meio de sobrevivência. Muitos acabavam obtendo maior renda na catação de lixo e se mantinham durante longo período nessa atividade. Ainda assim, ao serem questionados sobre sua profissão, se diziam pescadores ou caranguejeiros, conforme observado em entrevistas dirigidas.

Todas essas questões e demais desdobramentos, observados durante a pesquisa, remetem a discussão de ética ambiental, pois nesses casos a ação do ser humano afeta diretamente o seu modo de vida e o seu habitat. Conflitos ambientais de diversas ordens são vistos. Diante de tudo isso está o catador de lixo. Por mais de quarenta anos centenas de pessoas, de todas as idades, realizaram ali em Itaoca a atividade da catação de lixo. Os catadores durante muito tempo fixaram residência em meio a Lixeira e nas proximidades do aterro, nos bairros de Itaoca, Fazenda dos Mineiros, Itaúna e demais fronteiros. Inúmeros foram os catadores que sequer tinham documentos de identificação, freqüentaram a escola, e pouco percorriam o centro urbano da cidade de São Gonçalo.

Uma morfologia social pode ser vista nesse território. Diversas formas de organização política e econômica foram estabelecidas e se configuraram nessas décadas de existência do aterro. Categorias próprias de classificação se encontram nitidamente formadas. A *Lixeira*, o *material*, as formas de interdição e afastamento do *sujo*, e diversas outras classificações nativas são claramente definidas. As suas subjetividades são afetadas por uma série de fatores, como descrevem, por exemplo, na necessidade de se ter “*nariz forte*”. Em contrapartida, os estigmas, as categorizações como espécies de outsiders em seus bairros, por seu trabalho na Lixeira, também se tornam explícitos durante esses dez anos de coleta de material de pesquisa.

A polifonia do material coletado durante esse longo período de pesquisa e atenção para esse local, e os múltiplos fatores descritos tornaram desafiadora a confecção dessa proposta de etnografia. Desdobramentos diversos são permitidos e não se esgotam nestas considerações aqui referidas. Os conflitos ambientais, as controvérsias acerca desse objeto dão margens a inúmeras críticas e análises.

Em meio a isso, enquanto pesquisadora me senti “afetada” por diversas questões, principalmente pela insalubridade e reações minimamente subjetivas a esse ambiente considerado por todos inóspito, cercado de tabus, de acordo com as representações usuais que temos do lixo e do ambiente em que se encontra o lixo – a Lixeira. A escala lógica da sensibilidade, como na repulsa dos cheiros, foi sentida mesmo após dias de afastamento da Lixeira, pelo cheiro exalado pelas minhas botinas. Por muitas vezes, hesitei em voltar ao campo, tive repúdio da comida e da bebida, mesmo em biroscas afastadas da Lixeira, onde o gosto do líquido parecia lembrar-me algo do lixo.

A passagem de papéis, de educadora social à etnógrafa também necessitava ser problematizada nessa pesquisa. Por vezes, tarefa árdua após tanto tempo de convivência com os catadores e ex-catadores de lixo. Apesar disso, procurei deixar as crianças falarem, dando voz a esses atores através das suas representações coletadas, como das redações e desenhos que se mostraram altamente descritivos, principalmente após minha efetiva inserção na Lixeira. Essas imagens produzidas por eles passavam como filmes muito bem elaborados da realidade de fato. Por tudo isso, os últimos dias da Lixeira não poderiam deixar de ser tão significativos, narrando as questões de ética ambiental e os reflexos aos catadores de lixo.

Referências Bibliográficas

ADAMETES, Claudia Megale. *Trajetória de uma associação de catadores(as) de lixo no Brasil: em busca de um lugar social*. 2004 <<http://ces.uc.pt/LAB2004>>

Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. *Tratamento inadequado de lixo hospitalar gera risco em São Gonçalo*. Rio de Janeiro: ALERJ, 2007. <<http://www.alerj.gov.br>>

AZEVEDO, Silva Filho, E.V.; DAMASCENO, Nascimento, L.C.A. *Panorama das Usinas de Beneficiamento de Resíduos Sólidos Urbanos do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 2000. <<http://elprofe.ies.espana.es/docs/resrio3.pdf>>

BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In.: *Paisagem, Tempo e Cultura*. CORRÊA, Roberto Lobato & Rosendahl, Zeny. Editora UERJ. Rio de Janeiro, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. Brasiliense. Brasília, _____.

BRITO, Ana Lucia. *Implantação de Infra-estrutura de saneamento na região metropolitana do Rio de Janeiro*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. São Paulo: ANPUR, 2003, v.5.

CASTRO, Josué. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro. 1946.

_____. *O Ciclo do Caranguejo*. Porto: Brasília, 1966.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica – Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

COHN, Gabriel (Org.). Weber – *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Ática. São Paulo, 1991.

COUTINHO, Eduardo. *Boca do Lixo*. Rio de Janeiro. 1993. (documentário)

COUTO, Márcia Nazareth Cordovil. *Percepção Ambiental de Grupos Representativos da Comunidade de Itaoca, São Gonçalo/RJ*. Niterói: UFF/PPGA, 2006 (dissertação).

CTR Alcântara. *Programa de Integração de Catadores (PIC)*. São Gonçalo: 2008. <<http://www.wds.worldbank.org>>

DAGNINO, Ricardo de Sampaio. *Um olhar geográfico sobre a questão dos materiais recicláveis em Porto Alegre: sistema de fluxos e a (in)formalidade, da coleta à comercialização*. Porto Alegre. URGs, 2004.

DAISENE, Ivonéte. *Aterros Sanitários geram energia elétrica*. São Paulo: Gazeta Mercantil, 2007, nº 103911.

DAMATTA. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

_____. *O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”*. Universidade de Brasília. Brasília: 1974.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Editora 34. 1990.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. “Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. In: *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora 34. 1992.

DIB-FERREIRA, Declev Reynier. História Ambiental do Morro do Céu. In: *Educação Ambiental: Projeções do Século*. MATA, Speranza (org). Rio de Janeiro: MZ Editora, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Edições 70, Brasil, LTDA. RJ, 1991 [1976].

_____. *El Levítico como literatura: uma investigação antropológica y literaria de los ritos en el Antiguo Testamento*. Ed. Gedisa, S.A. Barcelona: 2006 [1999].

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. “Algumas Formas Primitivas de Classificação”, in *Ensaio de Sociologia*. Perspectiva. Rio de Janeiro, 1989 [1903].

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1986.

_____. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985. 4ª edição.

EIGENHEER, Emílio. *Lixo, Vanitas e Morte*. Considerações de um observador de resíduos. Eduff. Niterói, 2003.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

EVANS-PRITCHARD. *Os Nuer*. Perspectiva. São Paulo, 1993.

FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FAVRET-SAADA, Jeanne (2005). *Ser afetado*. Tradução de Paula Siqueira. *Cadernos de Campo*, ano 14, n.13, pp.155-161.

FERNANDES, Bernardo Mançano & GONÇALVES, Carlos Walter Porto (Orgs). *Josué de Castro: vida e obra*. Expressão Popular – 2 ed. – rev. e ampl. São Paulo, 2007.

GEERTZ, Clifford. *NEGARA – O Estado e o Teatro no Século XIX*. Memória e Sociedade. Rio de Janeiro, 1991.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Vozes. Petrópolis, 1975.

_____. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, quarta edição. 1982.

GOMES, Luiz Cláudio Moreira. *Lixo e Cidadania: catadores de materiais recicláveis do aterro metropolitano de Jardim Gramacho*. Revista UFF/PPGDSD. Niterói/Porto Alegre: Editora Síntese, 2005.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.

HAESBAERT, Rogério. *Território e Multiterritorialidade: um debate*. *GEOgraphia*, ano IX - n° 17. Niterói, 2007.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1975.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Segurança Alimentar 2004*. RJ: IBGE, 2006.

_____. *Censo Demográfico 2000*. RJ: IBGE, 2000.

JIMENO, Miriam. *Unos Cuantos Piquetitos: violencia, mente y cultura*. Cahiers des Amériques Latines N°45.

LAPLANTINE, François. *A Descrição Etnográfica*. Terceira Margem. São Paulo, 2004.

LEACH, Edmond R. *Sistemas políticos da alta Birmânia*. Edusp. São Paulo, 1995.

LEFEBVRE, Henry. *Espaço e política*. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2008.

LEITE, Luiz Edmundo & LIMA, Luiz Henrique. *Programa de despoluição da Baía de Guanabara – críticas das críticas e reavaliação empírica*. Rio de Janeiro: ABES, 2004.

LÉVI-STRAUSS. Coleção *os Pensadores*. Abril. São Paulo, 1980.

LOWIE, Robert. H. *Historia de La Etnologia*. Fondo de Cultura Economica. México, 1946.

MAIA, Maria Bernadete Reis. *Do Defeso ao Seguro Desemprego do Pescador Artesanal: a inclusão do pescador nas políticas públicas de seguridade social*. 2009. PPGS/ UFA (dissertação).

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental – um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Abril. São Paulo, 1976.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre as Variações Sazoneiras nas Sociedades Esquimó”, in *Sociologia e Antropologia*. EPU – EDUSP. São Paulo, 1974.

MEDEIROS, Marília Salles Falci. *O trabalhador infantil* – estudo sobre o trabalhador autônomo do menor de rua. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1985 (dissertação).

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro, IBAM. 156p.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno (2004). *Gente das Areias: história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro*. Maricá-RJ – 1975 a 1995. Niterói, EdUFF. 419p.

MENDES, F. “Regulação ou regulamentação?”. *Rdnews*, Mato Grosso, 2011. <<http://www.rdnews.com.br>>

MEUNIER, Jacques (1978). *Os Moleques de Bogotá*. São Paulo, DIFEL. 158p.

MORAES JUNIOR, Armando S. G.; MARTINS, Agnaldo J. P.; e COSTA, Luiza C. *Recuperação de Área Degradada por Disposição Irregular de Lixo: um estudo de caso do aterro de Itaoca* – São Gonçalo. 2006.

NAKASHIMA, Leonardo e PRANTERA, Mônica. *Estudo da Poluição da Baía de Guanabara*. RJ: UNIGRANRIO, 2006. Saúde & Ambiente Revista.

NETO, José Pedro. *Análise do Cadastro Social dos Catadores de Itaoca*. CTR Alcântara, 2006.

NUNES, Edson Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

NUNESMAIA, Maria de Fátima. *A gestão de resíduos urbanos e suas limitações*. Revista Baiana de Tecnologia S.S.A.: 2002, v.17.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Catadores de dignidade: assimetrias e tensões em pesquisa no lixão. In: *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Nadir Zago; Marília Carvalho Pinto & Rita Amélia Teixeira Vilela (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 1.ed. (p.265-286).

_____. *Significado da escolarização para um grupo de catadores de um lixão*. Rio de Janeiro: Scielo, Cadernos de Pesquisa: 2005, v.35 (p.141-170).

PDBH-BG – Programa de Despoluição da Baía de Guanabara. *Relatório Final – Síntese*. Rio de Janeiro, out. 2005.

PELLENS, Roseli (coord.). *Educação Ambiental na Ilha de Itaoca*. Resultado Final. Niterói, 2002. <<http://www.portalbaiadeguanabara.com.br>>

RELATORIO DE ATIVIDADES AMBIENTAIS. S.A. PAULISTA (2005 E 2006)

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

_____. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

_____. “A Infância e o Poder”. In: *Ensaio em Antropologia do Poder*. Rio de Janeiro: Nau, 1992.

_____. *Higiene e Ilusão: O lixo como invento social*. Rio de Janeiro: Nau, 2006 [1995].

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade/ Subjetividade em tempo de globalização. In: *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. São Paulo: Papirus, 1999.

SAUMA, Julia Frajtag. *Encontros cartografados: reflexões sobre encontros entre meninos e educadores de rua.* 2006. <<http://www.revistacadernosdecampo.blogspot.com/>>

SERRES, Michel. *O que é a identidade?* Mimeo (Artigo originalmente publicado em janeiro de 1997 pela revista *Le Monde de l'Education et de la Formation*).

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo e subjetividade e tecnologias digitais.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SILVA, Hélio R.S. O menino, o medo e o professor de Saarbrücken. In: *Cidadania e violência.* 2ªed. rev. UFRJ/UGV, 2000.

SILVEIRA, Ana Maria Miranda. *Estudo do Peso Específico de Resíduos Sólidos Urbanos.* Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2004 (dissertação).

SIMÕES, Soraya Silveira (2008). *Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro.* Tese de Doutorado em Antropologia. Niterói, Universidade Federal Fluminense.

SOUZA, Caroline Matias de. *Recuperação de áreas degradadas em aterros sanitários.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2007 (dissertação).

SOUZA, Paola. *Encontros e Despedidas dos catadores do Lixão de Itaoca.* UFF. Niterói, 2008. (monografia).

VELHO, Gilberto. *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte.* Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1977.

VIANA, Nildo. *Catadores de Lixo: Renda Familiar, Consumo e Trabalho Precoce.* Estudos – Negócios. UCG. Vol. 27, n.3, jul.set./2000.

WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma* – notas etnográfica de aprendiz de boxe. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2002.

WALKER, Lucy. *Lixo Extraordinário*. Rio de Janeiro. 1993. (documentário)

WALTY, Ivete. ALCEU. *De lixo e bricolagem*.– v. 5 – n. 9 (62-76). 2004.

WHITE, Willian Foote (2005 [1943]). *Sociedade de Esquina*. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 392p.